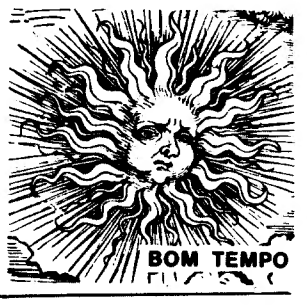
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1972 -N.º 17716-ANO 52.º- PREÇO 1$50



No Camboja a guerra também aumenta de intensidade: aqui, soldados do regime Lon Nol carregam o cadáver de um companheiro. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

SÉTIMA ESQUADRA ATACADA NAS ÁGUAS DO TONQUIM

SAIGÃO, 18 (R.) — Dois navios de guerra americanos armados com mísseis foram atacados e danificados no golfo de Tonquim, segundo anunciou hoje o comando militar americano. O comunicado não dá pormenores do ataque, limitando-se a dizer que se registaram dois incidentes em consequência dos quais houve baixas entre as tripulações.

Um informador americano recusou-se a confirmar notícias segundo as quais os ataques teriam sido desencadeados por unidades navais norte-vietnamitas.

Um breve comunicado aqui distribuído pelo comando americano diz ter sido informado de que a fragata «Worden» e o contratorpedeiro «Bucha-

Continua na pág. 14

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

AJAX CONFIANTE

O Ajax está desde ontem em Lisboa, cheio de confiança nas suas possibilidades de eliminar o Benfica. Cruyff, uma das grandes estrelas do «team», ao centro na foto de António Capela, lembrou ao «DL»: «Ainda no sábado demos 5 a 1 ao Feyenoord, lá no campo deles». O guarda-redes Stuy disse que pode até deixar passar duas bolas, que os companheiros do ataque, lá na frente, marcarão três ou quatro. Do nosso lado, o optimismo não é menor: mesmo desfalcado, o Benfica, sob o comando de Eusébio, pode garantir a ida à final. (Entrevistas nas págs. desportivas).

Sinal de alarme no comando da Apolo 16

HOUSTON, 18 (FP/«DL») — URGENTE — Um sinal de alarme soou esta manhã a bordo da cabina de comando da «Apolo 16», indicando a possibilidade de avaria no sistema de orientação e de controle. O piloto Thomas Mattingly comunicou para Houston, às 9 e 30: «Parece que a plataforma gelou». Nada indica que os astronautas estejam em perigo no momento: existe a bordo um sistema secundário que lhes permitirá regressar a Terra, em caso de emergência.

O novo edifício Castil

O Eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, esteve esta manhã no novo edifício Castil, inaugurando parte das instalações. (Veja suplemento especial nesta edição do «DL»).

O Tejo já não é modo de vida

Mais de trezentos pescadores das águas poluídas do Tejo estão ameaçados no seu modo de vida pela falta de peixe e pela concorrência das traineiras de arrasto. Outras tantas famílias pagarão assim com a miséria as consequências do progresso. Quem os ajudará a defender o seu ganha-pão? (Reportagem nas págs. centrais).

HOJE
SUPLEMENTO DE ECONOMIA

MAIS ATRASOS NA LINHA DE SINTRA

Como já vem sendo habitual, voltam a repetir-se os atrasos de composições na linha de Sintra e voltam a repetir-se as queixas dos utentes que ainda confima no tão violado horário da CP.

Ao que parece, segundo relato dos prejudicados pois que dos funcionários da companhia nada pudémos saber (como já vem sendo habitual), a irregularidade foi causada por um mau funcionamento de agulhas, perto de Campolide. Devido ao facto, registaram-se atrasos de cerca de 30 minutos em algumas carreiras matutinas, vendo-se a CP obrigada a cancelar a circulação de composições para não agravar a situação da linha.

Assim vai a linha de Sintra. Mal, certamente...

Um esclarecimento da C.P.

A propósito das anomalias hoje verificadas na linha de Sintra, a C. P. enviou-nos o seguinte comunicado:

«No sentido de fornecer ao público um esclarecimento exacto das ocorrências técnicas verificadas hoje, na linha de Sintra, a C. P. informa que três circunstâncias imprevisíveis motivaram a irregularidade na circulação de comboios, no período das 6.35 horas às 10.30 horas.

1. Falta de corrente no sector da rede pública na zona de Campolide que provocou oito falhas intermitentes na catenária das 6.55 horas às 9.26 horas, alterações no esquema de sinalização de Campolide e consequentes perturbações na marcha dos comboios.

2. Avaria na sinalização da estação do Rossio que afectou o feixe de linhas n.os 6 a 10 no período das 6.35 horas às 7.35 horas.

3. Avaria, por aquecimento excessivo dos calços da unidade motora do comboio descendente n.º 4716 que perdeu nove minutos em Queluz e onze em Benfica.

Todas estas anomalias provocaram atrasos em dois comboios na ordem dos quarenta minutos, em vários outros na ordem dos trinta minutos, sendo suprimidos dois comboios. Às 10.30 horas a situação estava pràticamente normalizada.

A C. P. deplora profundamente os incómodos e transtornos causados ao público com estas perturbações na marcha dos comboios, continuando a envidar todos os seus esforços para obviar a todos estes inconvenientes, na medida em que eles dela dependerem.

No caso particular da linha de Sintra, além dos programas de prolongada execução que não derivam apenas da renovação das linhas ou da substituição do material circulante, há circunstâncias particulares que a actuam ainda mais desfavoràvelmente e que só a continuação de uma política de vultosos investimentos no âmbito do plano de reconversão do caminho de ferro pode resolver».

Visita ao Centro Social da Pontinha do Subsecretário da Assistência

A dr.ª Teresa Lobo numa fase da visita

O subsecretário de Estado de Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo, visitou esta manhã o Centro Social do Bairro do Padre Cruz, à Pontinha, obra de integração e promoção social orientada e coordenada pelo serviço social da Misericórdia de Lisboa.

Acompanhada pelo provedor da Misericórdia, dr. Lino Netto, a titular da pasta de Saúde e Assistência teve oportunidade de apreciar as múltiplas actividades daquele centro de acção social, percorrendo, demoradamente, um estúdio para ocupação de tempos livres, a funcionar numa ampla sala da cantina escolar, onde cerca de 400 crianças, distribuídas por dois turnos diários, cultivam a pintura, a música, o teatro, o canto e a leitura.

A dr.ª Teresa Lobo percorreu ainda algumas das restantes instalações do equipamento social, nomeadamente a creche, o dispensário farmaceutico, o jardim de infância, e nas dependências do serviço social assistiu à distribuição de almoços a pessoas idosas.

Amanhã, pèlas 10 horas, o subsecretário de Estado de Saúde e Assistência estará no Centro de S. João das Lampas, à Ericeira.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No Plenário Criminal da Boa-Hora, presidido pelo desembargador sr. dr. Morgado Florindo, e ocupando a tribuna do Ministério Público o sr. dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República, prosseguiu esta manhã o julgamento de doze incriminados, incluindo uma senhora por actividades contra a segurança do Estado.

Os acusados são: Joaquim de Sousa Duarte, de 40 anos, casado, alfaiate, natural da Marinha Grande; Carlos Artur Lopes Correia, de 28, solteiro, delegado de vendas, em Lisboa; José Guerreiro Drago, de 36, casado, serralheiro civil, de Mértola; Aureliano Joaquim José dos Santos, de 43, casado, estivador, de Mértola; Miguel Camilo, de 51, casado, pedreiro, de Dois Portos (Torres Vedras); João Viegas dos Santos, de 21, casado, mecânico de máquinas de escritório, de Tavira; João Augusto Ferreira Mota, de 25, solteiro, empregado de escritório, de Lisboa; Joaquim Diogo Velês, de 51, casado, empregado de armazém, de Avis; Maria Joaquina da Piedade Cabral de Sousa Dominguez, de 47, viúva, empregada de escritório, de Lisboa; Fernando Joaquim, de 61, casado, corticeiro, de Silves; Faustino Moreira da Costa, de 53, serralheiro civil, casado, de Belas (Sintra), e João Manuel Ribeiro da Silva, de 32, casado, montador de elevadores, de S. João dos Montes (Vila Franca de Xira).

Segundo o processo, ps primeiro, terceiro, quinto, sexto e oitavo andavam em liberdade condicional, por cinco anos, depois de haverem expiado a pena imposta por crimes contra a segurança do Estado, como membros do Partido Comunista Português.

Esta manhã foi ouvida apenas uma testemunha de acusação, o sr. João Manuel Ribeiro da Silva, agente de 1.ª classe da D. G. S. A outra testemunha acusatória faltou. As 90 testemunhas de defesa serão ouvidas na sessão de hoje à tarde.

São patronos dos acusados os srs. drs. Jorge Sampaio, José Pinheiro Lopes de Almeida, Manuel Correia Nunes, Joaquim Pereira da Costa, António Caldeira Marques, Dr.ª Laura Lopes, José Manuel Galvão Teles, José Manuel Duarte, Duarte Turras, Manuel Macaista Malheiros e Dr.ª Maria Adelaide de Paiva.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por CASA MODABELA de Manuel Gomes Barruncho, R. Vasco da Gama,21-21A LECEIA (QUELUZ)

VENDA PARTICULAR
MOBILIÁRIO USADO
Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

BESCL

ABRA NOVAS PERSPECTIVAS À SUA VIDA.

Consulte os nossos serviços de Crédito Individual.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Opinião

OS PEQUENOS GRANDES CRIMES

Além de representar sério motivo de preocupação para todo o mundo, a poluição tornou-se excelente tema de retórica, campo de manobras verbais de efeito seguro, particularmente quando substitui os já cansados tropos do saudosismo rural e pastoril. Convém por isso verificar que móbeis estão por trás da justa indignação que o espectáculo do mundo sujo está provocando. A poluição é, evidentemente, um mal, uma forma de doença que envenena a atmosfera e alastra placas esclerodérmicas sobre uma terra que já quis ser a imagem imediata de uma premonição paradisíaca...

Mas a poluição é também a «besta negra» do sentimentalismo tradicionalista que não admitia outros fumos que não fossem aqueles que à tardinha se evolavam mansamente dos telhados das aldeias, enquanto os sinos da igreja tocavam, suaves, as ave-marias...

Eram bons tempos, esses, ao que nos dizem...

Por uma razão ou por outra, a luta contra a poluição tem de ser feita em nome da saúde da humanidade e da beleza da terra. Mas deve ter a implacabilidade da justa razão, e não se apresentar com o lacrimejar de um paraíso perdido. Deve ser movimento para diante, e não tineta regressiva. E deve apoiar-se, se quiser ser eficiente, numa armadura legal deliberadamente mais rigorosa do que à primeira vista seria justificável. Essa armadura deve mesmo ser exagerada e não se importar de o ser. Deve ser efectivamente repressiva e punitiva, não admitir recursos, nem processos longos. Se isto não se fizer, pouco faltará para que o mundo se transforme numa vasta montureira, com os mares condenados à função triste de fossa de imundícies.

Certos exemplos que desta luta nos vêm de fora deveriam ser aqui tomados em consideração, nunca como manifestações excêntricas para alimento de certo tipo de curiosidade que as agências noticiosas estimulam. Um desses exemplos chega-nos agora da Baviera, onde foram estabelecidas severíssimas penalidades contra os responsáveis da poluição, nas suas múltiplas expressões, desde o simples acto individual, na aparência insignificante, até à falta manifestamente criminosa.

Deram já os jornais publicidade a algumas dessas penas, mas não será inútil repeti-las aqui. Assim, será punido com multa equivalente a 1200 escudos quem deixar abandonado um saco de plástico com lixo; o abandono de uma carcaça de automóvel é passível de multa de cerca de 4 contos; o invólucro de um maço de cigarros lançado para o chão, custa ao descuidado cerca de 80 escudos de multa; e, a nível federal, um projecto de lei prevê pena de prisão até dez anos e multas de 800 contos para os responsáveis pelo barulho e pela poluição atmosférica.

Haverá certamente quem proteste contra tal severidade, quem, em nome de direitos tantas outras vezes esquecidos ou menosprezados, invoque ou invente um direito mínimo à sujidade...

Realmente, o homem foi desde sempre um animal que suja, e nunca se lhe pediram responsabilidades por essa inclinação. Mas qualquer de nós poderá ver que os limites comportáveis para a poluição, aquela poluição que a própria natureza se encarregava de assimilar e utilizar em nosso proveito, estão desde há muito excedidos. É tempo de sair da fase pacífica dos avisos e recomendações.

Como sugestão local imediata, propomos que um qualquer município do País, ao abrigo da sua competência administrativa, se arvore em região-piloto de luta contra a poluição. Será pelo menos tão útil como aconselhar os munícipes a pôrem vasos de flores nas janelas...

Falando de astrologia

Mesmo sem pensar muito no assunto, qualquer de nós seria capaz de supor que todas as ciências existentes convergem para o local donde arrancam os foguetes que transportam os astronautas à Lua. Dispensamo-nos mesmo de enumerar as principais, porque logo aí devem ser pouquíssimas as que ficam fora. Por maioria de razão poríamos de lado uma velhíssima «ciência» (ou paraciência) que tem moído o juízo a muita gente: a astrologia.

Mas, afinal, parece que até a leitura dos astros vai ter de influir nas próximas viagens de Cabo Kennedy: segundo a astróloga Sybil Leek, os astros não se mostram propícios ao êxito da missão Apolo-16. E acrescentou. «Esta viagem é uma daquelas em que eu não gostaria de participar.» Que poderemos acrescentar a estes maus agoiros? Só isto: nem nós...

Falando de Belas-Artes

Teve excepcional publicidade o acto de posse dos novos professores da Escola Superior de Belas-Artes, os escultores António Paiva e João Fragoso: noticiário abundante, fotografias, autógrafos, sorrisos, abraços, congratulações, votos, declarações de fé e de princípios, etc., etc... Nada temos contra a publicidade, aplaudimos tudo quanto se faça para tornar a arte e os artistas «material» de consumo corrente, mas este caso pareceu-nos excessivamente «eruptivo» para ser natural. Funcionaram as relações públicas da Escola? Óptimo. Seja como for, parabéns aos novos professores...

Falando de teatro

A propósito da muito falada proibição da peça «A Mãe», declarou o deputado Cotta Dias na Assembleia Nacional: «Desta forma funcionou um regime (o da censura aos espectáculos) que existe, que se tem por muito fundamentado, e se encontra claramente definido perante público, empresários e profissionais de espectáculos e que não é aceitável ver desvalorizado ou posto em causa por aqueles a quem não agradem as consequências do seu funcionamento.»

Falando de cinema

A alguns causa espanto esta maré de interesse renovado pelo cinema português, ou, mais rigorosamente, por um novo cinema português exemplificado pelos filmes de Manuel de Oliveira, Fonseca e Costa e Fernando Lopes, recentemente estreados. Essas pessoas deviam ter começado a espantar-se há dois anos quando foi apresentado «A Grande Roda» de Manuel Costa e Silva: já aí se anunciava que se aproximavam novos tempos para o nosso cinema, com ou sem subsídios... Agora Costa e Silva recebe um Prémio de Cinema instituído pela Casa de Imprensa, relativo a 1970: parabens!... E parabéns também pela sua fotografia do filme «Uma Abelha na Chuva». Dê-se trabalho a Costa e Silva!

Roque Laia

DEBATE SOBRE O INQUILINATO

Durante muito tempo era, pràticamente, impossível discutir problemas relativos a «inquilinato». Nem sequer se falava «em» __ ou «no» __ Direito à Habitação.

Tal matéria era um autêntico «tabu»; e, os que o desrespeitavam, o menos a que se arriscavam era a serem acusados de atentarem contra o... «sagrado» direito de propriedade... contra o «sagrado»... «direito»... dos senhorios levarem, no início de cada mês, a quase totalidade das receitas dos orçamentos familiares da grande maioria das famílias arrendatárias.

Graças, porém, à actuação da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, às publicações que ela tem patrocinado, o «tabu» quebrou-se e, hoje, o assunto pode começar a ser debatido pùblicamente.

Mas nem sempre essa discussão é isenta de erros e de desvios.

Uns e outros, algumas vezes, resultam do desconhecimento do âmago do assunto debatido; outras vezes são erros e desvios em que prepositadamente se incorre como meio de estabelecer confusão, de envolver o assunto numa

autêntica «cortina de fumo» que encobre as realidades aos olhos dos próprios arrendatários vítimas dessas realidades.

Fala-se, já, em «mercado de arrendamento»; aceita-se que o proprietário que a ela ocorre o faz impelido pela miragem do lucro fácil, certo, e grande, lucro proporcionado pela grande diferença entre a grande procura e a pequena oferta de casas para arrendar, lucro que atinge percentagens que a nenhum outro comerciante são permitidas.

Já se começa a compreender que o simples «proprietário» e o «proprietário-senhorio» são duas entidades diferentes, que nada mais têm de comum, além do facto de deterem, na sua posse privada, uma porção de propriedade.

Uma ou outra vez já se ergue contra a especulação que existe, livremente, no mercado de arrendamento, especulação que nenhuma lei limita, que nenhum aparelho repressivo atinge e reprime.

E os senhorios sentem-se cada vez mais sólida e tranquilamente seguros na situação ultraprivilegiada que o seu grupo alcançou entre a classe possidente, na qual disfrutam posições políticas, económicas, sociais e de decisão que lhes permite uma defesa segura e contínua dessa sua privelegiada situação.

Mas, o conflito em que se debatem, diàriamente, as aflitivas condições criadas às famílias arrendatárias, não se compadece com camuflagens, não permite aceitar desvios, cortinas de fumo,.

Impõe que os arrendatários, embora em posição difícil de fazerem servir os seus legítimos protestos, se não calem e desmistifiquem o problema, desmascarem atitudes, se não deixem «embalar» pelo canto do cisne...

Há que fazer a «autópsia» do problema do inquilinato, embora ele continue, ainda __ e, infelizmente __ vivo.

E porque __ «infelizmente» __ ainda está vivo é que ele tem de ser... «autopsiado»... embora alguns dos «caçadores de bruxas» se revoltem contra o facto...

O problema do inquilinato é um falso problema, um mero disfarce, simples «diversão» __ trágica e dolorosa diversão __ fabricada para ocultar uma vergonhosa realidade: a de não terem sido, ainda, estabelecidos, em norma legal, as bases do Direito à Habitação.

Porque o não foram; porque os senhorios tudo fazem para que o não sejam, se inventam e fabricam pretextos de «inquilinato» a fim de manter os arrendatários pressionados, atidos ao imediato, envolvidos num permanente conflito, forçados a defenderem dia a dia o seu lar, evitando, assim, que exijam o que lhes compete, reclamem aquilo a que têm direito.

Porque os direitos não se pedem, não se solicitam.

E o dispor de uma habitação onde o cidadão __ a família __ possam instalar com paz, segurança, tranquilidade e permanência o seu lar, é um Direito.

A habitação não pode mais continuar a ser considerada como uma mercadoria posta num mercado não regulado por outra lei senão a da oferta e da procura.

Não basta falar em «construções», contar o número destas e endeusar as várias entidades que, com os mais diversos objectivos e finalidades, se propõem construí-los.

É preciso construí-los em número tal, que a oferta excedendo __ sempre __ a procura permita ao cidadão poder sacudir as pressões que vão desde a exigência de clausulas leoninas, à de contratos simultâneos, sempre passando por rendas cujo preço é __ não raramente __ o pão que se não pode comprar.

É preciso estabelecer normas que não sejam outros tantos convites à fabricação de motivos de despejo.

É preciso estabelecer que o cidadão __ a família __ deixaram de ser «coisa» imprestável, que se atira para a rua sempre que ao comerciante-senhorio interesse obter __ ainda __ mais lucro, mais rendimento.

É preciso eliminar tudo quanto põe em risco o lar do cidadão, a estabilidade da família, hoje forçada a dispersar-se e a limitar a sua expansão, só porque a lei olvida as realidades sociais para atender, sòmente, aos interesses do dono do negócio.

Sucessão no Direito à Habitação, agregado familiar, hospedagem doméstica, têm de deixar de ser meros palavrões jurídicos para serem __ real e efectivamente __ a designação de um conjunto de direitos que a lei tem de proteger e acarinhar.

Há __ sobretudo __ que providenciar no sentido de que os tribunais deixem de ser factores de despejo, sejam quais forem as convicções dos que proferem as decisões, para sem __ como lhes cumpre na alta função social que a sociedade lhes confia __ os integradores da abstracta norma jurídica às realidades sociais, económicas e humanas que essa norma é chamada a regular e disciplinar.

Há fundamentalmente que encarar todo o problema através de uma nova concepção sócio-económica, largando como velharias inúteis e prejudiciais, todo o lastro anquilosado e ultrapassado dos conceitos que faziam do arrendatório um mero fabricante de lucros para o senhorio, da habitação uma simples mercadoria, do mercado do arrendamento um mero «mercado» de especuladores, frios, desumanos e insaciáveis.

Há, pois, que fazer a autópsia do problema do inquilinato.

E esta se me afigura a altura de o fazer, no rescaldo de um debate...

RUI PATRÍCIO REGRESSOU A LISBOA

O Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, conferenciou, em Bonn, com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal Alemã, Dr. Scheel.

O Dr. Rui Patrício encontrou-se ontem, em Bruxelas, com o Ministro dos Negócios Estrangeiros belga, Sr. Harmel, com quem almoçou. Encontrou-se, ainda, com o Sr. Deniau, membro da Comissão da CEE. Posteriormente deslocou-se a Haia onde se avistou com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda, Sr. Schmelzer, com quem jantou.

O Ministro Rui Patrício, fez-se acompanhar do Embaixador Rui Teixeira Guerra e do Dr. José da Silva Lopes.

Dia do Turista na Costa do Sol

Como já é tradicional, a Junta de Turismo da Costa do Sol, associando-se às comemorações do Dia do Turista, na quinta-feira proporcionará, de manhã, um passeio de autocarro pela região aos turistas que estão nos hotéis da zona, sendo-lhes oferecido seguidamente um aperitivo num restaurante de Cascais.

Serão também oferecidas lembranças.

Da parte da tarde a Junta de Turismo e a Cityrama oferecem excursões a Lisboa e a Sintra.

«O Passado e o Presente» em colóquio

O anunciado colóquio marcado para ontem à noite na sede do Cine Clube do Porto sobre o filme de Manuel de Oliveira «O Passado e o Presente», não se efectuou por motivo de força maior. Assim, o mesmo terá lugar esta noite, pelas 21 e 30, naquele Cine Clube.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 8

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

BARCO DE PESCA AFUNDADO

Passava das vinte horas de ontem quando entrou na barra de Viana do Castelo o barco-motor «Senhor do Triunfo», com os treze tripulantes da traineira «José Salvador» recolhidos no mar de Vigo, a 50 milhas de Viana. Este último navio pesqueiro começara a meter água e foi socorrido pelo «Senhor do Triunfo», que salvou a tempo o arrais José Maria Passos de Araujo e seus 12 companheiros de labuta.

Muitas pessoas aguardavam os naufragos no porto de pesca de Viana, exteriorizando o seu regozijo por não ter havido vítimas. Mas os barcos de Viana têm naufragado em abundância, nos últimos tempos.

CRIANÇA DIMINUÍDA FÍSICA

Dirigentes da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral e da Liga Portuguesa de Deficientes Motores reuniram-se ontem com representantes dos órgãos de Informação, a quem deram conhecimento da realização de um festival taurino no domingo, 23, na praça do Campo Pequeno. O festival, que conta com alguns dos nomes mais prestigiosos da festa brava, destina-se a angariar fundos para a obra de reabilitação das crianças deficientes motores, proporcionando-lhes os meios para sua promoção e integração social. Obra a que dedicam as duas instituições.

DL de ONTEM para HOJE

VISITA AO COMIBERLANT

Doze oficiais do Exército, alunos do curso de Estado-Maior do Instituto de Altos Estudos Militares, acompanhados pelo respectivo director, coronel do C. E. M. Castello Branco, e demais professores, visitaram ontem o Comando da Area Ibero-Atlantica, em Oeiras. Houve explicações sobre a orgânica e funcionamento do Comiberlant, dadas por oficiais portugueses e estrangeiros ao serviço daquele organismo da NATO, e diálogo informal para esclarecimentos.

CONSELHO ULTRAMARINO

O dr. Ernesto Teixeira fez ontem exposição so Conselho Ultramarino, reunido em sessão plenária. Na agenda, o papel da indústria transformadora como elemento motor do progresso económico e social das províncias de além-mar.

Presentes outros especialistas convidados, além do orador. Presidiu o conselheiro Marques Guedes. A próxima reunião foi marcada para sexta-feira, às 15 horas.

REGRESSOS

Depois de uma visita aos Estados Unidos, como convidado do Governo de Washington, regressou a Lisboa o general Mário Tello Polléri, chefe do Estado Maior da Força Aérea.

Também já se encontra na capital portuguesa o dr. Luís Cayola da Motta, subdirector do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Saúde e Assistência, que, na qualidade de consultor da Organização Mundial de Saúde, participou, e Paris, na reunião preparatória da IX Revisão para a Classificação Internacional das Doenças e Causas de Morte.

CONDECORAÇÕES

O dr. Jorge de Mello recebeu, numa cerimónia íntima, no palácio da embaixada de França, as insígnias de oficial da Legião de Honra com que foi agraciado pelo Governo francês. Fez a entrega o respectivo embaixador em Lisboa.

EXPOSIÇÃO DE ARPAD SZENES

O presidente da Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão, acompanhado pelo dr. Caetano de Carvalho, pelo embaixador francês e por diversos administradores e funcionários superiores daquela Instituição, estiveram presentes no acto inaugural da exposição retrospectiva do pintor Arpad Szenes, marido da grande artista Maria Helena Vieira da Silva e, também ele, pintor de renome. A exposição, que interrompeu uma digressão pela França a fim de se deslocar a Lisboa, inclui uma série de retratos de Vieira da Silva pintados pelo marido expostos no nosso País pela primeira vez.

Retrato de Maria Helena Vieira da Silva excepto na Gulbenkian.

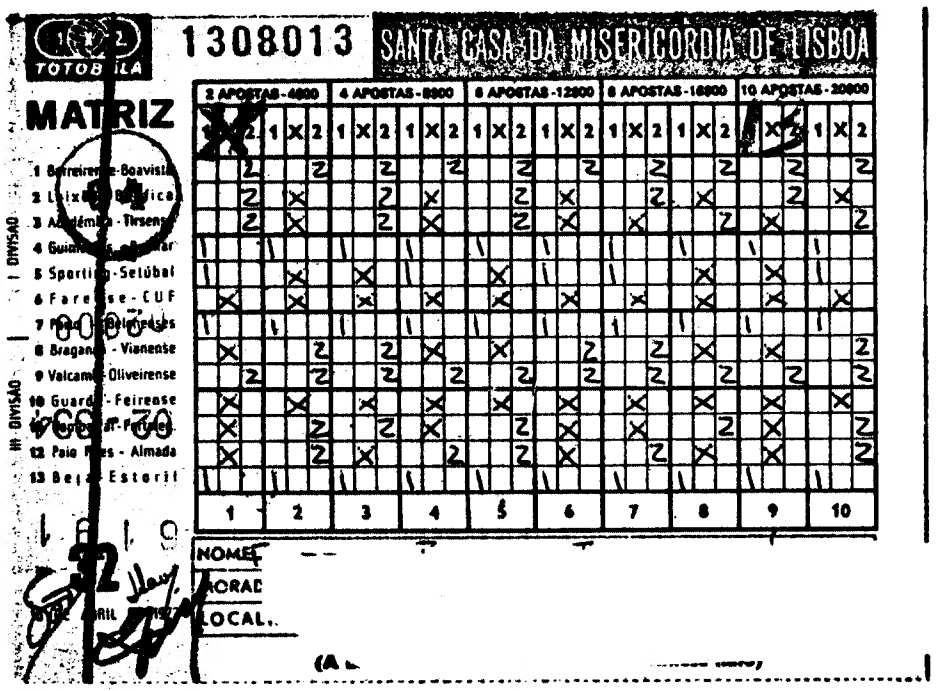
MOTORETISTA MORTO

Uma furgoneta de caixa aberta, guiada por Carlos Videira, acompanhado pelo furriel do Exército José Lopes Pereira, despistou-se em Vale da Carriça, indo atropelar mortalmente o motoretista Joaquim Cereja, de 50 anos, viúvo e residente em Moselos. O condutor da furgoneta ficou ileso, mas o seu companheiro sofreu fractura de uma perna.

Assustado, Carlos Videira retirou o amigo da furgoneta, deixando-o na berma da estrada para ser socorrido e fugiu, apresentando-se três horas depois, às autoridades de Viseu.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amado Maceira Clemente — MAGOITO

A MATRIZ DA FORTUNA



Nem triplas, nem duplas. Foi com a matriz de dez apostas, que acima se reproduz, incluída num sistema de duplas desdobradas, que o sr. Figueiredo, de Castanheira do Ribatejo, ali ao pé de Vila Franca de Xira onde, aliás, trabalha (é empregado de escritório) viu a fortuna entrar-lhe pela porta dentro. Com um gasto de escassas dezenas de escudos conquista assim direito a um dos prémios mais elevados atríbuidos pelo Totobola na presente época — 3 990 974$60, quantia que aliás lhe não compete na sua totalidade, pois terá que reparti-la com um sócio, o sr. Garcia, seu companheiro de escritório e também residente em Castanheira do Ribatejo. Mas mesmo a repartir ainda são quase dois mil contos para cada um ! De salientar ainda o facto de a matriz premiada trazer no verso o sinal indicativo de anonimato. Todavia, o concorrente de Castanheira do Ribatejo, que assim se vê milionário de um momento para o outro graças ao Totobola, acedeu a deixar-se identificar por um dos nomes de família: Figueiredo.

Em Complemento:
O documentário colorido «MOVIEMANIA», realização e produção de FRANCISCO SAALFELD

UM MORTO E TRÊS FERIDOS NO DESPISTE DE UM AUTOMÓVEL

Um automóvel conduzido por Joaquim Miguel Albuquerque Neves, de 24 anos, furriel do Exército em serviço no Depósito Geral de Adidos, despistou-se esta madrugada próximo da Boca do Inferno.

No automóvel seguiam ainda o furriel Manuel Tavares das Neves, de 25 anos, morador na rua dos Caldeireiros, 91, Porto; Antónia Messias Mendes Lemos, auxiliar de enfermagem, de 19 anos, moradora na Travessa da Boa-Hora, 38, 2.º Esq., na Ajuda e Maria dos Anjos Teresa Viegas, de 29 anos, residente em A da Beja.

O veículo deu várias voltas sobre si depois de se ter despistado. Quando os seus ocupantes foram socorridos, a última estava morta e os restantes gravemente feridos, sendo transportados pelos Bombeiros Voluntários de Cascais para o Hospital de S. José, onde ficaram internados em estado grave.

O cadáver de Maria dos Anjos Viegas ficou depositado na casa mortuária do hospital de Cascais.

MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA

Na Maternidade Alfredo da Costa, prossegue no dia 19, às 10 e 45, o II Curso de Formação de Internos, com o tema «A evolução psicomotora do prematuro e suas implicações na adaptação escolar», pelos drs. Cabral de Sá, Margarida Mendo e Dora Staak Bethencourt.

QUANDO O REMÉDIO ESTÁ EM MADRID...

Qualquer que seja a opinião sobre **«A Porta Aberta»**, ninguém poderá pôr em dúvida a consideração em que Artur Varatojo tem a crítica. Longe de a provocar, o responsável da rubrica atende-a em pormenores na aparência insignificantes mas que demonstram isso mesmo: a convicção de que as arestas limadas pela crítica poderão beneficiar a sua presença diante das câmaras.

Isso. Porque no respeitante ao âmago da rubrica, a perplexidade continua. Se atendermos ao seu passado, conclui-se que se trata de uma rubrica sem futuro. A falta de colaboração da audiência, ou a dificuldade em pegar nessa colaboração, mostra quanto a bondade, a amizade, a solidariedade de pessoa a pessoa, não dão espectáculo capaz de se eximir a um certo... espectáculo. O que repugna, está bem de ver, aos tipos realmente bem formados.

A história relatada ontem utilizou, como base, uma reportagem do **«Jornal de Notícias»** O menino Aires Manuel ora internado no Hospital de Santo António, no Porto, sofria de mal ruim nas pernas. Precisava de remédio urgente que só havia em Madrid __ e logo se organizou uma cadeia de solidariedade, com papel de relevo para a Força Aérea. O Aires Manuel **«está melhor, graças a Deus»**. Foi-lhe amputado um pé.

A gente começa a lembrar-se disso e pensa __ é levada a pensar __ que ao debruçar-se sobre caso tamanho se corre o perigo de se tomar o todo pela parte, de se tomar por regra o que não passa de excepção. Ficamos a desejar que um dia, de tão natural, já nem seja preciso falar do caso pela televisão.

Eu gostava só de fazer uma pergunta... Gostava só de saber por que razão no nosso País não existia o tal remédio, por que foi necessário recorrer a Madrid... Gostava mas não faço. Não remediava nada.

A continuação das tuas melhoras, Aires Manuel.

UM POVO QUE CANTA: VARIAR PARA FICAR NA MESMA

Fez-se uma selecção. Um apanhado. Canção da apanha da azeitona aqui, canto da romaria de Almurtão com adufe (salvé, Catarina Chitas, e mais tua voz inesquecível!) ali, uma encomendação da alma mais adiante, um canto de trabalho não sei onde, lá mais para baixo um romance popular.

Pretendeu-se tirar o máximo de monotonia que era, infelizmente, «Um Povo que Canta». No variar é que está o ganho. Conseguido em parte o objectivo? Sem dúvida. A simples ausência de Giacommetti, com toda a sua dificuldade em compreender e em se fazer compreender pelas pessoas, já será um triunfo valioso.

Por outro lado, no plano estritamente musical, a sua valia é inegável. Eis que volta à superfície de nós próprios tanta riqueza soterrada, esquecida, perdida. Esse é o prémio que a Giacommetti não pode ser recusado. Esse será, para ele, o incentivo maior para continuar a tarefa de correr atrás de um país que foge para que dele nos fique algum testemunho.

Importa, no entanto, rodear a sua tarefa das maiores precauções. Não se compreende, por exemplo, que uma televisão munida de camionetas anfíbias, não possua mais apropriado material de filmagem, recolha e tratamento de som. Estragam-se as melhores jóias nas mãos dos maus artífices.

O GALO E OS PINTOS

Estudante superior, Sousa Mendes levou a banca à glória. Quase trinta contos. Todos os concorrentes vencidos. E continua. Não se sabe até onde. Oxalá possam agora os responsáveis do concurso verificar na prática quanto está errada a orgânica do **Jogo do Galo**.

Que se pretende, afinal? Fazer um concurso dedicado mesmo à cultura geral __ ou organizar provas entre estudantes?

Se é o primeiro o objectivo a visar, não há dúvida que o questionário peca por excesso de escola, o que retira aos autodidactas qualquer possibilidade de existência. Vejamos: é preciso ter passado pela recusa dos compêndios, é preciso ter sido burocrata do ensino, para responder às seguintes perguntas, tiradas ao acaso do concurso de ontem.

1 __ Quanto à consistência como se classificam os caules?

2 __ Como se chama o ponto mais alto de Timor?

3 __ Como se chamam as raizes fasciculadas ou apruma-das que aumentam de volume, enchendo-se de matérias alimentares?

4 __ Quantos sistemas cristalográficos há?

5 __ Qual o peso atómico do oxigénio?

6 __ Como se chamam os cálcáreos que, quando percutidos, exalam um cheiro a gás sulfídrico?

6 __ Como se chamam as rochas formadas por deposição simultânea de cálcário e de argila?

7 __ Em 18 de Janeiro de 1871, tendo por imperador Guilerme da Prussia, proclama-se o estabelecimento do Império de Carlos Magno. Qual o nome desse império?

Os exemplos podiam multiplicar-se.

Se concluirmos que estas perguntas estariam fora do alcance da maior parte dos indivíduos mesmo com boa formação cultural, concluimos igualmente que as respostas variam de dificuldade consoante factores vários: o grau de instrução e a proximidade da matéria, por exemplo. É injusto, por exemplo, pôr a competir estudantes universitários e alunos de instrução primária quando as matérias ultrapassam os limites do escalão mais baixo; ou fazer competir alunos do liceu com alunos das Técnicas. Nenhum aluno das Técnicas responderia, por exemplo, aos sistemas cristalográficos, como nenhum aluno liceal responderia a matéria de contabilidade, de caligrafia, de tecnologia das mercadorias, de Direito Comercial ou de Publicidade.

De duas uma: ou cultura geral ou sebenta. E, dentro da sebenta, há que procurar a necessária gradação. Caso contrário, transforma-se o concurso no «escândalo» que pode agora começar a ser: um quartanista universitário faz de galo numa capoeira de pintos. Sem ser por culpa sua, evidentemente. O mal está na base do jogo. Principiarão agora a compreender os responsáveis dele?

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

CONDENADA POR ABANDONO DO FILHO NUMA ESCADA

No 1.º Juízo Correccional da Boa Hora, presidido pelo juiz, dr. Saraiva Lima, foi julgada a sr.ª Maria Fátima de Vasconcelos, de 24 anos, viúva, serviçal, natural de Porto Santo, que, conforme foi largamente noticiado, abandonou nas escadas de um prédio habitado, um filho com apenas seis dias de vida.

A ré, quw se mostrou arrepnedida do seu acto, ponderadas todas as agravantes e atenuantes, foi condenada em um ano de prisão correccional, levando-se em conta a prisão sofrida, igual tempo de multa a 10$00 diários, convertidos em igual tempo de prisão, nomínimo de imposto de justiça e de procuradoria, também convertível em prisão, e, ainda, uma indemnização de 1000$00 para convertível em prisão, e, ainda, uma indemnização de 1000$00 para o ofendido, que é o seu próprio filho. A sr.ª Maria de Fátima recolheu à cadeia para cumprimento da pena imposta.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

10.ª Secção de Actividade
«INDÚSTRIA QUÍMICA»

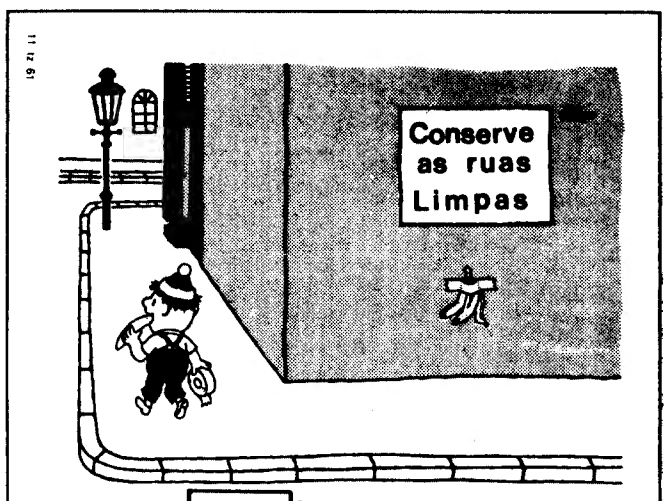
Sector: **«ÓLEOS VEGETAIS SEUS DERIVADOS E EQUIPARADOS»**

AVISO

Informamos os profissionais deste Sector que se realiza no dia 18 pelas 21 horas na Rua do Alecrim, 46-1.º, nesta cidade, uma reunião de informação sobre o Contrato Colectivo de Trabalho.

Lisboa, 14 de Abril de 1972.

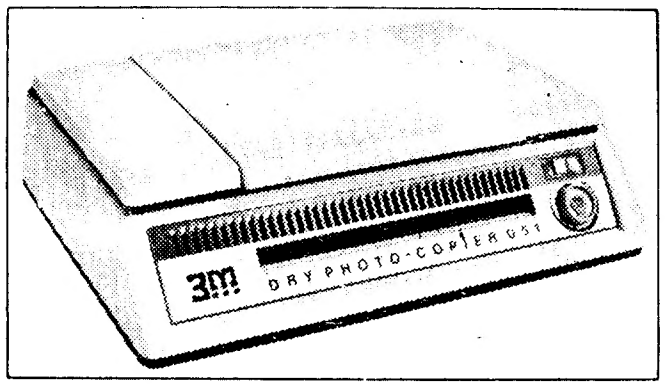
A COMISSÃO DIRECTIVA



tesa cola bora consigo fitas adesivas

PROFISSÕES LIBERAIS! COMERCIANTES! INDUSTRIAIS!

87 % DE VÓS NECESSITAM DESTA FOTOCOPIADORA, ESPECIALMENTE CONCEBIDA PARA VÓS, EIS A 051-3M: A PRIMEIRA FOTOCOPIADORA INDIVIDUAL **«DRY-PHOTO»***



INDIVIDUAL: A 051-3M coloca-se em qualquer canto do seu escritório e transporta-se como uma máquina de escrever portátil; qualquer pessoa a pode utilizar sem precisar de aprendizagem.

DRY-PHOTO*: É a técnica de todas as fotocopiadoras da gama «3M». Sem banhos, sem ingredientes de qualquer espécie: uma tomada de corrente é tudo.

A 051-3M reproduz todos os documentos: macios ou rígidos, finos ou espessos, folhas soltas ou páginas de livros. Com a «qualidade fotográfica 3M» o branco é verdadeiramente branco, o preto é verdadeiramente preto, quaisquer que sejam as tintas ou as cores do original.

A 051-3M é exactamente a fotocopiadora individual que 87 % de vós esperavam para se equiparem racionalmente.

Quanto ao preço... é, talvez, a nossa mais espantosa proeza.

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS.

Para uma demonstração grátis no seu escritório, dirija-se a:

3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.
Av. Infante Santo, 40-C — LISBOA-3
Telefones 67 74 10 - 67 74 41 - 67 74 47

Nome .....
Companhia .....
Morada .....
..... Tel. n.º .....
Máq. mod. 051 .....

SA

6º SALÃO DE ANTIGUIDADES
12-23 Abril
Das 17 às 24 h.
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

AGUARDENTE VELHA Niepoort a prova está na prova

Casa da Comédia
Rua S. Francisco Borja, 22
(Janelas Verdes)
Todos os dias às 22 h. Sáb. e domingos, 16 h.
Play Strindberg
(Dança da Morte em 12 Assaltos de Friedrich Dürrenmatt
C/ Carmen Dolores — Augusto de Figueiredo e Álvaro Benamor
Direcção de Jorge Listopad
Subsd. Gulbenkian e F. Teatro
Tel. 677299-18-A-Grupo-D

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
HOJE
2 SESSÕES
às 21 horas
às 23 horas
4.º MÊS
DOMINGO, às 16 h. e às 21.45 h.
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

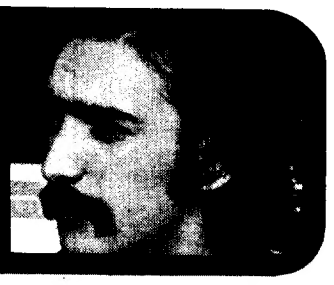
TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
6.ªs FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 884756
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

A interioridade de Neil Young

crítica de DISCOS

José Jorge Letria



Não fora a brevidade destas notas e a impossibilidade de nos alongarmos em consideração de caracter geral e muito haveria para dizer, sobre a importância de Neil Young no processo da música «rock», que nos últimos anos temos visto (ouvido) desenvolver-se a um ritmo impressionante.

Recordamos entretanto que o cantor (com uma boa percentagem de sangue índio) foi um dos elementos preponderantes do excelente grupo da West Coast, chamado «Buffalo Springfield». Após a dissolução do grupo, Young juntou-se a Crosby Stills e Nash (foi aliás o último a integrar-se na formação) e com eles fez albuns com a qualidade vocal e instrumental de «Dèja Vue» ou de «Four Way Street». Neste último trabalho os quatro elementos do grupo faziam arrojadamente da pluralidade das suas tendências, o caminho certo para a grande unidade que se sentia em todos os temas. Oriundos de grupos diferentes e marcados no plano harmónico pelo grande talento do inglês Grham Nash, antigo elemento dos Hollies, Crosby, Stills e Young são responsáveis em conjunto por uma das experiências mais significativas na história da música «rock», por tudo o que representou de inovação e de ruptura com esquemas estabelecidos. O que dissemos do trabalho de conjunto vale em larga medida para o trabalho produzido individualmente, em estúdio ou em vivo, por cada um dos músicos. Assim recordamos que tanto Graham Nash com «Songs for Beginners», classificado nas tabelas de todo o mundo, como Stephan Stills ou David Crosby, realizaram por conta própria, trabalhos extremamente importantes, quer pela maturidade do som conseguido quer pela força do que propunham.

E assim desembocamos em «Harvest», a última realização de Neil Young, que alargando o percurso anunciado com «After the Gold Rush» é um mergulho do cantor no interior de si próprio.

Deliberadamente intimista e recheado de sinais por vezes indecifráveis, «Harvest» é um labirinto construído com minúcia e bom gosto. Na sua realização participaram de forma por vezes bastante activa, especialmente na parte vocal, James Taylor, Linda Ronstadt, os «Stray Gators» e ainda Crosby Stills e Nash que restituem aos temas de Young muito do ambiente do seu grupo. Isto para não mencionar o papel da Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida na circunstância por Jack Nitzsche, que completa admiràvelmente dois temas de «Harvest».

O disco foi gravado em quatro locais diferentes: Nashville, num estúdio californiano, no Town Hall de Londres e ainda ao vivo numa reunião da U.C.L.A. também na Califórnia.

Número de títulos: dez, simètricamente distribuídos pelas duas faces (cinco em cada).

PERENIDADE

O som de Neil Young é todo ele o resultado de uma minuciosa viagem interior, feita de nomes, de imagens difusas de datas e lugares. E uma música da e para a intimidade, rica de sugestões e de leituras que chegam por momentos a ultrapassar o valor real dos próprios temas. As canções de Neil Young, nem didácticas nem mobilizadoras, aprendem-se lentamente, saboreiam-se nota a nota: são longos exercícios de naturalidade e de calma, que de tão evidentes nos chegam a sobressaltar a pôr em causa a nossa paz tantas vezes mistificada pela rotina e pela apatia.

Depois cabe uma referência aos elementos que formam o todo: um feixe de harmonias delicadíssimas, apoiadas num ritmo bem marcado e claro; uma voz frágil e estranha que flutua entre as frases do piano e os acordes sumptuosos das guitarras (acústicas ou eléctricas).

O disco divide-se intencionalmente entre a monotonia de alguns temas e a grandiloquência de outros (ou de orquestra). E aliás duma grande inteligência essa progressão que se torna visível de tema para tema, a começar na estranha história de «A Man Needs a Maid» para terminar em «Words» passando pelo já popular «Alabama».

Aqui interrogamo-nos: que terão a pompa e o volume sonoro duma orquestra sinfónica a ver com a simplicidade de um homem que sempre se acompanhou com uma viola? Estaremos perante um autodesafio de Young ou será apenas uma experiência sem grandes consequências no seu itinerário musical? Em qualquer dos casos a introdução deste novo elemento vale pelo «progresso» («stricto sensu») que representa em relação a «After the Gold Rush»

Assim passamos aos temas:

«Heart of Gold» (lado A-4) é pela excelente colaboração de Linda e de J. Taylor uma das melhores peças de Harvest tanto pela harmonização das vozes como pela utilização do eco nas guitarras.

«Harvest» é aliás uma verdadeira obra-prima de mistura («mixage») e de pesquisa de estúdio o que por ser frequente na América não deixa de ser assinalável.

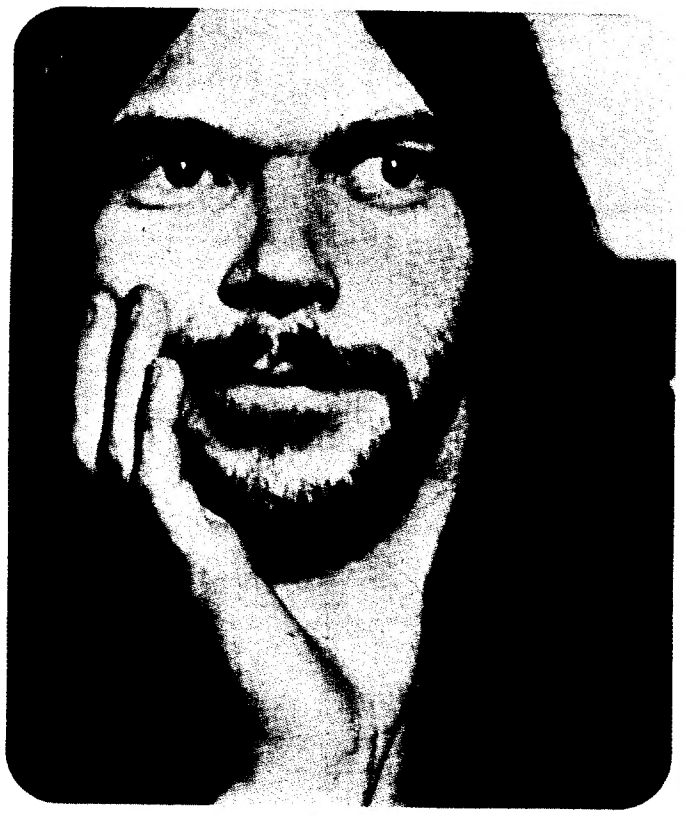
«Old Man» (B-1) vale pelo equilíbrio vocal e pela escolha inteligente e minuciosa dos volumes e das intensidades.

O facto de ser brilhante em todo o disco o trabalho de estúdio não chega para tirar a «Needle and the Damage Done» gravado ao vivo a sua beleza e o seu apuro técnico. Nesta canção, singelamente acompanhado por uma guitarra, Young discorre de forma quase neutra sobre o problema da droga.

Para além do trabalho de Crosby Stills e Nash convem assinalar a participação dos Stray Gators, grupo privativo de Young, que tem em «Are You Ready for the Country» uma excelente execução, especialmente devida à guitarra de Ben Keith.

Este tema que por momentos nos faz pensar em «Canned Heat» tem uma vaga coloração de «blues» que ràpidamente se dilui na voz de Young. Bem vivos em «Words» estão também os «Crosby, Stills Nash e Young» de «Déjà Vue» com um trabalho vocal característico.

Variado e transbordante de sugestões «Harvest», muito mais arrojado e interiorizado (do ponto de vista temático) que «After the Gold Rush» é um disco cuja audição propomos desde já sem qualquer reserva. Na sua abordagem encontrarão os «internacionalistas» da nossa canção caseira, tudo o que lhes falta para serem ouvidos fora deste jardim à beira mar...



Um certo respeito pela tradição

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Marques Albuquerque, R. Dr. António J. de Almeida — OLIVEIRA DE FRADES

Cinema no mundo

Para comemorar o vigésimo quinto aniversário do Instituto Francês de Viena, está a decorrer em Viena até dezanove de Abril, «A Semana de Cinema Retrospectivo», exclusivamente dedicada a René Clair. Este realizador assistiu à projecção da sua película intitulada «As Grandes Manobras».

Realiza-se em Zagreb na Jogoslávia o Festival Internacional de Filmes de Desenhos Animados, de dezanove a vinte e quatro de Junho. Para o certame foram convidadas algumas personagens célebres de desenhos animados, como «Mister Magoo» de Steve Bosustov, «Popeye» de Dave Fleischer e «Bugs Bunny», de C. Jones.

Júlio Verne e os piratas do arquipélago

Estreias de CINEMA

Lauro Antonio

TÍTULO: OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO (The Light At the Edge of the world)

Realização: Kevin Billington, 1971 (EUA):

Intérpretes: Kirk Douglas, Yul Brynner, Samatha Eggar, Jean Claude Drout, Fernando Rey, Renato Salvatori, Massino Ranieri, etc...

Distribuição: Filmes Castello Lopes.

Estreia: Cinema Condes (10-4-1972)

Kevin Billington (que se estreara no cinema com uma história amorosa relativamente bem esgalhada: **Interlúdio de Amor**, 1969, Inglaterra), acaba de dirigir a sua segunda metragem, desta feita tendo como ponto de partida um dos romances menos conhecidos de Júlio Verne: **The Light at the Edge of the World**.

Júlio Verne é, seguramente, dos autores que mais têm fornecido material para o cinema. O estilo de aventuras que ele criou justifica inteiramente esta opção, pois a imaginação de que dá sobejas provas, as peripécias imprevisiveis com que estrutura a acção, o minucioso traçado das figuras, tudo isto é um convite desesperado à imagem, à representação visual. O que já não se entende muito bem é a má sorte que quase sempre teve nessas adaptações. Na verdade, raros são os filmes que partem de Júlio Verne e logram atingir aquele minimo de interesse e qualidade sempre exigível. E os exemplos multiplicam-se: **Miguel Strogoff** (várias versões), **A Volta ao Mundo em 80 Dias** (George Sidney) **As Atribuições de um chinês na China** (De Broca), **Vinte Mil Léguas Submarinas** (Fleischer), **A Ilha Misteriosa** (Cy Endfield), **Cinco Semanas de Balão, A Estrela do Sul, Da Terra à Lua, Viagem ao Centro da Terra, Uma Família de Robinsons, Os Filhos do Capitão Grant, O Senhor do Mundo**, etc.. A eles junta-se agora **Os Piratas do Arquipélago,** que está relativamente longe de ser o melhor Verne da história do cinema (esse continua a ser a adaptação de Flescher das **Vinte Mil Léguas Submarinas),** mas está também muito longe de ser um dos mais execráveis.

Como primeiro ponto a levantar na discussão deste filme haverá que assinalar a relativa infielidade de Billington a Júlio Verne e ao seu universo aventuroso, mas nada mórbido, quase nada sangrento, sistemàticamente jovem e sádico. **Os Piratas do Arquipélago** mantém algo do Verne que todos conhecemos (a figura de faroleiro Denton-Kirk Douglas; do naufrágo Montefiori Renato Salvador; do jovem Filipo; do Capitão Moriz - Fernando Rey; até um pouco do lado misterioso e aterrador do capitão dos piratas, o temível Kongre-Yul Brynner). Para além disso, porém a película de Billington inventa um grupo de crueis e sádicos piratas que julgamos (desconhecemos este romance de Júlio Verne, para o podermos afirmar plenamente) estar muito longe do espírito do escritor. Sangrentos perversos violentos, os piratas do arquipélago provocam a mais viva repulsa e, simultaneamente fascinam pelo seu lado demencial e desmedido. (afinal o que Corman falhará quase completamente em **A Máscara da Morte Vermelha,** onde só muito raramente consegue sublinhar a perversidade e o sadismo das suas figuras). Haverá ainda que não esquecer de considerar o jogo de situações (atração e repulsa) que os protagonistas desta história cont nuamente sustentam, desde o duelo de Denton e Kongre até ás relações estabelecidas entre Kongre e Arabella e as que Kongre obriga a desenhar entre Deoton e Arabella (a quem o chefe pirata faz passar pela antiga amada do faroleiro. Conseguem-se, assim, ambientes extremamente densos e algumas sequências perfeitamente à altura de um certo onirismo trágico e violento. As aparições de Arabella a Denton ou a tentativa de salvação da mesma Arabella que o velho favorito tenta (e falha, porque a mulher, seduzida pela figura de Kongre, prefere manter-se sua prisioneira), tudo isto são momentos extremamente felizes de um filme profundamente original e sedutor.

Espectáculos no "Dia do Turista"

O «Dia do Turista», que será assinalado no próximo dia 20, terá como um dos seus números principais, a apresentação da companhia de bailado, Verde Gaio, na Estufa Fria, a qual apresentará danças inspiradas no folclore português. Naquele espectáculo Carlos Paredes interpretará à guitarra música portuguesa e Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro exibir-se-ão em números de acordeão.

No mesmo dia, no cinema do Palácio Foz, realizar-se-ão sessões de filmes turísticos das 11 ás 11 e 45; das 15 ás 15 e 45; das 16 e 15 ás 17; e das 17 e 30 ás 18 e 15. As entradas serão livres, sendo apresentados em versões portuguesas, espanholas, francesas, inglesas e alemãs os filmes «Portugal, País de Congresso»; «Portugal Desconhecido»; «Lisboa, Jardim da Europa»; «Madeira, Primavera em Festa»; «Portugal de Mil Cores»; «Algarve»; «Ribatejo em Festa» e «A Ver Viana».

O «Dia do Turista» inclui, ainda, circuitos turísticos gratuitos a Queluz, Sintra e Estoril (saída dos Restauradores ás 14 Horas); ao jardim Zoológico (saída ás 10 e ás 15 horas); ao Salão de Antiguidades com provas de vinho no restaurante da Feira das Indústrias (saídas ás 14 e 30,15 e 30 e 16 e 30); a Óbidos e Nazaré (saída ás 14 horas); à Batalha e Vila Nova de Ourém com «banquete medieval» (saída ás 8 e 30); e a Lisboa, incluindo também provas de vinhos no restaurante da Feira das Indústrias (saída ás 15 horas). Estas excursões são oferecidas pelas Agências Capristanos, Hotelcar, Claras, Catur e Turijorge, sendo os bilhetes distribuidos nos hotéis. A CP, promove duas excursões no Tejo, no seu barco «Estremadura», o qual sairá da Estação do Sul e Sueste ás 11 e ás 15 horas. A bordo exibir-se-á um rancho folclórico e haverá provas de vinhos verdes.

O «Dia do Turista» será, também, comemorado noutros pontos do País, nomeadamente no Algarve (com predominância do folclore); na Zona de Setúbal (oferta de produtos regionais); ém Santarém, Beja e Nazaré; em Évora e na Figueira da Foz (provas de vinhos); e em Leiria (oferta de flores).

Guilherme Tell no Oeste

TÍTULO: O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE (SHOOT OUT)
REALIZAÇÃO: Henry Hathaway, 1971 (EUA)
INTÉRPRETES: Gregory Peck, Pat Quinn, Robert F. Lyons Susan Tyrrel, Jeff Corey, Rita Gam, James Gregory, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filme
ESTREIA: Cinema Mundial (12-4-72)

Não só se trata de um filme senil, de um realizador que nunca se definiu abertamente, como nos parece um filme profundamente reaccionário pela forma maniqueista como opõe novos e velhos e, dessa oposição, extrai as mais disparatadas ilações Hathaway, velha raposa americana, homem de muito **métier**, sabe como mover a engrenagem. O seu cinema é escorreito e atraente. Mas, à semelhança de **True Grit**, eis a nova película onde o paralelismo entre os honrados veteranos e os depravados jovens não deixa margens a qualquer dúvida quanto a intenções. Enquanto Clay Lomax (Gregory Peck) e comparsas de certa idade são modelos de moral (até os bandidos do tempo de Lomax são verdadeiros ingénuos), a juventude (aqui representada por três pistoleiros e uma prostituta que se junta ao grupo) não tem ponta por onde se pegue. Sádicos, perversos, viciados, traidores, cobardes, inconscientes, imbecis, etc., nada mais deles se poderá dizer. Hathaway, apologista de John Wayne, mantem-se abertamente do lado tradicionalista da mais caduca moral ianque. Que surjam críticos a defenderem obras destas, isso é o que nos espanta!...

A força da rotina

«A Força do Destino» de Verdi é uma daquelas óperas de libreto demasiado «romanceado» que um auditório de hoje dificilmente levará a sério. Mas seria injusto esquecer que mesmo aí, no plano da intriga dramática, sobrevivem elementos que um encenador inteligente pode valorizar, restituindo-lhes a força e o sentido originais. Porque, na obra de Verdi, a intervenção cívica, a luta pela independência e a unidade da Itália, o «Ressorgimento», a Carbonária, tudo aquilo, enfim, que tornou popular o **slogan** «Viva Verdi!» (onde o comprometimento político do compositor se funde com a saudação patriótica a Vittorio Emânuel Reid'Itália) é, não poucas vezes, o móbil profundo das suas óperas, disfarçando sob a capa duma intriga mais ou menos «inocente». Por este lado se compreende, aliás, o carácter **popular** de boa parte da música dramática do autor do «Rigoletto», que tão depressa responde às exigências duma situação teatral concreta (e com que vigor!Com que autenticidade!) como se dirige à plateia e se quer adoptada como hino ou «canção de luta» transportável para a rua (na sua época, bem entendido).

Em «A Força do Destino» é evidente a importância desse contexto, desse pano de fundo sobre o qual se constrói um argumento inverosímil, penoso, complicado, que a cada passo nos convida a fazer uma leitura puramente musical da obra. E já que o libreto em si não ajuda, ao menos que o encenador defenda o espantoso génio dramático de Verdi (contido na música), dando a maior ênfase a tais motivações. Mas neste caso o que se verificou foi presisamente o contrário: Dario Dalla Corte (assim se chama ele, o encenador) não só deixou despercebidas mas ainda desvirtuou as duas ou três cenas aproveitáveis. A partir das cenas da estalagem e do acampamento militar, estaria ao seu alcance criar uma atmosfera que dominasse toda a ópera e a justificasse como pontos culminantes; pôr a exaltação patriótica e libertária no centro da acção dramática. Mas decerto nem sequer lhe passou pela cabeça a ideia de explorar tal filão. Numa encenação (?) onde tudo foi deixado ao sabor do acaso e onde o mau gosto e a falta de imaginação imperaram do princípio ao fim só havia a esperar o que efectivamente se passou: que essas cenas surgissem como meras excrescências de um argumento de aparência fotonovelesca e que, conduzidas pela mão da mais gritante inépcia, acabassem sugerindo uma caricatura ridícula e ridicularizante das intenções do autor.

Em compensação, a realização musical esteve, duma maneira geral, à altura da partitura. O famoso tenor Carlo Bergonzi, cuja excepcional categoria como cantor é só comparável, em grandeza, à sua confragedora incapacidade como actor, foi a estrela da noite, e o público do Coliseu soube fazer-lhe justiça, premiando-o com ovações entusiásticas no fim das tiradas mais espectaculares, como manda a tradição (e desmanda o teatro). Ilva Ligabue, de recursos vocais mais modestos, teve no entanto o mérito de aliar a uma linha interpretativa vocal sempre muito expressiva e correcta uma presença cénica mais eficiente, compondo melhor, no todo, a respectiva personagem (Leonora). Agostino Ferrin (Padre Guardião) possui uma sólida e volumosa voz de baixo e soube utilizá-la também de acordo com as egigências da parte que lhe competia. Quanto aos restantes, é de distinguir apenas o trabalho de Ugo Savarese (baixo-barítono), que produziu algumas das intervenções mais vivas do espectáculo, no papel de Frei Militão, revelando predisposições teatrais que um bom encenador poderia canalizar e aproveitar até às últimas consequências. O Coro do Teatro de S. Carlos precisava de ter alma de «carbonaro» para cantar como deve ser o «Rataplan da Glória», trecho já de si frágil pelas suas características, que fàcilmente o fazem resvalar para o mau gosto orfeónico. De resto, comportou-se frouxamente nos outros números.

Na estante de direcção, Michelangelo Veltri arrancou da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional uma das suas melhores actuações operáticas da temporada. A abertura e um ou outro momento dos actos subsequentes atingiram mesmo uma qualidade interpretativa que pode considerar-se plenamente satisfatória. A propósito, não podemos deixar passar em claro as excelentes e frequentes intervenções solísticas do clarinetista Agostinho Romero.

De qualquer modo, a conclusão a tirar do espectáculo só pode ser uma: a fazer uma ópera como «A Força do Destino», ou se faz a sério em todos os planos e com intuitos de recriação dramática ou então é preferível — e mais seguro — aproveitar o tempo e o dinheiro gastos para dar a conhecer ao público outras obras, mais importantes, que enriqueçam a sua formação e informação culturais. Ou será que ainda não chegou o momento de tomar atitudes inequívocas e romper decididamente com a rotina?

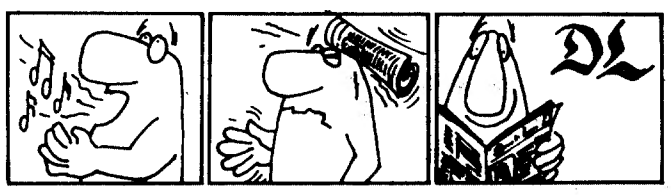
"IVONE" de novo em Cascais

O T.E.C. reaparece no Teatro Gil Vicente, de Cascais, com a peça «Ivone, Princesa de Borgonha». A partir de hoje, Cascais volta a ter a possibilidade de assistir a uma obra polémica que, pela encenação de Carlos Avilez, se torna perturbadora: cada gesto, cada grito, revestem um significado singular e simples, ao mesmo tempo. Para o êxito da peça, contribuiram, em larga medida, as óptimas interpretações de Zita Duarte (Ivone), Cecília Guimarães (rainha), Fernanda Alves (Isabel), Graça Lobo, Maria Albergaria, Santos Manuel, António Marques, João Vasco, Filipe La Feria, Orlando Costa, Augusto Leal, Nuno Manuel e Adelaide João.

Representada muito recentemente em Paris, onde a Companhia do Teatro Experimental de Cascais realizou vários espectáculos, «Ivone» mereceu da crítica francesa rasgados elogios, como por exemplo, se nota neste pedaço da crítica de «Le Monde»: «...Representa-se simplesmente uma farsa sinistra sobre a fábula de uma rapariga muito feia e muda que o príncipe desposa por desafio e que revela, em cada um, o que tem de mais baixo e de mesquinho. Os fantoches da corte são representados como caracteres de teatro degradados, face a Ivone, vestida de branco, infinitamente perturbadora, pelo abandono do seu corpo e pelo seu olhar ensonado».

"MESSIAS" NA SÉ DE BRAGA

No próximo dia 23 do corrente, às 21 e 45, efectua-se na Sé Catedral de Braga um concerto coral sinfónico com a apresentação de o «Messias» de Haedel, pela Orquestra Sinfónica do Porto e o coro do Círculo de Opera Portuense. Este concerto que estava marcado para o dia 27 de Março passado integrado nas festas da Semana Santa, foi adiado em virtude do falecimento repentino do comendador Santos da Cunha.



Ensaie o Break GS com Raul Solnado e ganhe viagens a Paris, Londres e Madeira

Break GS uma nova geração GS

Confort e Club são as duas versões do Break GS. A linha agrada. As características também, já que são as de uma nova geração do carro que conquistou 8 prémios internacionais. O Break GS beneficia igualmente de todos os recentes melhoramentos introduzidos na Berline. Espaço aumentado para bagagens e maior conforto para passageiros. A suspensão hidropneumática mantém-se inalterável, com o seu sistema de correcção automática em função da carga, que mantém constante a horizontalidade e a distância em relação ao solo, o que permite dispor permanentemente das mesmas condições de condução. Está ainda por descobrir melhor. O Break é bem uma nova geração de um carro de sucesso. Raul Solnado é da mesma opinião. Dirija-se ao Stand Citroën mais próximo, experimente-o e ele explicar-lhe-á porquê!

Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro. A vossa escolha Berline ou Break GS.

CITROËN GS

Enviada a tribunal a quadrilha que assaltou mais de 30 estabelecimentos em poucos meses

Realizou-se esta manhã, na sede da Directoria Polícia Judiciária em Lisboa, uma conferência de Imprensa, durante a qual foram fornecidos aos orgãos de Informação os pormenores da prisão e identidade dos componentes da quadrilha de

DL Policial

assaltantes de estabelecimentos de artigos eléctricos que há meses actuavam, sobretudo, nas zonas da Amadora, Queluz e Belém, além de noutros locais que aqui apontaremos.

Antes da comunicação que o sr. dr. Leão TRigo, o homem a quem cabem as responsabilidades da chefia da «equipa» policial que trabalhou neste caso, falou o sr. dr. Cunha e Sá, subdirector daquela Corporação, que disse dos esforços que a Polícia Judiciária está a congregar para se conseguir reduzir no nosso País os efeitos da criminalidade. A reestruturação da P. J. inclui, entre outras coisas, a especialização das secções, sobre os diversos tipos de crimes praticados no nosso País, facto que o dr. Cunha e Sá fez ressaltar como um enorme passo em frente para uma luta eficaz contra a delinquência.

Segundo eles pensavam, tudo corria às mil maravilhas. Os assaltos sucediam-se em bom ritmo, os lucros eram abundantes. De resto, tudo estava perfeitamente montado para que a quadrilha não encontrasse dificuldades de maior ao tentar converter em dinheiro o produto dos roubos. Havia nada menos de dois indivíduos receptadores, para quem eram canalizadas as «colheitas», logo que terminava cada uma das operações. Depois, era só planear nova operação, com a escolha prévia do estabelecimento a assaltar. A quadrilha tinha sempre um carro às ordens para cada um dos assaltos. Roubado, naturalmente. Um carro específico: o «Fiat) 124, o único que não lhes levantava problemas no momento do roubo, por não ter direcção trancada.

ACTUAÇÃO POR ZONAS

Na realidade, embora os elementos da quadrilha não o soubessem, nem tudo corria tão bem como se supunha. A Polícia Judiciária já tinha referenciado alguns indivíduos cujo «modus vivendi» lhe parecia suspeito, e nas zonas mais visitadas pelos «amigos» das casas de electrodomésticos. Mas faltava-lhe um ponto de partida ideal, para começar a caçada que se impunha. De resto, as dificuldades para a detecção e identificação «a priori» dos componentes da quadrilha, tornava-se mais difícil, pelo facto de a grande maioria deles - todos, menos um - serem «primários», ou seja, não terem cadastro. O dr. Leão Trigo, orientador dos trabalhos da 6.ª secção coadjuvado pelo subinspector Gomes e agentes Irlando de Andrade e Carlos Gomes, procuravam a todo o transe agarrar um motivo que os lançasse nas inquirições frontais. A quadrilha actuava por zonas, incidindo sobretudo em três localidades: Amadora, Venda Nova e Reboleira. Mas também deciam até Queluz, Bairro do Restelo, Pedrouços, Olival de Basto, Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Cacém, Alferragide, Calçada de Carriche, Campo Pequeno, Pedrouços, Alcochete - e uma vez, que se saiba, no Bairro da Graça, onde aliás, praticaram o furto mais importante de toda a sua longa actividade, furto este que atingiu o valor global de 180 contos em aparelhos eléctricos.

O motivo que a P. J. procurava surgiria, de modo um tanto imprevisto e dramático, no dia 17 de Fevereiro último: um homem fora morto por um carro que se despistou perto da Amadora e os causadores do acidente puseram-se em fuga. Um deles ficara ferido, o que viria auxiliar em muito o trabalho da polícia. O carro fora roubado ao locutor Marques Vidal e era, naturalmente, um «Fiat» 124. O acidente abriu caminho para a rápida prisão da quadrilha, que se viria a efectuar em duas etapas: primeiro, quatro elementos, depois os restantes três e quando estes se preparavam, para, num carro alugado, provàvelmente abandonar o País.

VALOR COMPROVADO DOS ROUBOS: QUASE DOIS MIL E QUINHENTOS CONTOS

Começou então o período das inquirições. Um a um, os elementos da quadrilha foram levados à sede da P.J. para depôr. As contradições eram evidentes e a ameaça principiava a desenrolar-se. Todos tentavam negar os factos e, inclusivamente, a sua participação na morte do inditoso operário da Venda Nova, mas as provas surgiam aos poucos sendo as negativas hàbildamente desfeitas pelos inquiridores. Entretanto, eram contactados os receptadores: dois, nada menos. Daí à detenção da quadrilha, mediou um curto lapso de tempo.

Os roubos nas casas de electrodomésticos eram cometidos por meio de chave falsa. Raramente os assaltantes recorriam ao método do arrombamento. Comprovados, temos de contar trinta assaltos a outros tantos estabelecimentos situados nas zonas já indicadas. Os objectos preferidos pela quadrilha iam de televisores, e gravadores, máquinas de barbear, máquinas fotográficas, colunas estereofónicas, amplificadores, irradiadores, binóculos, alti-falantes, etc. Enfim, tudo o que lhes parecia mais fàcilmente vendável. Estes trinta assaltos dão uma estimativa que ultrapassa os mil contos em material eléctrico. Como para cada assalto roubavam um carro, o número de automóveis furtados atinge igualmente os trinta. Feitas as contas, temos mais de dois mil e quinhnetos contos de furtos praticados durante alguns meses.

São os seguintes os nomes dos elementos da quadrilha: José da Ressurreição Martins, o «Paulo», como é conhecido no **seu mundo**, de 20 anos, solteiro, mecânico, natural da Guarda e residente na Rua das Fontaínhas, 6, Venda Nova — Amadora; António Maria Gonçalves Vieira Pescada, o «Toni», de 25 anos, solteiro, estofador, natural de Lisboa e morador no Casal de Alfornel, 48, Venda Nova — Amadora; Nelson Martins Pereira, o «Arame», de 18 anos, solteiro, operário fabril, natural da Ribeira de Pena e residente na Rua de S. Gil de Santarém, 4, Venda Nova; Francisco José Henriques Ventura, o «Chico», de 17 anos, solteiro, electricista, natural de Lisboa e morador na Rua do Município, Venda Nova; José Rafael Martins Machado, o «Dr. Pituças», de 25 anos, electricista, natural de Santiago do Cacém, e a viver na Calçada do Tojal, lote 7 — Benfica; Manuel Carriço Calvino, o «À pois», de 19 anos, solteiro, empregado fabril, natural de Reguengos de Monsaraz e a morar na Rua do Município, na Brandoa; Mário Rodrigues de Brito, o «Márinho», de 27 anos, solteiro, electricista, de Lisboa e residente na Rua C, vivenda «José Brito» — Brandoa. Há ainda um outro implicado: Júlio da Palma Augusto, de 19 anos, empregado de comércio, natural de Lisboa e morador na Rua Pedro Nunes, 14, em Queluz. Este elemento aguarda em liberdade o julgamento, sendo ele quem forneceu grande quantidade de pormenores à Polícia Judiciária, revelando um sentido de cooperação extraordinário. Caucionados e em liberdade até à hora de se apresentarem em tribunal. mas já devidamente processados, há ainda os dois receptadores e instigadores: António Carlos Faria, casado, de 41 anos, calceteiro, natural de Felgueiras e residente na Trav. das Galinheiras, 19, Belém; e António Marques dos Santos, casado, comerciante, morador na Rua Caldas Xavier, 39, Odivelas.

Dos elementos da quadrilha aqui citados, o verdadeiro cabecilha e aquele de quem dependiam os movimentos da mesma, era o «Paulo», ou seja, o José da Ressurreição Martins. Era ele quem preparava as chaves que haviam de cabrir as portas dos estabelecimentos e quem demonstrava uma extraordinária habilidade de comando. O «Chico» (Francisco José Henriques Ventura) estava encarregado da condução das viaturas durante os assaltes. É um rapaz com larga propensão para as coisas do volante e, embora sem carta, conduz admiràvelmente. O «Toni» (António Maria Gonçalves Pescada) foi o causador do acidente de 17 de Fevereiro, quando recebia instruções de condução dadas pelo «Chico». O processo, agora concluído, vai ser remetido ao tribunar que julgará as actividades dos dez implicados.

com PERSONAL é mesmo para parar a queda do cabelo!

Com PERSONAL a caspa desaparece, suspende-se a queda, os cabelos voltam a crescer

PERSONAL renova e restitui uma nova juventude ao seu cabelo

TRATAMENTO COMPLETO

45 dias 2 frascos de PERSONAL (diurno e nocturno)

DISTRIBUIDORES

Norte: TUBARÃO MENDES & PINHEIRO, LDA. Rua Sta. Teresa, 14 PORTO

Centro e Sul: J. C. CRESPO, LDA. Rua da Madalena, 197 LISBOA

exija PERSONAL à sua farmácia

RELAÇÕES PÚBLICAS

Está livre e tem mínimo 5.º ano contacte connosco pelo telefone 561763. Hoje das 18 às 20 horas ou amanhã das 11 às 14 horas.

ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO

General José de Oliveira Victoriano

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Conceição Victoriano Gonçalves e seu marido, Domitila Victoriano Gonçalves e seu marido, Maria Manuela de Menezes e mais família participam que amanhã dia 19, às 12.30 horas, na Capela do Hospital Militar Principal será celebrada missa pelo seu eterno descanso. Agradecendo a todas as pessoas que se dignem a assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

Vinte e cinco anos da comissão portuguesa na F.A.O.

Comemora-se no decorrer deste ano em Portugal, o 25.º aniversário da criação, por decreto-lei, da comissão portuguesa junto da FAO, organismo especializado da O.N.U., para a alimentação e agricultura.

A Comissão Nacional, presidida pelo dr. Lopo Cancella de Abreu, é composta por técnicos de vários departamentos de Estado e também por entidades privadas. Peritos portugueses prestam serviço actualmente no Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Honduras, Itália, (na sede, em Roma), México, Nicarágua, Paquistão, S. Domingos, Venezuela e Zâmbia.

A FAO, organismo da O.N.U., para a alimentação e agricultura, com sede em Roma, foi criado em 1945. Estão presentemente representados 125 países. Portugal ingressou na organização em 1947.

FUGA DE MÃO-DE-OBRA

Sobre a acção da FAO, dos seus objectivos e esquemas de trabalho, relativamente ao nosso País, o dr. Cancella de Abreu, ex-ministro da Saúde e Assistência, presidente da comissão portuguesa, elucidou-nos:

Mercé de variadíssimas circunstâncias que afectam hoje a vida da gente dos campos, não só em Portugal mas em todo o Mundo, como sejam, por exemplo, a tendência generalizada do camponês em procurar uma melhoria da sua situação sócio-económica, transferindo-se para os centros urbanos e fabris, quer também a judiciosa orientação dos Governos dando prioridade ao fomento das indústrias, visto que por ela se consegue uma mais rápida elevação do nível das populações, a vida dos campos está a tornar-se cada vez mais difícil por dela se ausentarem os mais hábeis no amanho da terra, ou pelo menos aqueles que estão em idade de produzir um trabalho mais rendável. Por estes e por outros factores, que muito interferem na actividade agrícola dos países e na vida das populações rurais, sentimos que as comissões nacionais da FAO têm uma marcada acção a desempenhar em tudo quanto possa relacionar-se com o bem-estar rural. Conta a nossa comissão nacional com técnicos qualificados que, certamente, permitirão, sob a égide da FAO, contribuir eficazmente para o tão desejado progresso agrícola do País.

— De que forma pensa poder actuar-se para diminuir esses graves inconvenientes da fuga para as cidades?

Se se conseguir tornar a vida nos campos mais agradável, e materialmente melhor remunerada, a tendência para abandonar os meios rurais por certo que diminuirá. É necessário, é mesmo indispensável que se torne mais confortável, de todos os pontos de vista mais atraente, a vida do campo. Bem-estar rural é uma expressão muito usada na FAO para sintetizar tudo quanto vise a melhoria das condições de vida das populações agrícolas, e é este um problema sobre o qual a organização se dedica com o maior carinho.

EMIGRAÇÃO

A emigração está preocupando os agricultores por falta de mão-de-obra, mas diz-se que, em relação a muitos outros países, ainda temos gente demais a trabalhar no campo. Que pensa a este respeito?

— **Realmente há quem defenda que a percentagem da população ocupada na nossa agricultura ainda é excessiva; porém, o número absoluto, em si, não tem qualquer significado, pois há que levar em linha de conta a qualidade da mão-de-obra. Se ficam só os velhos e os menores, pode suceder que o seu número já seja, mesmo insuficiente. Parece que isto está acontecendo em algumas regiões do País, até porque a mecanização não resolverá a dificuldade, pois que para conduzir tractores ou outros engenhos é necessário gente apta a esse serviço e não são demasiado velhos ou os muito jovens que têm possibilidades de resolver o problema.**

AUMENTO DA POPULAÇÃO

— Verifica-se que a população mundial está a ter um grande aumento, a ponto de se supor que duplicará em poucas décadas, aceita a impossibilidade de não ser fácil produzir-se o necessário ao abastecimento dessas populações?

Na realidade a FAO preocupa-se muito com o excessivo aumento da população, que se está registando principalmente nos chamados países em vias de desenvolvimento, e há até quem defenda que se deve fomentar o controlo da natalidade. Mas também há muita gente que admite que se as riquezas da Terra forem melhor aproveitadas e se se utilizarem todos os recursos de que a ciência dispõe (e que todos os dias está aumentando), possa ainda estar longínqua essa dramática previsão. Registe-se que uma das principais funções da FAO é ensinar a todo o mundo a maneira de obter melhores e maiores colheitas por hectare. Se todos os povos tiverem oportunidade de seguir estes ensinamentos, as perspectivas, quanto ao futuro, não são muito preocupantes.

— Concretamente, tem neste momento a comissão portuguesa alguma (ou algumas) matérias a ocupar espacialmente a sua atenção?

Há actualmente dois pontos sobre os quais nos debruçamos com o maior interesse. Em primeiro lugar, temos esperanças de que o Governo português publique um novo decreto, cuja proposta e projecto estão em apreciação superior, com a finalidade de reformar o Decreto-Lei que há 25 anos criou esta comissão nacional e que não mais sofreu qualquer alteração. Considero a legislação existente pouco adequada ao momento presente e necessitada de algumas alterações para que a comissão portuguesa da FAO possa dar o rendimento que se deseja. Depois, está em debate neste momento, por parte dos nossos vogais, e cada um no seu sector, o problema dos factores que de qualquer modo possam estar a contribuir para a chamada crise da lavoura nacional, de que tanto se está falando.

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

Ainda a propósito dos vários trabalhos em discussão, o dr. Cancella de Abreu pormenorizou:

Vimos ocupando nesta matéria várias sessões, onde os vogais da silvicultura, pecuária, investigação científica agrícola e da lavoura, já tiveram oportunidade de expor os seus pontos de vista e de fornecer à nossa apreciação cuidadosos trabalhos. Estas reuniões prosseguirão e delas será extraída uma súmula que espero possa vir, em devido tempo, a ser entregue ao Governo. Oxalá essas conclusões possam ter qualquer utilidade.

— Quem são e como se formam os técnicos da FAO?

Os técnicos da FAO são recrutados entre os técnicos dos países membros da Organização, quer para constituirem o seu quadro permanente, em Roma, quer para missões de assistência técnica noutros países menos evoluídos.

— Como se processa a colaboração entre a FAO, (organização com características mundiais), e o Governo português?

Essa colaboração efectua-se não só pela cedência de técnicos portugueses e recebimento de bolseiros originários dos diversos países membros, mas também pela participação portuguesa nas conferências, conselhos e numerosas reuniões especializadas da FAO, facilidades como país hospedeiro para realização de conferências em Portugal, recebimento e divulgação das publicações da FAO, para as quais o nosso País contribui com toda a espécie de informações estatísticas e técnicas que lhe são pedidas.

Dr. Cancella de Abreu: A vida dos campos está a tornar-se cada vez mais difícil

PORTUGUESES NA FAO

Quanto a técnicos portugueses no estrangeiro:

Porém, surge por vezes uma dificuldade, condicionada pelas possibilidades de cedência dos serviços a que esses técnicos pertencem. Nem todos os que a FAO selecciona podem por nós ser cedidos, porque os serviços onde trabalham não os podem dispensar, ainda que temporàriamente. No entanto, e neste momento, há técnicos portugueses a trabalhar no Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Honduras, Itália (na sede, em Roma), México, Nicarágua, Paquistão, S. Domingos, Venezuela e Zâmbia.

— De que especialidades são geralmente, os técnicos recrutados?

Como a Organização se ocupa, fundamentalmente dos problemas de alimentação e da agricultura, são quase sempre engenheiros agrónomos e silvicultores, médicos veterinários, economistas, biólogos e tecnólogos, os que nos são solicitados. Mas, como bem se compreende, têm de ser técnicos categorizados e já com grande experiência, visto que vão actuar assistindo governos estrangeiros, chefiando equipas, ou integrando-se em grupos de trabalho constituídos por elementos que fazem parte de outras organizações que laboram em colaboração com a FAO.

A VIAGEM PRESIDENCIAL

DE BORDO DO «FUNCHAL», 18 — (ANI) — A passagem do Equador — habitualmente ocasião para festividades em todos os navios — não deu motivo desta vez às costumadas cerimónias burlescas, dado o carácter especial da viagem.

Apenas o próprio navio foi julgado e, por consenso dos passageiros, condenado numa leve pena, pois esta viagem foi a primeira em que atravessou o Equador. Por isso, ao jantar, de smoking — o primeiro do género — na alturado champagne, o dr. Bustorf Silva, presidente da assembleia geral da conpanhia armadora, saudou o presidente Américo Thomaz, o Embaixador do Brasil, dr. Gama e Silva, o Ministro da Marinha, Almirante Pereira Crespo, o Secretário de Estado de Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, e as suas esposas.

A companhia ofereceu aos passageiros lembranças desta viagem: para as senhoras, caixinhas de prata para comprimidos, com as armas imperiais do Brasil e a data, e para os cavalheiros cinzeiros de porcelana com os escudos do Portugal e do Brasil, bem como uma frase alusiva à viagem presidencial.

Entretanto, a viagem decorre com mar calmo e céu nublado, sentindo-se calor da ordem dos trinta gráus e alguma humidade.

CERIMÓNIAS NO DESEMBARQUE DOS RESTOS MORTAIS DE D. PEDRO

RIO DE JANEIRO, 18 — (ANI) — Ficarão concluidas amanhã as obras do cais que o Ministério da Marinha está a construir em frente ao morro da Viúva, na enseada de Botafogo, para a atracação do navio «Piraque», para onde serão desembarcados, no dia 22, os despojos de D. Pedro I.

Os restos mortais do Imperador, que vêm a bordo do navio português «Funchal», serão trasladados para o «Piraque» à chegada ao Brasil.

Após o desembarque, uma escolta dos «Dragões da Independência» acompanhará o cortejo até junto ao monumento aos mortos da segunda guerra mundial, onde estarão os presidentes Medici do Brasil e Américo Thomaz de Portugal

Nessa ocasião, o Chefe de Estado português fará a entrega do corpo de D. Pedro ao presidente Medici, que o receberá em nome do povo brasileiro.

Em seguida, o corpo de D. Pedro será levado para o Museu da Quinta da Boa Vista, antigo palácio imperial, onde residiu o primeiro Imperador do Brasil.

O cais, uma passarela de madeira medindo cerca de 15 metros, já está praticamente concluido, faltando apenas as obras complementares no pontilhão móvel, onde encostará o navio «Piraque». Faltam também as obras no jardim, onde serão colocados blocos de pedra e a iluminação, cujos postes já foram levantados.

Ontem, operários navais concluiram a instalação de um palanque onde ficarão as autoridades no dia do desembarque.

Abrindo a «Semana da Comunidade Luso-Brasileira», realizou-se um grandioso espectáculo folclórico, no ginásio do Maracanã.

Presentes numerosas autoridades, tendo à frente o governador da Guanabara, Chagas Freitas, e personalidades da colónia portuguesa. Mais de dez mil pessoas se comprimiram no Maracanãzinho para ver e aplaudir os desfiles dos sociedades luso-brasileiras e bandas de músicos amadores, todas compostas de brasileiros e portugueses.

MENSAGEM DO PRESIDENTE MEDICI

SALVADOR; BRASIL, 18 — (FP) — Ao penetrar em águas brasileiras, às 08 h e 30 m de hoje, o navio Funchal — trazendo a bordo o restos mortais de Dom Pdero Primeiro — e uma força em tarefa de escolta foram recebidos com mensagem do presidente brasileiro ao seu colega de Protugal.

É a seguinte a mensagem do presidente Medici ao presidente de Portugal, almirante Américo Thomaz, que viaja também no Funchal:

«No momento em que vossa excelência e a sua ilustre comitiva ingressam em águas territoriais brasileiras, trazendo os restos mortais do primeiro imperador do Brasil, rei D. Pedro IV de Portugal, quero transmitir-lhe as mais efusivas saudações, para expressar-lhe, durante nosso encontro fraterno — , que constituirá, certamente, um dos mais significativos capítulos da história da comunidade luso-brasileira a admiração e o afeto que lhe desperta a figura do presidente de Portugal e grande amigo do Brasil.

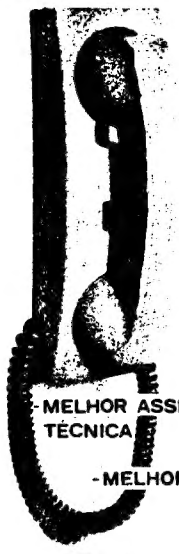
Aceite vossa excelência nossos mais afectuosos votos de boas vindas a estas terras, que são também suas e de todos os portugueses».

REUNIÃO DO CONGRESSO

BRASÍLIA, 18 — (FP) — O congresso brasileiro estará reunido em sessão solene, dia 25, para recepcionar o Presidente de Portugal, Almirante Américo Thomaz.

Falarão, em nome do Senado, sr. João Calmon e, em nome da Câmara, o sr. Tancredo Neves.

TELEFONES



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

O que é mais desportivo que um Opel Manta 1.6?

Um Opel Manta 1.9 !

OPEL GM

Opel Manta: Condução desportiva, estilo Nova Europa !

Potência, segurança e conforto familiar!

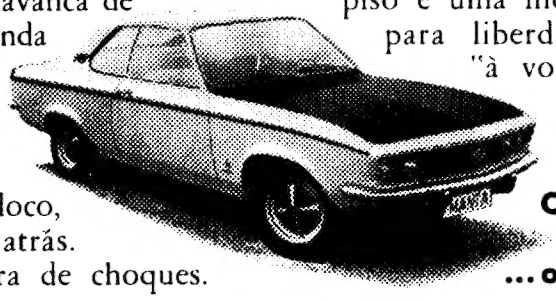
Potência- Motor de 92 ou 102 cv BHP 1584 cc ou 1897 cc de cilindrada. 4 cilindros em linha. Cambota com 5 apoios. Árvore de cames na cabeça. Rápido, equilibrado, durável. A alavanca de velocidades, directa à caixa, comanda a "relação" força / velocidade de forma rápida e segura.

A potência Manta será a sua satisfação!

Segurança- Carroçaria monobloco, zonas de protecção à frente e atrás. Coluna de direcção amortecedora de choques. Travões de circuito duplo, de disco à frente e polias atrás. A segurança Manta, é garantia de uma nova condução.

Conforto familiar- O Manta é desportivo... mas não sacrifica o conforto da família. Suspensão que permite uma aderência perfeita em qualquer piso e uma incomparável estabilidade. Espaço para liberdade de movimentos e total "à vontade". O compartimento de bagagens, é enorme (575 l).

O conforto Manta é a comodidade da sua família!



O concessionário Opel espera-o ! Visite-o !... ... o resto é consigo e com o Manta!

Opel Manta. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

DESTAQUES Hoje na TV

I PROGRAMA

NOITE DE CINEMA (às 22,10) — O Veleiro da Aventura. Durante vinte anos Clarence Brown foi, ao lado de George Cuker, o homem de prestígio da Metro-Coldwy-Mayer. A ele se devem as fitas mais conhecidas de Greta Garbo e está tudo dito

Realizador de técnica seguríssima, excelente director de actores, mas algo solene e académico, Frouwn deixou de fazer filmes em 1952. «O Veleiro da aventura», rodado nesse ano, e que vamos passar esta noite, foi a sua última obra.

Nela se evoca a odisseia do veleiro «Mayflower», que transportou para a América os colonos conhecidos por Pilgrim Fathers. Clarence Brown romanciou os factos históricos, mas manteve um certo fundo de verdade (há nomes que são reais) e um tom austero, lento, que favorece a evocação do passado. A própria história de amor que vem dar o toque de romance à tormentosa viagem, tem uma certa pungência, ultrapassa mesmo o plano sentimental.

A este respeito diremos que o «cast» de actores foi muito bem escolhido. Spencer Tracy, no papel do capitão Jones, e Gene Tierney, no de mulher que ama, são impecáveis, tal como Van Johnson e Dawn Adams, Leo Genn e Lloyd Bridges.

Tão homogénea como o grupo dos actores foi a equipa técnica do filme, assente num trio que à Metro deu muitas noites de glória - o operador William Daniels, o músico Miklos Rosza e o cenógrafo Cedric Gibbons.

A cena da tempestade, por exemplo, resultou um magnífico momento de cinema por virtude de uma execução técnica de primeira ordem, a que não falta o rosto indómito do capitão Jones, nem o esforço estampado nas caras dos marinheiros e dos passageiros.

Aqui termina o nosso ciclo de «Evocação da América» onde esparamos ter dado, mesmo sucintamente, uma visão sincera de alguns momentos da vida americana.

O inesquecível Spencer Tracy

II PROGRAMA

22.20 - A BRIGADA DOS SORTILÉGIOS. Rochemont matou a mulher com uma bala depois de seis meses de lua de mel feliz e sem nuvens, interrogado por Muselier, ele conta a sua história: a sua jovem mulher enganava-o com um actor da televisão..., história banal. Rochemont fala dum posto receptor especialmente equipado, dum misterioso sétimo canal... Muselier conlui que o crime passional foi devido a distúrbios mentais causados pelo desgosto.

Paumier, segue uma pista absolutamente diferente. Ele liga este caso a outros, similares, de cada vez que o crime se ligava com a televisão. Paumier crê ter encontrado o traço maléfico do seu velho inimigo Diablegris... Ele envia Albert aos lugares do crime para fazer um inquérito complementar.

O "Embryo" ontem no Alvalade: o som a seu dono

Credenciado, pelo menos na literatura explicativa que enchia o programa de apresentação como o mais importante agrupamento de Munique e um dos melhores da Alemanha, «Embryo» teve ontem no palco (ùltimamente bastante concorrido) do Cinema Alvalade o seu primeiro contacto com o público português. O grupo vem, segundo parece, numa digressão europeia, que entre outros países inclui Espanha e França, sendo Portugal apenas um ponto de escala no seu itenerário artístico. Uma vez terminado o seu trabalho entre nós deslocar-se-á ao Norte de África: a viagem é promovida pelo «Goethe Institut de Munique» e apoiada neste caso pelo Instituto Alemão de Lisboa.

O quarteto que se exibe regularmente na TV alemã, segundo reza o programa, é composto por Christian Burchard (pianista, vibrafonista, homem de talentos múltiplos), Edgar Hofman (violino, saxofones e percussão) e no lugar dos outros dois elementos, que normalmente integram a formação vimos em substituto Jimmy Jackson (piano elétrico) e Dave King que toca com volume exagerado viola-baixo e flauta, comprometendo sèriamente o já frágil equilíbrio do trabalho de conjunto.

Feitas as apresentações e referidas as condições em que se realizou este espectáculo passemos, ao palco e ao trabalho do grupo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel de Sousa Melro, «Tabacaria Moderna», R.Cândido dos Reis, ALHOS VEDROS

EM EMBRIÃO

A apresentação do grupo esteve a cargo de Paulo Gil que há poucos dias ainda fez com «Status», o seu novo grupo, naquele mesmo palco, a sua primeira actuação, em público. No dizer de Gil o som de «Embryo» filia-se directamente na classificação de «Heavy rock» o qual, de forma um tanto precipitada, (são ainda palavras suas) pode ser considerado uma espécie de «free rock» já que o grupo faz (?) da aparente desunidade sonora o caminho certo para comunicação dos músicos entre si. Mais adiante, declarou ainda que a qualidade e a riqueza musical da actuação dependiam largamente da adesão do público e das motivações que os músicos nele conseguissem encontrar. Até aqui estava tudo muito certo: o grupo estava muito nervoso e uma forte salva de palmas seria segundo Paulo Gil a forma mais eficiente de debelar o nervosismo.

Com a sala repleta de público jovem que ultrapassava em larga medida a lotação média da casa, «Embryo», aparatosamente enquadrado pelo foco vermelho dos projectores, teve por fim oportunidade de exibir os seus (poucos) trunfos.

Após uma entrada promissora, pelo equilíbrio posto na exposição do tema inicial, todo constituído à base de flauta, xilofone e sax-tenor, o som do grupo começou lentamente a desintegara-se: o baixo aumentou exageradamente de volume e a bateria de Christian Burchard esteve longe de ser o suporte ideal do conjunto. No sax e no violino eléctrico, Edgard Hofman pareceu-nos ser um dos mais sólidos elementos do grupo deixando a uma considerável distância as intervenções irregulares e pouco claras do pianista norte-americano Jimmy Jackson. Viciado à partida pelo descontrole da viola-baixo, o som de «Embryo», nos primeiros momentos relativamente interessante transformou-se numa amalgama sonora que foi gradualmente incomodando a parte mais esclarecida da assistência.

O público, muito mais ávido de movimento e de ritmo (quanto mais marcado melhor) foi ingènuamente na cantiga aplaudindo por tudo e por nada o produto que lhe punham pela frente rotulado de forma pomposa como «heavy rock».

Com características predominantemente instrumentais (já que a voz é no todo, um elemento aleatório) «Embryo» em vez de procurar no desencontro intencional dos seus elementos, o estímulo para a criação de um discurso coerente e rico de sugestões perde-se a todo o momento, desenvolvendo propostas já de si muito discutíveis e confusas. Assim, **a marcação rítmica violenta** a que se faz alusão no programa, transforma-se num «delirio» que se prolonga inùtilmente. Não é fácil desligar as peças do conjunto quando não existe maturidade técnica suficiente para que o processo resulte.

O grupo, que nos seus escassos momentos de «comunicação», nos faz pensar nos Amon Duul de «Carnival in Babylon» é uma espécie de parente pobre dos agrupamentos mais importantes da música progressiva que se faz na América do Norte, chegando nos períodos de maior balanço a recordar-nos violentos «Grand Funk», apesar de, objectivamente, terem muito pouco a ver com eles.

Posto isto perguntamos: valerá a pena apresentar ao público português todo o que nos chega de fora bem credenciado, ou será preferível melhorar a qualidade em detrimento da quantidade? Nós bem sabemos que depois de Vilar de Mouros e do Festival de Jazz de Cascais as pessoas ficaram cheias de água na boca, para este tipo de coisas, mas exactamente por isso, é necessário repensar a importância daquilo que se propõe a um público tão permeável quanto impreparado. Quantas pessoas ao ouvirem o violino eléctrico de Hofman não pensaram logo no som de Ornette Coleman, e em Miles Davis ao ouvirem metais electificados? No entanto será esse o caminho mais certo? Supomos que não. De tudo isto fica-nos uma certeza: nem sempre o que cheira a vanguarda tem a importância e o significado das verdadeiras experiências de vanguarda; entre o que nos propomos fazer e o que fazemos na realidade, há sempre uma distância impensável, que só o tempo e a reflexão nos ajudam a vencer. Bem, mas isso é já outra cantiga.

Da passagem do «Embryo» pelo palco do Alvalade fica-nos a sensação de ter visto um grupo prejudicado pelo seu próprio cartão de visita: ou será que o desequilíbrio e a confusão de que falámos atrás, são apenas fruto da nossa imaginação. Tudo nos leva, felizmente, a crer que não.

OPINIÕES

No «hall» do Alvalade durante o intervalo e nos minutos que antecederam o fim do concerto recolhemos por mera curiosidade as opiniões de pessoas que pelas suas afinidades com o «oficio», pudessem pronunciar-se sobre a importância do acontecimento e sobre a qualidade do som apresentado pelo grupo alemão. É disso que a seguir damos notícias:

Luís Vilas-Boas (crónico frequentador deste tipo de manifestações): **«Neste tipo de música não basta fazer barulho, é preciso muito mais do que isso. O grupo para já não tem «swing». O baixo é perfeitamente horrível. A tocar daquela maneira devia ser preso»**. Dizendo isto afastou-se indignado, enquanto outras pessoas tentavam também por hábito ou por simples curiosidade saber a sua opinião.

Carlos Alberto Moniz (figura destacada da nova canção portuguesa): **«Não me agradam particularmente. Acho que falha ali qualquer coisa. Mesmo assim há alguns elementos aproveitáveis»**.

José Nuno Martins (indignado com a pouca qualidade do grupo abandonou a sala antes de terminar a actuação): **«Acho este som perfeitamente horrível»**.

Zé Nabo (viola-baixo do agrupamento «Objectivo»): **«Como vêm da Alemanha têm direito a concerto. Os portugueses, entretanto, não tem oportunidades destas, são capazes de fazer ainda mais barulho»!!!**

Enquanto no exterior havia entre as pessoas do «metier» uma certa unanimidade de opiniões, na sala, o público continuava a aplaudir quase em delírio uma outra intervenção mais espectacular.

Assim vamos nós: divididos nas opiniões e nos gostos, discutindo formas e processos, enquanto os verdadeiros problemas continuam a outros níveis a aguardar uma solução que talvez não chegue nunca.

José Jorge Letria

REALCE A SUA BELEZA
tonificando a pele com

LEITE DE BELEZA VITAMINADO

SARDITAL

ESPECIALMENTE PREPARADO PARA A LIMPEZA DA SUA PELE

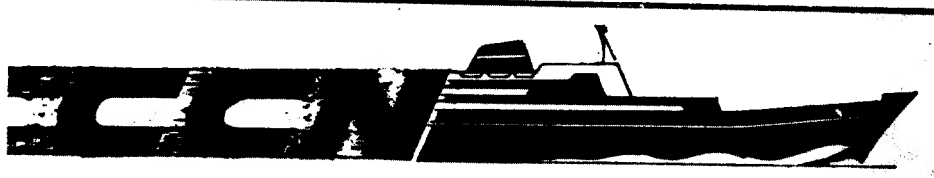
EXPERIMENTE E VERIFICARÁ OS SEUS SURPREENDENTES RESULTADOS

USE TAMBÉM
SABONETE SARDITAL
rico em óleos puros

à venda nas farmácias, perfumarias e drogarias

J.C.CRESPO, LDA
RUA DA MADALENA, 193
LISBOA

BARBOT COSTA
RUA FERNANDES TOMAZ, 749
PORTO



companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUANDA» a sair em 20 de Abril	Com escala por Leixões para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega em 18 de Abril.
«IMPÉRIO» a sair em 25 de Abril às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 17 a 20 de Abril.
«LOBITO» a sair em 30 de Abril	Vindo do Norte da Europa, com escala por Leixões, para: PRINCIPE (*), S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (*), NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 24 a 27 de Abril.
«AMBOIM» a sair em 5 de Maio	Com escala prévia por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA, Carrega de 1 a 3 de Maio.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 19 de Maio às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 15 a 17 de Maio.
«PÁTRIA» a sair em 28 de Maio às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 19 a 23 de Maio.
«PORTO» a sair em 31 de Maio	Vindo do Norte da Europa com escala por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, EAST LONDON (na viagem de regresso (*), DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 27 a 29 de Maio.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 15 de Maio e 17 de Junho, às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

(*) SE NECESSÁRIO.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8 * PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

Representações estrangeiras na feira de AVICULTURA INDUSTRIAL

TOMAR

Reveste-se de importante significado e adquire larga projecção a Feira de Avicultura Industrial a cuja festiva inauguração presidirá o sr. secretário de Estado da Agricultura no dia 29. Encerrar-se-á a 7 de Maio.

No Largo Cinco de Outubro estão já montados grandes pavilhões e «stands», onde será exposto tudo quanto se relaciona com a avicultura no seu aspecto industrial.

Ali funcionarão um posto de informações e um restaurante que fornecerá pratos característicos e outras iguarias regionais.

Concorrem, com sugestivas representações, os seguintes países: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Canadá, e Estados Unidos da América do Norte.

A grande exposição está a suscitar o maior interesse que transcende do ambiente regional.

Turismo

A Câmara Municipal de Turismo à qual preside o sr. arquitecto João Pedro da Mota Lima, acaba de realizar uma magnífica obra que muito valoriza a cidade. Assim, os monumentos principais e outros de interesse turístico, foram iluminados dando ao burgo nabantino novo aliciante para os visitantes.

O turista pode assim admirar sob aspecto diferente e sugestivo, o efeito nocturno desses monumentos.

Novo liceu

Prosseguem activamente os trabalhos de construção do moderno liceu, obra que se impunha dada a deficiência de instalações, onde hoje se ministram as aulas dispersas por vários edifícios.

Espera-se que o novo edifício esteja concluído em Outubro de 1973.

AVEIRO

Cidade limpa?

Gozava Aveiro da fama de ser das cidades portuguesas mais limpas. Mas veio a perdê-la. Culpa dos habitantes ou deficientes serviços camarários de limpeza? O Município, porém, voltou a debruçar-se sobre o assunto e publicou novas disposições que, a partir de Maio, alterarão, o sistema da recolha de lixos. Dado que a limpeza interessa a todos, esperamos que todos colaborem na manutenção da cidade limpa. Caso contrário, lá virá a multa. O aviso é claro. Quem não cumprir será punido ao abrigo de um chorrilho de artigos inscritos no documento camarário. O costume.

Trinta votantes num sindicato

Eleições no Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do distrito de Aveiro: trinta foram os votantes quase metade dos quais faziam parte dos nomes a votar. Reflexo bem nítido do desinteresse e alheamento da classe, que se vêm acentuando reunião após reunião.

De qualquer modo, a lista votada: Assembleia Geral, Mário de Matos, Armando Carlos Lopes e Augusto Rodrigues Soares Martins Pinheiro; Direcção, Artur José Lopes Lobo, Amândio Terrível, Humberto Martins Leal, João Carlos Fidalgo, e António Lança de Oliveira Matos.

Actividades do C.E.T.A.

O Círculo de Teatro de Aveiro pretende levar a efeito mais uma iniciativa - o I Caderno de Prosa. Os interessados em colaborar devem remeter os seus trabalhos (conto, narrativa, crónica, reportagem, apontamentos) até ao dia 30 de Junho para a sede do CETA - Rua das Tomásias, 14, em Aveiro.

Os trabalhos propostos serão submetidos a uma selecção e não devem ultrapassar duas páginas de papel de máquina dactilografadas a dois espaços.

GUIMARÃES

Conferência

Na sede da Assembleia de Guimarães o eng. Adriano Amaro da Costa, adjunto do director do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação Nacional faz, no dia 22, ás 21 e 30, uma conferência subordinada ao tema: «Educação e Recursos Humanos na Decada de 80».

PROVÍNCIA

FARO

Visita de professores americanos

Em viagem organizada pela Federação dos Professores do Estado de Massachusetts (E.U.) e pela Associação dos Professores da Cidade do Maine, chegaram ao aeroporto de Faro, num avião «DC-8», procedentes de Boston, duzentos professores norte-americanos.

Vêm em viagem de férias, e durante oito dias, percorrerão os lugares mais atraentes do Algarve, hoje indicados nos roteiros mundiais do turismo.

VILA REAL

Numa reunião que decorreu no gabinete do presidente do Município local, arquitecto Mário de Jesus da Silva Santos, foi revelado o programa das comemorações do 7.º centenário do primeiro foral de Vila Real, do qual se salienta: no dia 27, ás 21 e 30, sessão de abertura no Governo Civil; dia 1 de Junho, homenagem a Camilo Castelo Branco, ás 15 horas, no ginásio da Escola Técnica, por iniciativa do Rotary Clube local, falando o dr. João Araújo Correia; dia 4 do mesmo mês às 16 horas, no Seminário de Santa Clara, inauguração de uma exposição de arte sacra pelo bispo de Vila Real; dia 10, às 10, na Avenida Carvalho Araújo, inauguração de um monumento aos mortos no Ultramar; dia 13, às 17 no Governo Civil inauguração de uma retrospectiva de Vila Real; dia 17, às 16, na Câmara Municipal, entrega do Prémio Padre Manuel da Nóbrega aos melhores alunos do Liceu e da Escola Técnica de Vila Real.

As comemorações continuarão nos meses seguintes, encerrando-se no dia 7 de Dezembro, com uma sessão solene às 21 e 30, no Palácio do Governo Civil.

ANGOLA: 1580 PRÉDIOS CONSTRUÍDOS EM 1971

LUANDA, (ANI) — Mil quinhentos e oitenta edifícios, no valor de 1 398 402 contos, construídos no ano passado em Angola — anuncia a delegação do Instituto Nacional de Estatística.

Em Luanda foram edificados 443 prédios, no valor de 731974 contos, ao passo que em Nova Lisboa, capital do distrito de Huambo, foram construídos cento e cinquenta, cujo valor ascende a 153 822 contos.

NOVA INDUSTRIA EM ANGOLA

LUANDA — (ANI) — Vão ser investidos, ainda este ano, por iniciativa particular, perto de 43 milhões de escudos, na instalação de uma unidade de fabrico de triciclos e de carros de mão para armazéns e numa indústria de construção de embarcações de pesca costeira, de barcaças fluviais e de barcos desportivos e de recreio.

CURSOS DE MATEMÁTICA

Promovida pela Ordem dos Engenheiros, inicia-se no dia 25 em Lisboa, a terceira série do curso «Introdução à Álgebra Moderna. Álgebra Matricial», regido pelo dr. Gustavo de Castro, e a primeira série de um curso sobre cérebros electrónicos.

O PROBLEMA DA DROGA DEBATIDO EM COLÓQUIO

Na Residência dos Estudantes da Beira recomeçaram as actividades com um colóquio informal, orientado pelo sr. dr. Messias Bento, juiz de Direito e subdirector da Polícia Judiciária do Porto.

Colocando-se à disposição dos presentes, muitos alunos da Faculdade de Direito, para quem se destinava, em particular, este colóquio, o dr. Messias Bento disse que estaria pronto a responder a perguntas ligadas à sua vida profissional, apontando como exemplo, entre outros, a organização judiciária, a criminalidade, a droga e problemas correlativos, etc.

O ponto pelo qual a assistência mais se interessou foi o da droga, que ocupou, na generalidade, todo o colóquio, e o orientador fez uma interessante exposição sobre o assunto, explicando pormenorizadamente alguns tipos de estupefacientes mais usuais, a sua origem, razões do surto generalizado da droga entre a juventude, a acção policial, tráfico de drogas, problemas físicos, psíquicos e morais resultantes do seu uso, etc.

Por fim, o dr. Messias Bento respondeu a diversas perguntas que lhe foram feitas.

URBANISMO REGIONAL

Na sede da Comissão de Planeamento da Região Centro, abre amanhã, às 15 horas, uma exposição de livros ingleses, recentes, sobre o Planeamento Urbanístico Regional, organizada pelo British Council e que, recentemente, esteve patente em Lisboa e no Porto.

Estará aberta ao público até ao dia 26.

MISERICÓRDIA

Presidiu à reunião da mesa da Misericórdia o provedor, prof. Bissaia Barreto. Foram tratados diversos problemas de interesse para a benemérita instituição.

SOLIDARIEDADE JUVENIL

O Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (MOJAF), promove num «stand» de automóveis, no Largo da Portagem, uma exposição-venda que ali se manterá até segunda-feira, aberta das 9 às 13 e das 14 e 30 às 22 e 30 horas. Objectivo: recolher fundos para a continuação da sua acção social.

ROTARY CLUBE

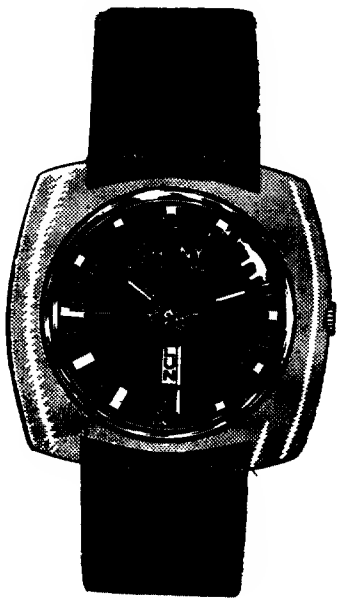
Na reunião do Rotary Clube, presidida pelo sr. António Cordeiro, foram apresentados os jovens Maria Margarida Monteiro, Ana Cristina Gomes Leite e António Carlos Duarte Fonseca, os quais fizeram interessante e sugestiva descrição da sua viagem a França, no recente Cruzeiro de Férias.

O sr. Alberto Mourão, secretário do clube, referiu-se às novas direcções dos clubes de Alcobaça, Covilhã, Figueira da Foz, Castelo Branco, Porto e Lisboa e à insistência do Clube de Bordéus-Oeste sobre a comparência ali do Clube de Coimbra, para uma reunião de contacto e companheirismo. Fez ainda considerações sobre o plenário de Dax, para onde se pode seguir de avião, no «Sud-Express», de autocarro ou de automóvel.

O sr. Alberto Ruivo falou sobre a Conferência do Distrito 176, que decorrera nos dias 5,6 e 7 de Maio, no Hotel da Ericeira, e cujo tema oficial será a «Emigração.»

DL COIMBRA

ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO



CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
ANTICHOC
RESISTENTE:

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

PRÉDIO

VENDE-SE O N.º 100 DA AVENIDA DO BRASIL — LISBOA COM A ÁREA APROXIMADA DE 1000 M2

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santarém, recebe propostas, em cartas fechadas, que serão abertas no dia 26 de Maio de 1972, pelas 15 horas, na sua sede em Santarém, e na presença dos interessados que desejem assistir.

Reserva-se o direito de não efectivar a venda, caso a maior proposta não interesse a este Organismo.

A proposta que porventura seja aprovada ficará sujeita ao direito de opção a favor do rendeiro comercial existente no prédio em venda.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1972

IMPRESSOS
Conc. Público n.º 55

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 14 de Abril de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

PARABRISAS ESTILHAÇADOS MISTERIOSAMENTE

O assunto focado na carta enviada pelo nosso leitor, sr. António José Sacho Fontainhas, de Lisboa, liga-se directamente com um tema que é, actualmente, objecto de grandes preocupações a todos os níveis - a segurança rodoviária.

Por isso transcrevemos na íntegra e a comentamos:

«Ex.mo Senhor Director: Na intenção de alertar o público contra organizações que se permitem alijar responsabilidades relativamente a produtos defeituosos de que fazem venda, e de estimular esse mesmo público a tomar atitudes mais activas quando, pelos mesmos motivos, a sua economia é afectada, venho solicitar a V. E.ª a publicação desta carta que, fundamentalmente mais não pretende que pôr cobro a um estado de coisas que parecem arrastar-se sem qualquer vislumbre de resolução imediata.

O episódio conta-se em poucas palavras.

Quando no passado dia 10, circulava próximo de Oliveira do Hospital, num automóvel «Fiat-128», com 1500 km. e 2 semanas de vida, à velocidade de 90 Km. horários, não tendo qualquer outro veículo á minha vista e numa estrada limpa de pedras, tive a perigosa surpresa de ver rebentar, sem qualquer intervenção de projectil, o vidro pára-brisas do carro que conduzia, ficando, por consequência, sùbitamente, sem qualquer espaço livre visível à minha frente, conforme se torna elucidativo através de fotografia que junto, ainda que nesta saturação das pequenas partículas de vidro se torne já evidente, principiando a superfície a romper-se devido à sua consistência de momento.

O insólito acontecimento não teve quaisquer consequências graves apenas por mero acaso, dado que o despiste estava à vista e alguns locais que transitavam pela berma da estrada estiveram na iminência de se verem envolvidos num inesperado desastre.

Tendo entrado em contacto telefónico com a «FIAT PORTUGUESA»,através dovendedor do referido veículo, pessoa que, aliás me merece inteira consideração, logo me foi dissuadido de que uma reclamação à firma vendedora ou à firma fornecedora do material sinistrado, não teria qualquer êxito. A primeira porque, embora segundo os seus actuais regulamentos de garantia, inseridos no art.º 7.º «garanta os automóveis de construção normal», não se responsabiliza, contudo, por danos ou deterioração de produtos construídos por terceiros, ou seja, pràticamente, por quase todo o material do fabrico nacional a que é obrigada a recorrer por imposição governamental.

Quanto à firma fornecedora da peça danificada, sociedade que é única no género no País, essa não tem vindo a aceitar reclamações por nunca considerar a causa como mau fabrico de material. Parece-me, a este respeito, fazer uma referência aos construtores de bateria destinadas a serem utilizadas em automóveis, as quais estando, também, excluídas de responsabilidade dos vendedores daqueles veículos, são, no entanto, garantidas pelo próprio fabricante, atitude bastante sintomática, se nos recordarmos que existem, que eu tenha conhecimento, pelo menos dois construtores dessas unidades. Tenha-se também, em atenção que a empresa interveniente na parte respeitante a estofador, chama a si qualquer responsabilidade por defeito de fabrico.

Atendendo a este impasse e não deparando com outra solução, ordenei a montagem de novo pára-brisas, na 2.ª feira 13, na sociedade «Castro e Castanheira, Lda.» representante oficial da «FIAT PORTUGUESA», em Coimbra e, no final, 1 850$00 foram dispendidos pelo proprietário, no fim de contas o único interessado em resolver a situação.

Acrescente-se que a peça, montada agora, é de marca diferente da anterior, sem que para isso tivesse existido qualquer exigência da minha parte.

A aceitação geral de que este fenómeno é um facto consumado está bem patente em expressões sistemáticas empregues, tais como «é normal» costuma acontecer com frequência», «é devido a alterações de temperatura», etc, etc. que ouvidas de «técnicos» de oficinas e de outros não menos documentados sobre problemas automobilísticos, acabam por ter o impacto de axioma.

E, parece-me que alguns destes comentários, constituem uma verdade insofismável, especialmente os que dizem respeito a frequência, já que no dia em que o famigerado carro entrou na oficina para a necessária reparação, o mesmo foi ditado, sem espanto(!), como o n.º 4 em idênticas condições, todos vítimas durante o fim-de-semana e, simples curiosidade, todos, também, do mesmo modelo.

Quanto a pretender-se que **são normais estes fenómenos e a darem-se exemplos do que acontece ao vizinho, a título de consolação, mais não me parece encontrar nesta atitude do que uma intenção calculada de persuasão, com o objectivo por demais evidente de provocar na pessoa vitimada o simples movimento de encolher de ombros.**

Muito grato a V. Ex.ª, Senhor Director, por me ter sido dada oportunidade de fornecer elementos que permitam pensar um pouco acerca das arbitrariedades do negócio automóvel».

A RESPONSABILIDADE DOS FABRICANTES

Só um condutor bastante experimentado poderá evitar um acidente, ou no mínimo uma saída da estrada quando súbitamente vê partir-se o pára-brisas do seu automóvel, mesmo que circule a velocidade bastante baixa. Este tipo de ocorrências tem sido frequente nos últimos tempos, alarmando, justificadamente, muitos condutores que, para além da prudência e cuidado da sua condução, gostam de estar seguros que o material lhe oferece também boas condições de segurança. A estes factos não podem considerar-se alheios os fabricantes de componentes para a indústria automóvel.

Neste caso a entidade que fabrica, monta e vende o automóvel só poderá ser responsabilizada se a montagem do pára-brisas tiver sido mal feita. Nestas condições o mais normal é o vidro saltar inteiro mas nunca estilhaçar. Até agora apenas uma empresa — a Covina — fabriça vidros para automóveis, não restando às fábricas de montagem outras alternativas de escolha visto esta empresa deter o exclusivo de fabricação de tais vidros e haver a obrigatoriedade de incorporação de componentes de origem nacional.

Solicitada para nos fornecer uma informação técnica explicando por que se partem os vidros, a Covina apontou quatro motivos principais: **deficiência de têmpera, deficiência de montagem, choque mecânico violento ou choque térmico violento.**

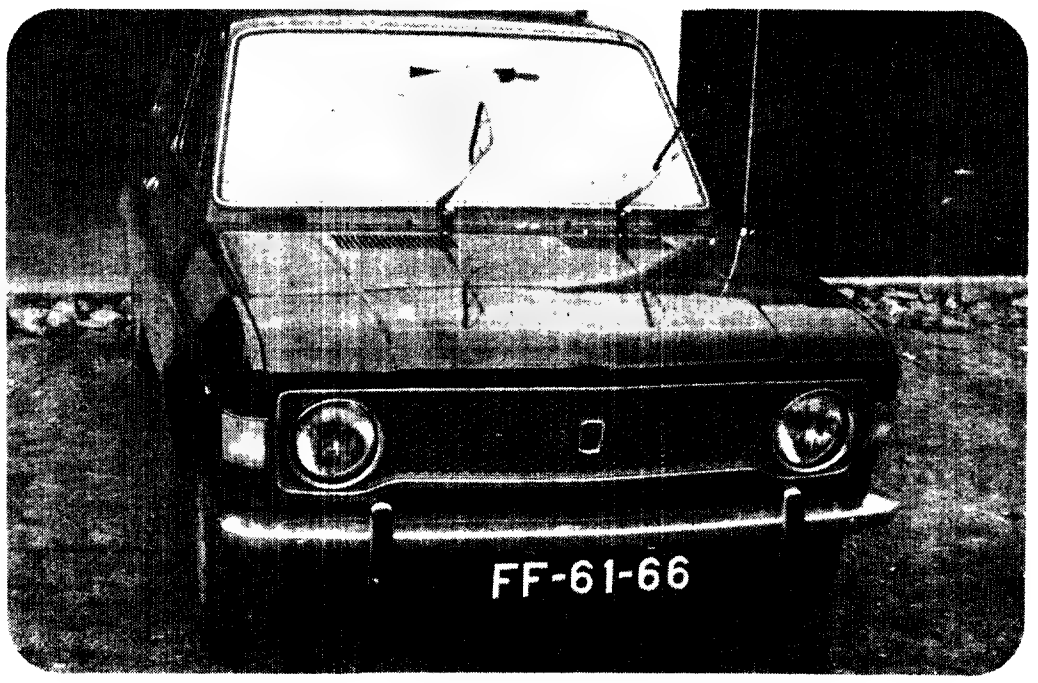
Acrescenta ainda que relativamente ao choque mecânico «**verifica-se muitas vezes um período de horas ou até dias entre o momento do citado choque e a quebra, o que pode provocar o rebentamento do vidr, mesmo com o carro parado, e sem que, aparentemente, exista qualquer causa para o facto».**

Quando acontece qualquer dos casos citados, esclarece a firma em questão, «**pedimos ao fornecido amostras dos pedaços de vidro consequentes da quebra. Esses vidros são analisados pelos nossos serviços técnicos. Nestes serviços verifica-se se há ou não má tempera. Em caso afirmativo substituimos imediatamente o vidro quebrado».**

Exceptuando o caso de choque mecânico violento não se vê qualquer motivo que iniba o utente do automóvel de pedir responsabilidades, ou ao fabricante do vidro ou aos fabricantes do automóvel. Estes admitem, por vezes, deficientes montagens. Estas todavia originam a que os vidros saltem do lugar ou então quebrem numa determinada zona e não que se estilhacem repentinamente em andamento.

Mas, pelo que se deduz, o fabricante apenas dá garantia do vidro quando se verifique ter havido má têmpera. O choque térmico violento, certamente difícil de determinar, fica assim excluído da garantia. Todavia este nosso leitor circulava normalmente por uma estrada «normal» quando o vidro se estilhaçou. Não consta que tenham ocorrido em Portugal fenomenos meteorológicos que, provoquem choques térmicos capazes de partirem vidros de automóveis. A menos que a qualidade destes não seja a melhor.

Parece-nos que aos fabricantes compete apresentar no mercado produtos que resistam às condições normais de utilização. Isto em nome de uma técnica que deve estar em dia com a evolução do automóvel e responder às exigências de segurança que todos reconhecem ser necessário aumentar, objectivo que não se obtém à custa de concepções demagógicas e ilusórias de limitação de velocidade. A exigência da montagem de vidros laminados, aqueles que melhor segurança oferecem, é uma medida que se impõe. Tal como a homologação oficial de todos os componentes do automóvel de cuja qualidade possam depender os factores de segurança. E sobre isto cabe a última palavra às entidades oficiais, que já procuraram actuar sobre a qualidade dos capacetes de protecção dos motociclistas e sobre os cintos de segurança. Por que não ir um pouco mais longe?



O parabrisas estilhaçou-se de repente...

Texto: JOSUÉ DA

PESCADOR O DIREIT SOBREVI

Um pequeno barco, um aparelho de pesca primitivo, um olhar fatigado de esperas inúteis, de desenganos, de privações, de riscos, de esperanças frustradas — este é o pescador do rio. A «profissão» chegou a ser rendosa, bastante ao menos para afugentar a miséria. Mas entrou em decadência e o pescador de rio já não sabe o que há-de fazer à vida.

Frente ao fulgor da maré, prata e ouro, tons violeta dispersos correndo na embocadura vasta do rio que o sol mal nascente enlanguesce de luz morna, **Ti** Tóino Caldeirão pisca os olhos míopes. Dobra o corpo de arenque fumado, todo ele osso e fibra, para o fundo do bote, agarra com mão prática o fio já anzolado e lança-o por sobre a borda com um esticão quase displicente.

— **Aí vai! A ver o que dá.**

Chap! Os anzóis afundam-se na água lisa, sem brisas, da maré morta. **Ti** Tóino alapa-se no banco da popa, o cigarro descaído sobre um lábio esgarçado por uma ponta de desolação. Olha-nos um momento, constrangido. Perguntamos:

— Há azar, **ti** Tóino?

Encolhe os ombros mal alinhados no casacão surrado:

— **Azar é um homem não acordar vivo** — responde com um sorriso que pretende tornar fugidio o traço de perene amargura nas feições enrugadas. — **Mas isto hoje não vai dar nada, sabe? 'tá manso** — e aponta com o queixo ainda aguerrido as águas do rio que badanejam ternamente em torno do casco do bote. — **Manso de mais...**

Ti Tónio fala do que conhece. Era melhor que não! Trinta e quatro anos de faina no mar, dia e noite, o arco das pupilas dilatado pelo sonho que, nesse tempo, lhe oferecia uma aventura delirante em cada porto descoberto. Mas agora está velho, exausto. De seu, já nem o sonho. Apenas um bote emprestado e a barraca na Caparica. Já nem o sonho, tragado aos poucos, pelo compasso das frustrações que alagam a vida dum homem.

— **Andei por aí como um moiro. Hoje até a barca não é minha. Já não posso sair todos os dias, como antigamente.**

O DRAMA

E vai, **Ti** Tóino começa a descrever-nos o pescador que foi:

— **Andei em barcos grandes, sabe? Fiz muitas viagens. Cheguei a ser contramestre em arrastões estrangeiros. Conheci Ceca e Meca. Não eu não condeno nada. Os homens têm uma vida em cada tempo. Quando chega a idade, não há nada a fazer...**

— Porque não escolheu outra profissão, **ti** Tóino?

— **Homem! O mar é como amor de mulher, sabe? Um homem cansa-se, abandona, diz**

Pescac

que não torna e acaba sempre por voltar. Como um amor de mulher, já lhe disse.

E, de repente, dá-nos a imagem do pescador que é:

— **Também tive que me fazer pescador de rio. E que tem? Tão danados p'ró perigo como os outros. Ou mais. Porque um pescador de rio tem de se haver com dois metros de madeira debaixo dos pés. Os outros governam-se em barcos grandes, que aguentam faina até ao diabo. Além disso, o mar é aquilo que a gente sabe: ou está manso ou está bravo, e um homem percebe com o que se entende. O rio, não. O rio é o golpe de vento que te reviravolta num instante, a onda que não viste e te afunda num esfregar de olho, o navio que vem da bruma e te estralhaça.**

E **ti** Tóino continua:

— **Pescador de rio. Hum! Foi mar que deu sargaço. Agora, nem para bucha diária. E os que acabam como eu não têm regalias. Pensão? Reforma? Previdência?** — ri com tres dentes à dependura, o olhar perdido no tempo que o traiu — **Os senhores não sabem coisa nenhuma. Qual crarapuça! Isto é trabalhar de arromba até morrer... e mais nada.**

De súbito, mal abrimos a boca para nova pergunta, **ti** Tóino enfia a cabeça nos ombros e diz:

— **Ná. Eu não sou ninguém para dizer coisas. Porque não vão perguntar a outros?**

QUEM NOS AJUDA?

E fomos. Do lado de cá, rio abaixo, uma manhã muito cedo

A SILVA Fotos de Álvaro João

RES DE RIO O DE VER

ores no rio

até Algés. Encontrámos alguns pescadores de rio que nos puseram o seu problema, com a mesma alma de desespero que escondiam os olhos cansados de **ti** Tóino.

São quatro: Joaquim dos Santos, Amâncio Pedro da Cruz, Álvaro da Silva Filipe, Joaquim Rodrigues.

Quim dos Santos tem 33 anos, casado, uma filha. Amâncio, 52 anos, casado, dois filhos, «um deles vai agora para Angola». Álvaro, 41 anos, sete filhos. Rodrigues, 52 anos, casado e com filhos.

Quim dos Santos pertence a outra geração, embora o seu destino não se desvie um palmo.

— **Tenho a 4.ª classe, mas isto de vir p'ró rio pescar já é tradição de família. Depois casa-se, vêm as responsabilidades, mudar começa a ser tardio e mal pensado. Olhe, há uns anos, isto dava: o rio era muito rico em sável e até em marisco: lagostins, santolas, camarão. Desapareceram o sável, os lagostins, a santola. Ficou o camarão (pouco), uns linguaditos e, no Verão, o roba lo, a faneca, o polvo. A pesca do arrastão pelos barcos maiores tira-nos quase tudo. E as águas são outras, nem sei... A verdade é que o peixe desapareceu ou está a desaparecer...**

Amâncio Pedro bota palavra. Diz das suas. É homem que gosta de falar claro:

— **Pescar com remos é o diabo. Alguns compram uns motorzitos. A prestações, pois então. Vemo-nos à rasca para pagar as prestações. Calcule: tiramos em média uns setenta, oitenta escudos diários. Dá para alguma coisa? Bom, um homem pode ir trabalhar para ás traineiras. Mas aí fia mais fino. Os patrões é que levam a guita toda e a gente a chuchar no dedo. Se temos regalias? Nem falar... Pagamos uma contribuição de...**

— **Cento e oitenta escudos** — interpõe Álvaro da Silva, danadinho por meter a colherada. — **Por acaso, nem podemos dizer que seja muito. Mas lá regalias não temos. Se formos sócios da Casa dos Pescadores, a pagar seis escudos por mês, ainda teremos consultas de borla e só damos metade do dinheiro dos medicamentos. Mas eu nem sei se já não acabaram com isso...**

E Álvaro da Silva aperta dos dentes num ranger solitário. Correu mundo andou pelas índias em barcaças de transporte de minério e voltou derretido de saudades. Tem nos olhos a cor das coisas que viu e as que não viu e adivinhou. Acha que o mundo está mal feito, que as pessoas não deviam lutar con tantos, problemas. Ainda por cima, tiraram-lhes a doca onde recolhiam os botes sempre que os vendavais açoitam o rio. «Agora temos de deixar as **chatas** fora da muralha e quando há vendaval, partem-se todas». Têm noites de não pregar olho, vigiando para que o bote não se despedace contra a muralha. Ocupavam, dentro da doca, um **cantinho de nada**, onde não incomodavam ninguém.

CORRIDOS

Chamam-lhe a **doca do frigorífico,** ali a Algés. Mas já antes os haviam corrido da doca do Bom Sucesso, na qual, durante anos e anos, os pescadores do rio ocultavam os seus pequenos barcos das violências da invernia. E Álvaro da Silva tem um queixume mordido:

Pois. Os **regalistas** — como diz Álvaro da Silva na sua linguagem castiça — não permitem, sequer, que as **chatas** se salvem dos vendavais.

Mas compreende-se a razão das preocupações de Álvaro da Silva e dos seus «irmãos do rio». Uma simples **chata** custa, com os aparelhos de pescaria, à roda dos seus oito, nove contos. A remos, claro, porque com motor upa, upa.

Porque não deixar que recolham as seus barquitos na doca? Mas não. Nem direitos, nem regalias. Vida arriscada: eles ainda se lembram do «Pica», a quem um barco de carga desfez a **chata,** enrolando-o depois na hélice que o matou de golpe. E do irmão do Quim dos Santos, que ficou lá para o Bugio, numa borrasca sem tino. E isto tudo por setenta, oitenta escudos diários. Com família a sustentar. E sem horizontes, a não ser os da ânsia do pão cotidiano, enquanto os braços puderem com os remos e as violências do rio. Depois...

Não estamos a pôr o caso de um **reduzido** grupo de homens. São algumas centenas, rio abaixo, rio acima. Obreiros duma indústria, portanto. Que não sabem fazer mais nada, porque a faina do rio é a sua vida de sempre. E quem olha pelos seus problemas? E quem admite a necessidade de os constituir como classe? E quem os defende contra o vazio duma velhice abandonada? O que mais se torna necessário são respostas às dificuldades de sobrevivência das centenas de famílias que dependem da pesca no rio.

Pescadores no rio

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Em reunião da direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, a que presidiu o dr. Luís Borges de Castro, foi analisado o eventual alargamento do âmbito de regulamentação laboral para o sector metalúrgico e metalomecânico, tendo sido considerada preferível a consagração legal da aplicação automática das disposições do contrato colectivo de trabalho destinado aos profissionais mais numerosos em cada empresa a todos os outros trabalhadores, que passariam a ser disciplinados por contrato colectivo de trabalho específico desta, e, como medida transitória que não pressupõe alteração de ordem jurídica, a excepcionalidade do alargamento das disposições sobre regalias, duração de trabalho, trabalho extraordinária ou prestado em dias de descanso, se as empresas aplicarem voluntàriamente aos trabalhadores potencialmente abrangidos, o regime paralelo previsto no contrato colectivo de trabalho próprio dos seus trabalhadores mais numerosos.

A direcção pronunciou-se ainda relativamente ao alargamento de âmbito da regulamentação de trabalho aplicável aos motoristas do Sul, tendo sido ainda apreciada a evolução recente da problemática do enquadramento corporativo do sector das indústrias de papel.

Curso de Férias para estrangeiros

Nas Universidades de Lisboa e Coimbra, voltam este ano a realizar-se os cursos de férias para estrangeiros, patrocinados e subsidiados pelo Instituto de Alta Cultura, tendo em vista a divulgação da língua e cultura portuguesas.

Aquele organismo, que acompanha com o maior interesse a realização destes cursos de férias, além das bolsas de estudo que concede a candidatos estrangeiros individuais, atribui bolsas aos melhores alunos dos leitorados de português na Europa e um grande número de outras a elementos das universidades americanas e japonesas.

Igualmente a Fundação Gulbenkian, em colaboração com o I.A.C., tem vindo a conceder bolsas de estudo, não só a candidatos individuais estrangeiros, como aos alunos dos leitorados de português na Europa.

A frequência em ambos os cursos de férias é da ordem dos 600 alunos, esperando-se que este ano atinja maior expansão.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O Mundo das Plantas
O MARAVILHOSO MUNDO VEGETAL COLOCADO AGORA AO ALCANCE DE TODOS
Textos classificados pela Biblioteca Internacional de Munique como os mais indicados para a juventude
Profusa ilustração a cores

8 VOLUMES — PUBLICAÇÃO MENSAL
PREÇO 60$00
VERBO JUVENIL
À VENDA O 4.º VOLUME

Europa Maravilhosa e G.de Circuito Europeu
Espanha - França - Itália - Áustria - Suíça - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra
Saídas Semanais · Autopullman de luxo
abreu
LISBOA — Av. Liberdade, 160 - Telef 320021
PORTO — Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA — Rua da Sota, 2 - Telef. 27011
abreu A MARCA DE CONFIANÇA DESDE 1840

Navios americanos atacados e danificados no Golfo de Tonquim

Continuação da primeira página

nan», ambos equipados com mísseis, tinham sido atingidos e danificados.

«Julgamos também saber que houve algumas baixas nos dois navios» — disse o informador.

Anteriormente, fontes militares em Washington tinham anunciado que lanchas torpedeiras norte-vietnamitas atacaram com canhões e foguetões os dois navios, mas funcionários do Pentágono recusaram-se a fazer comentários.

DIMINUEM OS BOMBARDEAMENTOS

Os Estados Unidos diminuiram os seus ataques de bombardeamento contra o Vietname do Norte na esperança de conseguirem uma resposta política de Hanói, segundo afirmaram hoje fontes bem informadas.

«Registou-se ontem uma redução considerável nos ataques aéreos», disseram essas fontes. «Talvez Washington esteja a aguardar agora para ver se há qualquer acção em Paris».

O Vietname do Norte pediu o recomeço das conversações de Paris, que foram suspensas em 23 de Março e declarou que o categorizado membro do Partido Comunista, Le Duc Tho, partiria para França para assistir às sessões.

A pausa aparente na guerra aérea seguiu-se aos grandes ataques de Domingo contra Hanói e Haiphong como represália pela ofensiva norte-vietnamita no sul.

O comando americano no Vietname do Sul anunciou em 6 de Abril que estava a responder à ofensiva comunista com «ataques de duração limitada» contra o Vietname do Norte.

Uma semana depois, realizava-se uma média de 40 ataques por dia e observadores conjecturavam que a guerra aérea podia agora ser limitada a uma ou duas missões contra instalações activas da DCA ao norte da zona desmilitarizada.

PROTESTO SOVIÉTICO

MOSCOVO, 18 (ANI) — A União Soviética publicou uma nota de protesto em que acusa os Estados Unidos de terem cometido um acto criminoso, ao danificarem quatro navios mercantes soviéticos no porto de Haiphong:

«Seguindo instruções do Governo o Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, apresenta ao Governo dos Estados Unidos um protesto pelo acto criminoso perpetrado contra navios mercantes soviéticos no porto de Haiphong e insiste na adopção imediata, pelas autoridades americanas, de medidas concretas para impedir a repetição no futuro de provocações deste tipo» — diz-se na nota.

«Estes actos de pirataria da Força Aérea dos Estados Unidos constituem uma violação dos padrões geralmente aceites do direito internacional e da liberdade de navegação. O Governo dos Estados Unidos é plenamente responsável por estes actos provocadores das Forças Armadas americanas e pelas possíveis consequências perigosas dessas acções».

O tom violento da nota iguala as condições em que ela foi entregue. Beam foi convocado ao fim da noite de Domingo para receber o protesto, em vez de ter sido autorizado a esperar por uma hora mais normal.

RESPOSTA AMERICANA

WASHINGTON, 18 (ANI e R.) — Os Estados Unidos comunicaram ontem à noite que lamentavam quaisquer estragos que os seus aviões possam ter causado aos navios soviéticos atracados no porto norte-vietnamita de Haiphong, que bombardearam no Domingo.

A resposta americana diz que os ataques foram dirigidos contra terceiros e recorda que os navios soviéticos podem ter sido igualmente danificados em consequência de disparos anti-aéreos norte-vietnamitas.

TENTATIVA NO SENADO

Entretanto, a Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado aprovou o corte a partir de 31 de Dezembro do ano corrente, dos fundos destinados a todas as Forças americanas envolvidas nas hostilidades do Vietname.

Por nove votos contra um, e duas abstenções, a Comissão aprovou uma emenda à lei de autorização de 916,9 milhões de dólares, da secretaria de Estado, destinada a pôr termo à participação norte-americana na guerra.

A emenda foi patrocinada pelos senadores Frank Church, democrata do Idaho, e Clifford Case, republicano de Nova Jersey.

"APOLO 16"

PROGRAMA PARA HOJE

HCUSTON, 18 — (FP) — E o seguinte o programa dos astronautas para terça-feira:

1 e 33 — Proceder-se-á à segunda correcção de trajectória se fôr precisa. A primeira foi anulada.

3 e 54 — Começa outra inspecção do Lem. Era, na realidade, a primeira prevista pelo plano de voo. Durara duas horas e consistirá na verificação do funcionamento de todos os aparelhos de bordo, na limpeza do modulo e na sua preparação para as tarefas ulteriores. Na verdade, a primeira inspecção a que «Prion» foi submetido mostrou que estava limpo, que suportava bem as manobras de atracação e de pressurização, operações que tiveram as suas consequências nos voos anteriores, sobretudo no da «Apolo-15».

8 e 24 — Os três homens, depois dos exercícios e de jantarem, iniciam um periodo de oito horas de sono.

16 e 24 — Desperta e pequeno almoço.

21 e 23 — Eventual terceira correcção de trajectória, se for precisa.

00 e 44 — De quarta Feira: — Duke entra sòzinha, outra vez, no módulo lunar, para verificar o sistema de comunicações. Permanecerá ali 1 e 15. Antes, pelas 22 horas, os três astronautas saborearam os pratos previstos para os tripulantes do laboratório espacial «Skylab», que deve ser lançado no final de Abril de 1973.

2 e 08 — Young e Duke regressam com os fatos espaciais vestidos ao modulo «Orion» para fazerem diversos exercícios durante dez minutos.

4 e 54 — Os três homens vão para a cama.

A IGREJA CEDEU AOS PODERES PÚBLICOS NA REPÚBLICA DO ZAIRE

KINSHASA, 18 — (F. P) — O conflito entre a Igreja Católica e o Estado parece terminado no Zaire. Os bispos zairenses decidiram obedecer às ordens dos poderes públicos quanto à instalação de membros do Movimento Popular da Revolução (MPR) nos pequenos e grandes seminários do país.

O presidente da Confederação Episcopal mons. Lesambo mandou ao secretário executivo do partido único, o Movimento Popular da Revolução, uma carta em que aceita as decisões do directório político contra o respeito «que é específico no ensino religioso». O directório reunido sob a presidência do general Mobutu Sese Seko tomou conhecimento desta decisão dos bispos.

Os grandes seminários João XXI em Kinshasa, que fora encerrado pelo Governo, torna a poder abrir as suas portas.

O conflito entre a Igreja Católica e as autoridades começara no princípio deste ano quando o arcebispo de Kinshasa foi obrigado a sair do Zaire sob a acusação de atitude «contra-revolucionária».

O prelado foi considerado como sendo o responsável por um artigo criticando a política de «autenticidade» do general Mobutu. O directório político decidiu, então, instalar em todos os seminários comités de vigilância da juventude do «MPR» e processar judicialmente os bispos zairenses que recusassem a aplicação desta decisão nas suas dioceses.

Atiradores emboscados abatidos em Belfast

BELFAST, 18 — (ANI) — Soldados ingleses travaram luta a tiro com atiradores emboscados em todos os distritos católicos de Belfast, ontem á noite e ao princípio do dia de hoje, no que o exército classificou como os maiores actos de violência em oito meses.

Informadores das forças de segurança declararam que o Exército Republicano Irlandês (IRA) tenta vingar-se da morte de Joseph McCann, comandante de batalhão do IRA.

1.mm...111 McCann, a que alguns católicos chamavam o Guevara do movimento, é hoje sepultado no cemitério de Milltown.

Um informador do exército declarou que os recontros de ontem resultaram na morte de dois atiradores emboscados. Três outros ficaram feridos.

Os atiradores do IRA feriram um tenente e três soldados.

Um rapaz de 9 anos, Paul Collins, foi atingido por uma bala no estômago, perto do local onde se travou o maior recontro.

Em Londonderry, peritos em explosivos do exército despoletaram uma bomba de 209 quilos, a maior jamais colocada na Irlanda do Norte. Fora deixada nos armazéns de uma firma norte-americana.

FEDAINES: Conversações secretas com Israel

AMÃ, 18 — (F.P.) — O semanário jordano «Al Lima» revelou ontem que «uma delegação palestiniana, representando algumas organizações de «fedaines», se encontram em israel», onde discutiria com os dirigentes de Telavive a possibilidade de criar um estado palestiniano e de por termo à acção dos guerrilheiros.

Segundo a revista, «a delegação palestiniana, depois de conversações preliminares através da embaixada israelita na Turquia e de um certo Ibrahim David, que tem ligações com os serviços secretos de Israel, partiu num avião especial de Ankara para Telavive».

Alguns dirigentes do movimento «fedaine», postos ao corrente dessa «conspiração», pediram, por seu turno, a personalidades diplomáticas muçulmanas que entrem em contacto com o rei Hussein e o encaminhem nos meios de «fazer sair a acção «fedaine» do âmbito dos antagonismos inter-árabes para voltar a atribui-lhe a sua missão original ao serviço da causa árabe » acrescenta «Al Liwa».

ESPIÃO CONDENADO POR CONTRABANDO

NEWARK, Nova Jersey, 18 (R.) — O antigo agente dos serviços secretos franceses, Roger X. Delouette, foi hoje condenado a 5 anos de prisão em Newark por conspiração para importar para os EUA 43 quilos de heroína, no valor de 12 milhões de dólares, escondidos no interior de uma carrinha Volkswagen.

A sentença, que foi proferida pelo juiz Frederick Lacey do Tribunal de Newark, foi o mínimo para o crime cometido por Delouette, que normalmente é punido com condenações que podem ir até 20 anos.

Delouette, de 49 anos, é um antigo empregado dos serviços secretos franceses S. D. E. C. E. (Serviço de Documentação Exterior e contra-espionagem).

O juiz fez notar que o ano que Delouette permaneceu na prisão, a aguardar julgamento, contará na íntegra para a sua condenação.

No seu discurso de defesa o advogado de Delouette pediu clemência, no que foi secundado pelo delegado do Ministério Público.

O advogado e o delegado do Ministério Público citaram ambos a íntima cooperação que Delouette deu às autoridades norte-americanas, quase a partir do momento em que foi preso, quando se dirigiu a Port Elizabeth, para ir buscar o veículo onde a heroína estava escondida. Citaram também a favor do réu o seu bom comportamento anterior, bom comportamento na prisão e o facto de se ter declarado culpado logo no inquérito inicial.

AVISA A FAO: os recursos naturais estão em perigo

ROMA, 18 — (FP) — Será preciso, muito brevemente, produzir uma alimentação simultaneamente melhor e mais abundante para alimentar uma humanidade em plena expansão demográfica, isto é, será preciso dar mais importância do que até agora à agricultura e realizar investigações de todas as espécies para se evitar que se detriore mais ainda o nosso meio-ambiente e que se percam os nossos recursos naturais.

Esta previsão, que é acompanhada por uma série de recomendações destinadas a neutralizar o perigo, constitui a ideia essencial dum estudo da FAO. (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura).

Mais de metade da população do Globo, assinala o relatório é formada por agricultores possuidores de pequenas propriedades. A maior parte destes agricultores sabem que devem proteger os recursos naturais, dos quais depende a sua vida. Todavia, a pressão demográfica e a perspectiva duma pressão ainda maior no futuro aumentam a procura de produtos alimentares e obrigam os agricultores a exigir mais ainda do solo e das técnicas modernas, o que tende a agravar o problema da protecção dos recursos naturais.

Os problemas nomeadamente citados no relatório são: a aceleração da erosão das florestas e das terras marginais, os estragos causados pelos adubos e resíduos químicos, as alterações do clima e do ciclo hidrológico, o avanço das zonas industriais e urbanas sobre os espaços verdes.

O relatório da FAO sugere, também, uma série de medidas destinadas a reduzir o «atraso dos nossos conhecimentos», designadamente uma investigação intensificadora ácerca das causas e dos custos da poluição agrícola, a informação do público, assim como outras medidas destinadas a melhorar a planificação e a organização da valorização dos solos.

O relatório indica que a produção alimentar não poderá no futuro acompanhar o ritmo das necessidades. O emprego crescente de produtos que absorvem mais recursos naturais auemnta a pressão sobre o meio-ambiente num ritmo maior do que o da expansão demográfica.

Uma diminuição quase total da expansão demográfica é um imperativo absoluto se se pretende preservar o meio-ambiente, nota o relatrio. Ora, considera a FAO, em numerosos países a política nacional avança exactamente no sentido contrário.

As instituições agrícolas, em especial a actual rede de estações de investigação, podem desempenhar um papel de primeiro plano na observação ao nível local, nacional e mundial, do impacto produzido sobre o meio-ambiente pelas diferentes modificações introduzidas na produção agrícola.

A difusão do conhecimento do meio-ambiente deve ser igualmente um elemento essencial. Neste domínio, declara o relatório, há a elaborar todo um programa de formação e de educação.

MANIFESTAÇÃO EM RENNES

RENNES, 18 (F. P.) — Registaram-se alguns incidentes ontem à noite em Rennes na Bretanha, numa manifestação organizada pelo Cid-Unati, Comité de Informação e Defesa, que agrupa comerciantes contestatários.

Algumas centenas manifestaram-se em frente a uma casa comercial que apesar da ordem da Cd-Unati e da União do Comércio, da cidade permaneceu aberta.

Deram-se recontros com as forças da ordem, que tiveram de intervir uma segunda vez para protegerem os bombeiros no ataque a um incêndio que entretanto se manifestara.

AVIÃO CHECO DESVIADO

NUREMBERG, 18 (F. P.) — O aparelho que seguia de Praga para Marienbad (Mariansk-Lazne) foi desviado por dois homens. Seguiam a bordo nove pessoas incluindo os dois piratas e dois tripulantes.

O co-piloto ferido foi hospitalizado imediatamente em Nuremberg. Todos os passageiros saíram do avião.

TURQUIA: INSTABILIDADE POLÍTICA PROVOCA MUDANÇAS NO GOVERNO

ANKARA, 18 (R.) — O primeiro-ministro Niat Erim apresentou, ontem, a sua resignação, depois de ter encontrado renovada hostilidade e criticismo no Parlamento sobre os meios para combate ao extremismo político na Turquia. O ministro da Defesa, Ferit Melen, assumiu o posto de primeiro-ministro provisório.

Anunciando a sua aceitação da resignação do dr. Erim numa mensagem lida no Parlamento. O presidente Cevdet Sunay, disse ter pedido aos outros membros, 24, do gabinete para continuarem nos seus cargos até à formação de um novo Governo.

Ferit Melen, de 69 anos, um senador pertencente ao Partido Moderado da Aliança Nacional, combinará o cargo de primeiro-ministro substituto com a pasta da Defesa.

Não existem indicações imediatas sobre quem recairá a escolha do Presidente para a tentativa de formar novo Governo.

O dr. Nihat Erim, de 60 anos, ocupou o posto de primeiro-ministro em 26 de Março de 1971, formando um gabinete sem partidarismo, durante uma crise política no país, no meio de ameaças de uma tomada de poder pelos militares devido ao exacerbado extremismo político.

Círculos geralmente bem informados dizem que o dr. Erim tinha já decidido resignar na semana passada, depois de enfrentar uma renovação de hostilidades e críticas por parte do Parlamento, onde os principais partidos têm recusado, persistentemente, o pedido do presidente Sunay para que sejam concedidos ao Governo amplos poderes por decreto, visto que só assim se poderão levar a cabo reformas na Turquia, tão prementemente necessárias, e só se poderá combater eficazmente o extremismo político.

Um pedido semelhante feito pelo dr. Erim aos líderes dos partidos políticos, em 18 de Março findo, ficou sem resposta.

Os círculos informativos dizem que o primeiro-ministro resignadamente postergou o anunciar da sua demissão até à partida, do presidente Nikolai Podgorny, da União Soviética.

A declaração da resignação foi feita quatro horas depois do presidente Podgorny ter partido para Moscovo.

Durante o tempo que ocupou o cargo de primeiro-ministro, o dr. Nihat Erim devotou-se a duas tarefas principais: reduzir o extremismo esquerdista por meio de medidas da lei marcial, que estiveram em vigor em 11 das principais províncias da Turquia, quase durante um ano, e pôr em execução, através de medidas parlamentares, reformas urgentes no país.

O chanceler Willy Brandt que começou já a sua campanha no estado de Badenia-Wertemberg com vista às próximas eleições legislativas enfrenta no Parlamento uma feroz oposição aos seus acordos com Moscovo e Varsóvia

Ameaça soviética à oposição alemã

MOSCOVO, 18 (FP e R) — Mikhail Suslov, o homem número quatro da hierarquia do Kremlin, declarou ontem que se a Alemanha Ocidental não conseguir ratificar o seu tratado com a União Soviética perderá todo o seu significado como um associado económico de carácter sério para a URSS.

Suslov, de 69 anos, o mais destacado ideologista do partido comunista, ao fazer esta declaração estava a discursar numa reunião conjunta de duas comissões de assuntos externos pertencentes ao Supremo Soviéte.

Frisou que deve ser dito com absoluta certeza que um malogro na ratificação do tratado terá «consequências exactamente negativas, sobretudo para a República Federal Alemã e para o seu povo».

O discurso de Suslov, anunciado pela agência noticiosa Tass, terminou o debate das comissões sobre o tratado, debate que terminou com a recomendação de que deve ser ratificado.

A recomendação irá agora para o Presidium do Supremo Soviéte para aprovação final.

Mikhail Suslov disse que o Kremlin presta grande atenção às políticas dos governantes da Alemanha Ocidental e que segue estreitamente a evolução do equilíbrio de forças políticas na república Federal.

Observadores políticos em Moscovo pensam que seja uma recomendação a Bona de que o processo de ratificação depende da Alemanha Ocidental, onde o chanceler Willy Brandt possui no Bundestag uma pequenissima maioria.

Se o tratado for rejeitado, declarou suslov, a confiança na Alemanha Ocidental não só será destruída na União soviètica como também noutros países europeus.

Todo o desenvolvimento das relações da URSS a República Federal Alemã ficará além dos graves danos que terá no desanuviamento da Europa.

As duras palavras de Mikhail Suslov relativamente ao partido democrático Cristão que se opõe à ratificação do tratado foram na verdade contundentes ao mesmo tempo que avisou que as «Forças desconhecidas» que há muito tempo tentam fazer aumentar a tensão na Europa não abandonarão facilmente os seus objectivos.

A certa altura sublinhou que quem quer que seja que ponha em dúvida o facto do tratado ir ao encontro dos interesses dos dois povos e da cooperação entre ele está a cair numa «Demagogia irresponsável». Acrescentou que o tratado criará uma excelente base para desenvolver a cooperação comercial, económica, científica e técnica, além das permutas culturais entre os dois países.

O OSTPOLITIC E AS ELEIÇÕES

Se os tratados de Moscovo e de Varsóvia forem ratificados pelo Bundestag não haverá por isso desactualização da «Ostrolitik» que será o principal elemento das eleições gerais da Alemanha Ocidental no Outono de 1973, disse o chanceler Willy Brandt ao «Der Spiegel». «Só então é que as coisas começam verdadeiramente». Assim, os assuntos de Ostpolitik que estarão na ordem do dia, anunciou o chanceler, serão: um tratado com a RDA, um tratado com a Checoslováquia, depois, restabelecimento das relações diplomáticas com a Húngria e com a Bulgária vindo, em seguida, a preparação da Conferência Europeia de segurança e de cooperação.

BOMBAS SOBRE HANOI

A incapacidade de resolver a seu contento o conflito indochinês no terreno levou os americanos, pela segunda vez, a tentar forçar a mão ao inimigo através de maciços bombardeamentos do Vietnam do Norte, primeiro sobre alegados objectivos militares, depois sobre Hanói e Haiphong, as duas maiores cidades norte-vietnamitas.

A violência dos ataques a Haiphong é inédita. Nem mesmo nos melhores tempos de Johnson, os aviões americanos se arriscaram a tanto. O risco diplomático era demasiado grande para que se tentasse uma acção com possíveis ganhos militares. Hoje, a diplomacia de Nixon-Kissinger, depois da viagem a Pequim, julgou-se com possibilidades de atacar em cheio sem que as reações fossem decisivamente importantes.

Em nossa opinião foi o que se obteve, ou pensou que se obteve, em Pequim que deu aos estrategas americanos a ilusão de que os bombardeamentos maciços eram o caminho para a resolução do problema levantado pela grande ofensiva da FNL. Na verdade, Washington sabe que Moscovo está muito interessada na «cimeira» de Maio. Esse interesse vem do receio que, óbviamente o Kremlin tem de que Pequim se alie, mesmo tàcitamente, á Casa Branca para fazer frente à URSS. Essa é a principal razão que, eventualmente, poderá levar os dirigentes soviéticos a aceitarem a continuação do diálogo com os americanos nas actuais condições.

Contudo o fundo da questão, o que os «leaders» americanos procuram com os bombardeamentos não será obtido por eles. A história já o mostrou. E Hanói já teve o cuidado de o lembrar quando afirmou que se não deixaria intimidar, mesmo que Haiphong e a capital fossem destruidas. Os próprios americanos sabem que, do ponto de vista militar, os bombardeamentos acabam por ser contraprodutentes, pois as perdas em

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

dinheiro, material e homens não são de modo algum compensadas pelos estragos causados ao inimigo. Nem a determinação norte-vietnamita de combater é quebrada pelas bombas. Pelo contrário. Tudo isso já foi demonstrado.

Nixon ordenou estes bombardeamentos como mais uma forma de permitir a retirada sem que a ela se suceda o imediato colapso do governo de Saigão. As consequências imediatas são imprevisíveis, mas o resultado do conflito continua a não oferecer dúvidas.

PAÍSES DA CEE DISCUTEM AJUDAS AO TERCEIRO MUNDO

SANTIAGO DO CHILE, 18 — (RO — A expansão do Mercado Comum Europeu e os seus prováveis efeitos sobre os países em vias de desenvolvimento foi o tópico principal dos debates hoje realizados em Santiago do Chile, pela Terceira Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento (UNCTAD).

O dr. Sicco Mansholt, presidente da comissão da CEE disse haver razões para duvidar que o Mercado Comum alargado e forte possa ser automáticamente benéfico para os países em vias de desenvolvimento.

A expansão terá de ser acompanhada por uma série de medidas especificamente destinadas para o auxílio ao terceiro mundo.

O dr. Mansholt sugeriu que uma dessas medidas poderá ser uma atribuição de direitos especiais de comércio para os países em vias de desenvolvimento destinada a compensá-los pelas perdas em poder de compra, no que respeita às suas reservas, especialmente em resultado da última crise monetária internacional.

O Mercado Comum adoptou já uma política de restruturação agrícola que poderá fornecer grandes possibilidades de importação de produtos para os quais os países em vias de desemvolvimento são mais competitivos.

O principal delegado dinamarquês, o Ministro dos Assuntos Económicos Externos, Ivar Norgaard, frisou que o ingresso do seu país no mercado comum europeu se torna essencial se a Dinamarca quiser aumentar a sua assistência ao terceiro mundo.

Disse que a Dinamarca encontrará grandes dificuldades para atingir o objectivo de atribuir 0,7 por cento do seu produto nacional bruto para auxílios até 1975, principalmente se o povo dinamarquês rejeitar o ingresso no mercado comum durante o referendo que vai estabelecer em Outubro próximo.

Norgaard advertiu: Se não nos tornamos membros do mercado comum europeu enfrentaremos dificuldades económicas tão graves que de modo nenhum poderemos prever o que acontecerá aos vários componentes do orçamento governamental dinamarquês.

O delegado do Ghana, brigadeiro N. Lassen, disse na conferência que o seu país procurará obter um acordo multilateral entre os consumidores e produtores de cacau, se o preço não for este ano estabilizado no mescado mundial.

A seguir acrescentou: Nós, os que pertencemos ao mundo em vias de desenvolvimento, nada podemos fazer para ajudar na situação, mas temos consciência de que podemos demonstrar a nossa unidade e maturidade em não aderir a compromissos tomados em documentos firmados, de maneira imperfeita, por alguns países, levando a cabo uma firme acção no âmbito das nossas fronteiras nacionais e em conjunto com outros países em vias de desenvolvimento, de modo a salvaguardarmos os nossos interesses.

A Jugoslávia, o único país europeu que faz parte oficial do grupo dos 77 países do terceiro mundo, sublinhou que o atraso tecnológico é um dos principais factores que impedem o desenvolvimento, acrescentando: O atraso tecnológico pode conduzir à mais grave forma de dependência para os pequenos países econòmicamente menos afortunados.

Outros tópicos da conferência incluíram o acesso aos mercados, política de preços, e «marketing» e sistemas de distribuição, de produtos de consumo essecial.

ESTADO DE GUERRA NO URUGUAI

MONTEVIDEU, 18 — (R) — Sete civis e um capitão do Exército morreram, ontem, em Montevideu, durante uma autêntica batalha a tiro junto à sede do Partido Comunista da capital uruguaia anunciaram círculos policiais.

O presidente Juan Maria Bordaberry, cujo Governo, com seis semanas de existência, foi recentemente reforçado com poderes especiais a fim de poder levar a cabo um estado de «guerra interna» contra os guerrilheiros urbanos esquerdistas, conferenciou à noite em Montevideu com dirigentes do Partido Colorado, que detem o poder no país, e com dirigentes do Partido Blanco, que se encontra na oposição. No passado sábado o Parlamento, após uma sessão que durou 20 horas aprovou uma proposta do presidente para serem conferidos poderes especiais ao Governo e para a suspensão dos direitos individuais.

ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO

WASHINGTON

DL Exclusivo

CONTINUA A SER O PARCEIRO PRIVILEGIADO DE MOSCOVO

Durante as semanas que precedem a visita oficial de um homem de Estado estrangeiro, a imprensa soviética esforça-se, geralmente, por interessar o público. Insiste sobre a amizade que une os dois países ou, pelo menos, chama a atenção para as vantagens que oferece a cooperação, a despeito da diferença entre os sistemas sociais. Nixon não beneficia ainda do tratamento reservado aos futuros hóspedes de marca. Dois meses antes da viagem do presidente dos Estados Unidos, os jornais de Moscovo fazem impiedosamente o inventário das taras do regime americano e denunciam, dia após dia, a política de Washington.

ANIMOSIDADE

Porquê esta animosidade? Certamente porque as condenações do «chefe de fila do imperialismo» são rituais. Este é sempre suspeito de querer desempenhar o papel de polícia do universo e de semear a discórdia no campo progressista para atingir os seus objectivos. Mas o descontentamento de que dá prova a propaganda soviética, explica-se, sobretudo, pela viagem de Nixon a Pequim. Põe-se em evidência os comentários que mencionam a existência de acordos secretos entre os chineses e os americanos. No comunicado assinado em Xangai, ambas as partes se contentaram, regra geral, em repetir as suas teses tradicionais. O importante, nota a imprensa soviética, não é o que está registado neste texto, mas aquilo que o leitor advertido pode ler nas entrelinhas.

Até agora, os jornais soviéticos abstêm-se de tomar à sua conta o desenvolvimento da tese de um conlúio entre os americanos e os chineses. Nem sequer consagraram artigos de fundo a este acontecimento. Ofereceram simplesmente elementos de apreciação, apoiando-se na imprensa estrangeira. Os jornais das democracias populares preparam o terreno. Assim, a **Pravda** faz rapapés ao quotidiano do partido polaco **Tribuna Ludu**, que observa que os dirigentes americanos e chineses se dizem prontos a estabelecer uma verdadeira paz na Ásia, mas que **«se as conversações de Pequim tivessem tido realmente tais objectivos, a sociedade internacional teria reconhecido que o encontro traria uma contribuição positiva ao afrouxamento da tensão.»** O jornal do Partido Comunista Soviético nota, num outro artigo, que **«o representante bem conhecido dos ultra-americanos, o senador Goldwater, felicitou-se pelos resultados da visita do Sr. Nixon.»** Enfim, os soviéticos repetem, sem se cansar, que os povos indochineses serão as vítimas da aproximação sino-americana.

COEXISTÊNCIAS

Naturalmente, os russos sentem-se felizes por pagarem aos maoístas na mesma moeda. Durante anos, viram-se acusados pela imprensa de Pequim de mendigar a coexistência pacífica com o inimigo e de trair a causa sagrada dos povos que conseguem com dificuldade a sua liberdade. Aparentemente, as posições estão, portanto, invertidas, embora a realidade não seja assim tão simples como sugere a propaganda soviética. Os chineses não puseram, de maneira nenhuma, termo às suas imprecações contra o imperialismo e a U.R.S.S. não renunciou a prosseguir a política de coexistência pacífica com os Estados capitalistas. Desde o mês de Julho de 1971, os dirigentes do Kremlin têm-se inquietado com a aproximação sino-americana, o que não os impediu de dirigir um convite ao presidente Nixon. Simplesmente, põe-se numa posição de forçada previsão destas conversações.

Com efeito, aproveitaram todas as ocasiões possíveis para mostrar que não seriam interlocutores fáceis. A expulsão de parlamentares americanos, que haviam tido contactos com cidadãos soviéticos de origem judaica, mostra bem o estado de espírito da direcção russa, não se trata, pelo contrário, de minimizar as dificuldades. Por outro lado, os soviéticos denunciam, mais vigorosamente do que nunca, a agressão na Indochina. A imprensa, a rádio, a televisão, trataram mesmo, com riqueza de pormenores, os bombardeamentos do Vietname do Norte, enquanto Nixon se encontrava em Pequim. Esta virulência contrasta, no entanto, com a prudência que continua a inspirar a acção do Kremlin. Sem dúvida que o auxílio material dado por Moscovo a Hanoi, tem sido sempre mais importante do que o dos chineses. Ao mesmo tempo, a U.R.S.S. recusa-se a reconhecer o governo no exílio, do príncipe Sihanouk, ao passo que mantém relações oficiais com o regime do marechal Lon Nol, o que mostra bem os limites que se impõem, correndo o risco de iludir os movimentos revolucionários de que se diz protectora.

CONTROLE

A situação no Mediterrâneo fornece aos propagandistas soviéticos um outro tema de batalha: desenvolvem os seus argumentos clássicos sobre o apoio dado por Washington aos «agressores israelitas»; juntam a isso uma condenação das «intrigas» americanas na Grécia e em Chipre. Denunciam, em particular, o projecto de instalação de uma base no Pireu e dão a entender que, encorajados pelos Estados Unidos, os coronéis atenienses tentaram liquidar Makarios. Do mesmo modo, condenam as pressões que a OTAN exerceria sobre o governo maltês. Em resumo, antes de receber o presidente Nixon, Moscovo toma ostensivamente a defesa de todos aqueles que estão, ou podem estar, em frias relações com os Estados Unidos.

A bem dizer, a contra-ofensiva começou a partir do momento em que foi anunciada a viagem a Pequim do chefe da Casa Branca. Numa primeira fase, a imprensa disse todo o mal que se pensava em Moscovo do entendimento que se esboçava entre as duas outras grandes potências do mundo. No entanto, os dirigentes deram-se conta de que esta campanha verbal estava votada ao malogro. Podiam eles, por qualquer outra razão, censurar os maoístas por procurarem finalmente a coexistência

Artigo de BERNARD FÉRON

«Le Monde»/«DL»

com os imperialistas quando, durante mais de dez anos, haviam condenado as suas posições «aventuristas»? Resolveram, então, adaptar-se ao novo «mundo triangular», intervindo em todas as frentes.

1 — Notificaram os seus aliados que já não era possível tratar com o adversário de uma forma dispersa. Depois de 1968, o ano da «Primavera de Praga», a União Soviética restabeleceu, no seu campo, uma disciplina que uma década de destalinização tinha enfraquecido. Os oponentes nos países do Leste europeu encontram, tanto no exemplo americano como no exemplo chinês, uma justificação para as suas reivindicações. A Roménia jogou mesmo, simultâneamente, na carta chinesa e na carta ocidental para sacudir a tutela soviética. Podia-se pensar, sem dúvida, que, depois de ter conseguido a «normalização» em Praga, a U.R.S.S. daria provas de uma certa flexibilidade a fim de reabilitar a sua imagem. Ora, tudo indica que Brejnev aconselha firmeza aos seus associados.

SEDUÇÃO

A política do Kremlin foi apresentada com uma grande nitidez no número de Março da revista **Mejdounarodnaya Jyzn**. Comentando os trabalhos da comissão consultiva do Pacto de Varsóvia, que reuniu em Praga nos dias 25 a 26 de Janeiro, o autor afirma que os países socialistas devem coordenar as suas políticas externas, pois é assim que se pode pôr em xeque os planos do adversário. **«Ora** — acrescenta ele — **a reacção imperialista não renunciou aos seus objectivos no que diz respeito aos países socialistas. Mudou simplesmente as formas da sua actividade.»** Mais ainda, a fim de levar a bom termo a tarefa de coordenação, é indispensável ter em conta o papel desempenhado pela União Soviética na cena mundial. **«A experiência de mais de meio século mostra qual é o critério fundamental de um movimento progressista: é, antes de tudo, as suas relações com o nosso país, a sua apreciação da política interna e externa do país dos sovietes, baluarte da paz e do socialismo sobre a Terra.»**

A U.R.S.S. volta, portanto, a cerrar fileiras para que a nova situação internacional não encoraje as tendências centrífugas no campo socialista por ela controlado.

2.º — Os dirigentes soviéticos empreenderam metòdicamente uma operação de sedução em intenção dos países que se encontram no outro campo e cujas relações com os Estados Unidos deixam, às vezes, a desejar. Foi este, por exemplo, o objectivo perseguido no Canadá por Kossiguine. O chefe do governo ignorou as afrontas que lhe foram feitas pelos manifestantes, e convidou insistentemente as autoridades de Ottawa a afirmarem a sua independência. Foi, também, para encorajar a França a prosseguir no caminho escolhido pelo general De Gaulle, que Brejnev veio a Paris. Pouco antes, o secretário-geral do Partido Comunista fora tranquilizar o marechal Tito, que, para se garantir contra a **«doutrina de soberania limitada dos Estados socialistas»**, procurava reconciliações com Washington e Pequim. Os encorajamentos dados ao chanceler Brandt inscrevem-se neste contexto geral.

3.º — Não podendo impedir a China de fazer a sua entrada em cena e de perturbar a partida que se joga há mais de vinte e cinco anos, a U.R.S.S. esforça-se por enfraquecer os dois outros Grandes. É assim que se pode explicar a sua política no subcontinente indiano. A intervenção das forças armadas de Nova Deli foi, em certa medida, a consequência do tratado soviético-indiano assinado em Agosto de 1971. Ao tomar posição, como aconteceu, a favor do Bangla-Desh, o Kremlin procurava menos fragmentar o Paquistão do que infligir um malogro aos americanos e aos chineses. Após ter saboreado os frutos do êxito, a União Soviética estendeu o ramo de oliveira aos paquistaneses. Kossiguine não sonha sequer em representar, como em 1965, o papel de medianeiro; ser-lhe-ia difícil ter tais pretensões, depois da parte que o seu país desempenhou nos acontecimentos de Dezembro. Quando muito deseja deitar bálsamo nas feridas de Ali Bhutto e propõe-se contribuir para um estatuto para esta região.

PARCEIROS

Há seis meses que a União Soviética tem reafirmado, de mil maneiras, o seu poderio. Voltou mesmo a estreitar as suas relações de amizade com os governos árabes que se haviam, não obstante, distinguido pela sua política anticomunista. Constituíu com isso um processo sólido na previsão da vinda a Moscovo do presidente Nixon.

No discurso que pronunciou em 20 de Março no XV Congresso dos Sindicatos Soviéticos, Leónidas Brejnev sublinhou a importância que atribui a estas entrevistas. Resumiu assim a posição do seu país relativamente aos Estados Unidos.

«Firme resposta aos planos agressivos, associada a uma aproximação construtiva relativa a todos os problemas internacionais urgentes, e luta ideológica implacável combinada com o desejo de desenvolver relações mùtuamente vantajosas com os Estados do sistema social oposto.»

Até prova em contrário, o chefe do Estado americano continua a ser o parceiro priveligiado da U. R. S. S. É ele — e só ele — quem pode permitir a limitaçao dos armamentos estratégicos, ele ainda que, acredita-se em Moscovo, pode fazer pressão sobre os israelitas para tratarem com os árabes.

Finalmente, os russos obtiveram o acordo de princípio de um certo número de Estados ocidentais para organizar a conferência sobre a segurança europeia que têm tanto a peito. Eles sabem, no entanto, que a convocação desta reunião depende, também e sobretudo, dos Estados Unidos. Os membros da OTAN não deram já a entender que não participariam nesta assembleia se os Estados Unidos e o Canadá não fossem para ela convidados? Os dirigentes do Kremlin fazem um análise realista. Multiplicam as defensivas contra os americanos; contudo, impõem-se a si próprios a moderação, pois, sabem que se não encontrarem uma posição de entendimento com os Estados Unidos, os seus projectos estão votados ao malogro.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Belenenses - Setúbal	1	Académ.-E. Vermelha	X
Atlético - Porto	2	Benfica-Cagliari	1
Alba - Braga	1	Porto-Rangers	X
Salgueiros - Riopele	X	Setúbal - Ajax	2
Gouveia - Penafiel	X	E. Vermelha-Rangers	1
União Coimbra - Fafe	1	Académica - Porto	2
Famalicão - Marinh	2	Cagliari - Ajax	2
Sanjoanen - U Lamas	X	Setúbal-Benfica	2
Olhanense - U. Leiria	2	Cagliari - Setúbal	2
Portimon-Nazarenos	1	E Vermelha - Porto	2
Peniche - Montijo	2	Ajax - Benfica	2
Sesimbra - Sintrense	X	Rangers - Académica	X
Torres Novas Seixal	X		

TUDO A POSTOS PARA A ALUNAGEM

O comandante John Young e o piloto Charles Duke deslocaram-se através do túnel de ligação entre a cabina principal e o módulo onde passaram mais de uma hora a examinar todo o equipamento e sistemas de voo.

Os dois astronautas fizeram uma arrumação no interior do módulo, guardando várias peças de equipamento que trouxeram da nave principal, ligaram todos os circuitos eléctricos e verificaram todos os mostradores e paineis de controle.

Esta verificação foi feita com toda a calma em contraste com a inspecção de emergência no domingo depois de terem observado que misteriosas particulas castanhas estavam a sair do módulo, chegando a recear-se uma fuga de qualquer tanque de combustível ou ruptura da delgada parede de alumínio do módulo.

Os engenheiros do centro espacial continuam entretanto a tentarem encontrar uma explicação para o misterioso fenómeno, que foi o primeiro problema de ordem técnica encontrado até agora desde o lançamento da Apolo-16 e o primeiro deste genero registado em qualquer das naves lançadas para a lua.

Durante a inspecção ao módulo, Ken Mattingly, o piloto da nave principal, comunicou para Terra que um dos doze grampos metálicos de fixação entre as duas naves não tinha prendido e perguntou se podia fazê-lo manualmente. Responderam-lhe que não se preocupasse com isso uma vez que bastam três dos doze grampos para manter as duas naves atracadas.

Hoje será o último dia de relativo descanso da tripulação antes de entrar amanhã em órbita à volta da Lua

Texto: MANUEL GERALDO

Fotos: ALVARO JOÃO

FEIRA DAS MERCÊS: reencontro de migrantes

A lente do passado numa feira do futuro

__ Olhe compadre, vou mais a família dar uma saltadela até à Feira das Mercês!__ «Ah, vai lá na mira de mercar algum burricalho polmeiroso?» __ Conversa de chacota domingueira travada entre dois compadres com sotaque «transtagano» bem vincado num comboio moroso da remoçada (?) linha de Sintra, inesperadamente, a abarrotar (já que, por norma, domingo é o único dia da semana de «ver lugar sentado»).

Assim, para mercar, senão um burricalho polmeiroso (nestes tempos de mecânicas cavalgadas preterido, como animal de carga, pelas roncosas «Scanias Vabis»), pelo menos umas queijadas de Sintra ou um pão do Pobral, milhares de pessoas demandaram a Tapada das Mercês, onde uma Feira, com uma costela saloia assente sobre um naco de vísceras cosmopolitas, montou arraiais para uma sobrevivência efémera de oito dias ruidosos.

VENHAM OS NOVOS E OS VELHOS

Rosto vermelhudo, num corpo semeado de gestos largos de quem sabe quase tudo e pouco tem a aprender na sua arte dilecta, José Rebelo é o «terradeiro» da Feira, uma espécie de manda-chuva que joga xadrez com barracas de quinquilharias e parques de diversão.

Fomos encontrá-lo com o olhar «clínico» de bom entendedor assestado sobre as «loucas evoluções» dos »três mosqueteiros suicidas» da «Esfera da Morte». **__É gente desta têmpera que torna o espectáculo feirante numa saga incomparável e imorredoira. E não me venham com histórias de que esta coisa está pelas ruas da amargura, e mais aquilo e mais aqueloutro, porque de feiras percebo eu!**

E aqui nas Mercês, em vez de uma já temos duas: esta da Primavera e a de Outubro. E cada vez acorre mais gente e muita moçada nova, sintoma de que este género de diversão popular não está assim tão doente como a pintam...

Inspirado pela sugestiva banda sonora do «Carrocel Alegria», a apregoar aos sete ventos «venham os novos e os velhos...», o calejado «terradeiro» desbarata o marcial rosário de sentenças passadas e perspectivas futuras, sobre esta ilusória e fugaz «Festa da Vida» que é a «sua» «Feira das Mercês». **__ Esta Festa da Primavera esteve parada durante vinte cinco anos, para recomeçar em mil novecentos e sessenta e quatro, ou seja há oito anos a esta parte. Mas agora, as pessoas já não fazem o ponto de honra para gastar a alegria amealhada durante um ano de trabalhos e canseiras. Até porque já existem outras espécies de «entretenga». E já não são os saloios de olhos vendados. Vêm aqui às Mercês mas sabem o que querem; é gente mais vivaça do que a do meu tempo. O que funciona como principal chamariz, são os vinhos, os leitões, os legumes e as loiças da região saloia. E este ano o tempo até parece que está a jogar por nós. __**

JOGAR EM PÉ

Probal, ali para as bandas de Mafra, é terra de pão com «uma gostança muito especial». E do Probal, onde a farinha coze trigueira e os farelos engordam galinhas de papo rijo, veio tia «Zabel» Barra com a sacola repleta. **__ Esta é a minha primeira Feira da Primavera, aqui nas Mercês. E olhe que a clientela está a pegar bem na mercadoria. Com o pão, então, é uma beleza! Já nos farelos não vejo tanta aceitação. Deve ser por esta gentinha gostar mais de frango de aviário. Não sabem como se torna saboroso um galináceo bem anafado, à custa deste «fareláceos» quase milagreiros...mas com o pão é um ver se te avias. Até já parece que estou em Sintra durante a altura dos veraneios, em que o «turistâme» não nos dá mãos a medir. Ai, como eles apetecem o pão do Probal. E aqui estou a «lombrigar» que vai ser a mesma loucura... __**

Da padeira do Probal para a roleta da sorte, foi só o tempo-compasso de espera do quarenta e cinco rotações «Vamos Cantar de Pé» dar a voltinha festivaleira da ordem e insuflar nos ouvidos escancarados dos feirantes, a máxima filosófica __ **«Quem tem cabeça/ tem sempre valor...»**

E já o óculo fotográfico da nossa reportagem tinha captado a imagem do parar «da engrenagem do palpite», quando alguém invectivou. **_Veja lá que com essa coisada do «boneco» deu-me tanto ou tão pouco azar, que me calhou pela proa um pente bom para alisar gadelha rala... __**No improvisado tablado casinal, sob os olhares faiscantes dos «roleteiros», brilhavam, apetitosas, navalhas de ponta e mola, flautas cromadas e lanternas de acender à primeira, prémios destinados para quem tivesse o palpite na cabeça da sorte.

O FUTURO DO FUTURO

Agora que as feiras de gado, do «mercar» dos burricalhos polmeirosos e das bestas molengas, se estão a diluir nos fundos do tempo; que o hábito provinciano do desbaratar risonho das economias amealhadas ao longo dos estios e das invernias, num dia «louco, louco» no lombo de uma girafa de pau ou ao volante de qualquer faíscante carro eléctrico de pista, já tomou bolor nas entranhas da Lenda; pelo que constatámos, descendente, em via directa, dos arraiais anuais em povoados do interior, esta Feira das Mercês, mesmo às portas das grandes «cidades-satélites», onde as vagas de migrados se foram enraízando, ao longo do último decénio, será no Futuro, a Feira-Festa dos provincianos radicados e dos turistas estrangeiros e estrangeirados.

E para começar, já nesta terceira quinzena de Abril, desde que o sol jogue com a comissão organizadora, mercê da sua tradicional Feira da Primavera, Mercês será uma Festa.

A roleta também joga pela feira das Mercês

Tia «Zabel» Barras: «A clientela com este pão do Probal é um ver se te avias!»

Mini-alforge saloio é mesmo atracção de feirante

IBM PORTUGUESA SELECCIONA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

A Companhia IBM Portuguesa, SARL vem de confiar a sua publicidade, pela primeira vez, a uma agência de serviço completo.

A agência escolhida foi «CM-PUBLICIDADE» que assim acrescenta à sua lista de clientes, onde, entre outros, já registava companhias de projecção internacional como Agfa, Bayer, Bristol, Fiat, Sociedade Geral, STP Corporation, um nome de expressivo significado, considerada a dimensão da empresa e a importância do sector em que é «Leader» no contexto do desenvolvimento mundial.

Em reunião de trabalho havia na Sede da Agência em Lisboa, com o Senhor Director de Comunicações da IBM Portuguesa e com o Manager of Promotional Services da IBM Europa foram encarados aspectos respeitantes à correação das acções a desenvolver no mercado português com a estratégica publicitária da IBM na Europa.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 64/72

Eu, Fernando Augusto Santos e Castro, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que no dia 28 do corrente mês, pelas 10 horas, realizar-se-á no Pavilhão dos Desportos uma hasta pública na qual será posto em praça o lote de terreno n.º 1627, situado na Avenida Infante Santo.

O lote antes indicado faz parte da propriedade situada junto à Cova da Moura, freguesia da Lapa, que veio à posse da Câmara por escritura de 21/10/47.

Em conformidade com o estabelecido no art. 57.º do Decreto n.º 43.587, de 8/4/61, ficam por este meio notificados: D. Virgínia Amélia Batista; D. Aurora Batista Alves; D. Maria Teodora Batista Alves; João Batista Alves, moradores que foram na Rua de São Boaventura, n.º 93, 2.º, Esq.º; Manuel Batista Alves Antunes, morador que foi na Rua de Belém, n.º 60, 2.º, D. Maria do Nascimento Piedade Duarte Ribeiro; Aníbal Piedade Duarte Ribeiro e esposa D. Maria Beatriz de Abreu Horta Duarte Ribeiro; Francisco do Nascimento Piedade Duarte Ribeiro; José Piedade Duarte Ribeiro, moradores que foram na Rua de Macau, n.º 18, 1.º, Esq.º, D. Luna Ritcher Moerschell Benchinol Neves, moradora que foi na Rua de Macau, n.º 9, r/c., Dt.º; e Manuel Benchinol Neves e esposa D. Maria Amélia Pedrosa Ribeiro Neves, moradores que foram na Rua de Macau, n.º 20, r/c., ou quem se julga com direito, que, naquela hasta pública, podem exercer, querendo, o direito de preferência que lhes confere o art.º 58.º do referido Decreto.

Paços do Concelho de Lisboa, em 13 de Abril de 1972.

O Presidente
Fernando Augusto Santos e Castro

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

PARIS VISTO POR...

(PARIS VU PAR...)

As suas virtudes...
os seus vícios.

CLAUDE CHABROL
JEAN-LUC GODARD
ERIC ROHMER
JEAN-DANIEL POLLET
JEAN ROUCH
JEAN DOUCHET

com

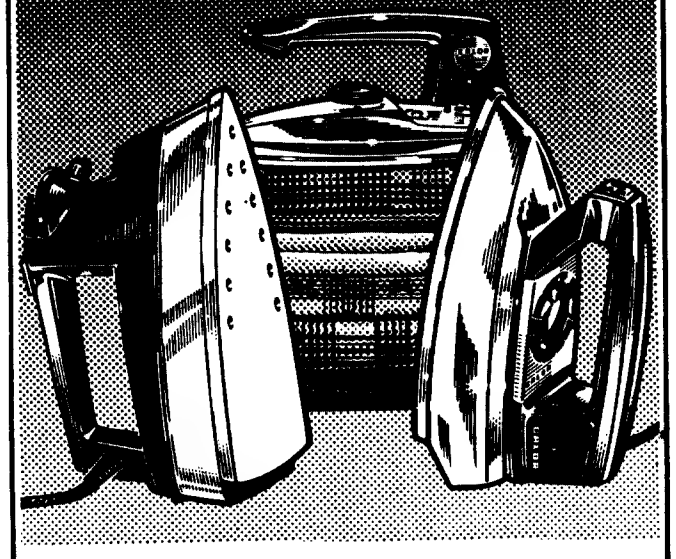
BARBARA WILKING * BARBET SCHROEDER
MICHELINE DAX * JEAN-MICHEL ROUZIÈRE
JOHANNA SHIMKUS * STÉPHANE AUDRAN

O filme-manifesto
do novo cinema francês

3ª SEMANA SATÉLITE

GRUPO D - 18 anos

a passagem
a ferro é
CALOR



FERRO A VAPOR: Novo estilo de passagem com o ferro CALOR modelo 54.

FERRO DE VIAGEM: De reduzido volume mas eficaz. Modelo 11 com termostato e modelo 12 sem termostato.

FERROS CLÁSSICOS AUTOMÁTICOS: Leves e pesados. Modelo 25 leve 220 V. Modelo 35 pesado 220 V. Modelo 41 leve 220 V. Modelo 44 leve 110 e 220 V. O ferro CALOR desliza sem esforço e passa impecàvelmente.

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

"DIA DO TURISTA"

ESPECTÁCULO DE BAILADO EM LISBOA

As celebrações do «Dia do Turista», que vão decorrer em todo o país na próxima quinta-feira, incluem um grande espectáculo de bailado que se efectuará no cenário da Estufa Fria, a cargo do Grupo de Bailados Portugueses «Verde Gaio», dirigido por Margarida de Abreu e Fernando Lima.

Do programa do espectáculo, que começará às 21.30 horas, constará a exibição dos bailados «Fandango», «Três Danças», «Corridinho» e «Minho», além de uma interpretação intitulada «Imagens em Guitarra Portuguesa» em que colaboram Carlos Paredes, à guitarra, Fernando Alvim, viola; Maria Muisa Viegas, canto e Magda Cardoso e Jorge Trincheiras, bailado.

Este ano, no Porto, segundo nos foi dito, não haverá folclore, nem visitas guiadas, nem excursões. Este ano, haverá, sim, uma experiência nova de «mentalização dos portugueses» a fim de bem receberem os estrangeiros...

Para isso, houve, que esquecer certas experiências feitas neste dia que, visa principalmente, chamar a atrair o turista-com-passaporte, claro, para o seduzir, maravilhar e encantar, mostrando-lhe o que de melhor temos para oferecer e que no fundo, para além da paisagem renovada e sedutora, é a hospitalidade portuguesa.

Talvez, por isso, os responsáveis ou interessados pelo fomento turístico, escolhessem um tema aliciante ... a flor ... forma delicada, convenhamos, para criar um clima perfumado, capaz de embriagar aqueles que, nesta altura, nos visitam à procura de um «Portugal desconhecido»...

E se as flores são a mais bela dádiva na natureza, nós temos flores belíssimas, de vivos coloridos a aromas delicados, para oferecer, no jeito de quem dá e espera, em troca, que o nome de Portugal seja mais conhecido no mundo.

Na delegação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, houve uma reunião, durante a qual o dr. Chaves e Castro, delegado no porto daquele organismo, frisou, antes do mais, que não se tratava de uma conferência de imprensa, mas sim de uma «reunião informal». Disse, depois, que o «Dia do Turista» se realiza, este ano, em moldes diferentes, numa maneira de «mentalizar os de dentro para receber os de fora».

Esclareceu, também, que a S.E.I.T. não organizou o programa do «Dia do Turista», dizendo, que aquele é fruto da boa vontade de várias entidades e organismos, alguns oficiais. A secretaria de Estado, referiu, apenas lançou a ideia.

Destarte, nasceu o programa do «Dia do Turista», cujos números mais salientes são os seguintes:

Hoje, no Museu Nacional de Soares dos Reis, abriu uma exposição de peças de vários géneros, ali existentes, relacionadas, com a flor; amanhã na galeria do Hotel Castor, abrirá outra denominada «A arte e a flor»; no dia 20, pelas 10 e 30, ficará patente ao público, no Liceu de Garcia da Orta, uma exposição de trabalhos dos alunos, com o título «A flor na temática pedagoga». No mesmo dia, pelas 16 horas, haverá na Galeria Dois, na Av. da Boavista, a abertura da exposição colectiva de Helena Amaral Cardoso, Margarida Tamegão e Daniel Constant, cuja temática são as flores; e pelas 18 horas, abrirá na Biblioteca Pública uma exposição, intitulada «A Flor na Arte e na Literatura». Às 21 e 30, no Teatro D. João, terá lugar um espectáculo pelo Orfeão Académico de Coimbra, cujo produto reverterá, inteiramente, para a Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais.

Paralelamente, a União de Grémios dos Comerciantes do Porto, organiza um concurso de montras, subordinado ao tema «O turista e a flor», que visa a originalidade, sentido artístico e sentido comercial.

Serão atribuídos três troféus, bem como os prémios de cinco, três e dois mil escudos, e, ainda, uma taça para a montra com melhor sentido comercial.

Os turistas que se encontrem entre nós serão obsequiados, com flores naturais (cravos) nos diversos postos que a S.E.I.T. montou, bem como com um postal alusivo, no qual será aposto um carimbo comprovativo da sua estada no nosso País. Haverá, também, a flor (ou semente) do girassol em filigrana, escolhida como cartaz anunciador do «Dia do Turista», ou seja, o símbolo renovador da efeméride.

Se é certo que as flores, infelizmente, envelhecem com muita rapidez, oxalá que o «girassol» ora concebido para este dia, não enferruge ao fim de 365 dias...

NO TERREIRO DO PAÇO

Esta manhã, por volta das 8 horas, algumas dezenas de passageiros do barco «Dardo», da carreira do Montijo, manifestaram-se ruidosamente no momento do desembarque na estação de sul-sueste, no Terreiro do Paço, devido ao facto da referida embarcação ter «água aberta» (meter água). Por isso mesmo, alguns dos 37 passageiros que ocupavam a câmara inferior do barco viram-se forçados a um molha-pés, nada agradável.

Interveio, a restabelecer a calma, o Polícia Marítima que entretanto impediu qualquer outra viagem do barco que vai ser vistoriado pela capitania do Porto de Lisboa. O «Dardo» tem a lotação para 264 passageiros e é propriedade da Sociedade Marítima de Transportes.

Tem qualidades de vendedor?

Se respondeu SIM, aproveite a oportunidade que uma importante editora coloca ao seu alcance.

Procuramos promotores ambiciosos.

Proporcionamos boas condições de remuneração, acesso nos quadros da empresa e apoio promocional.

Responda-nos para o Apartado n.º 21199 ou contate-nos pelo telefone 863151/2.

ORÇAMENTO PARA O TURISMO MOÇAMBICANO

LOURENÇO MARQUES, 18 (ANI) - Eleva-se a 32.400.000 escudos o montante do orçamento ordinário para o corrente ano do Fundo de Turismo de Moçambique, agora aprovado e posto em execução.

No que se refere a despesas com o pessoal e material, rendas de casa, telefones, passagens, assistência médica, concessões de subsídios, recepção de turistas e outros planos de propaganda, manutenção de escolas elementares da indústria hoteleira e similares, está prevista durante o corrente ano uma despesa de 17 000 contos.

TALMA FILMES

ÓSCAR
PARA O MELHOR FILME ESTRANGEIRO-72
DA ACADEMIA AMERICANA

GRUPO D - M/16 ANOS

um "best seller" de
GIORGIO BASSANI
na realização de
VITTORIO DE SICA

O JARDIM ONDE VIVEMOS
IL GIARDINO DEI FINZI CONTINI

URSO DE OURO
FESTIVAL DE BERLIM

DOMINIQUE SANDA
HELMUT BERGER
LINO CAPOLICCHIO
ROMOLO VALLI

estúdio 444

ESTREIA
HOJE ÀS 21.45

BENFICA-AJAX, AMANHA NA LUZ

QUANTAS NA REDE DE STUY?
"DUAS (responde o guarda-redes) MAS O AJAX TAMBÉM MARCA!"

Para Benfica e Ajax o dia de hoje é de trabalho. Não muito intenso mas o suficiente para afinar pormenores, desentorpecer os músculos e tratar dos que, por motivo de lesões, semearam a dúvida entre os responsáveis.

Os comandos de Hagan fizeram a habitual visita ao Estádio da Luz a partir das dez da manhã. O «mister» não puxou muito, mas não deu folga a ninguém. Mais: apesar de Humberto Coelho não ser ainda presença cem por cento garantida, não convocou ninguém como seu suplente para a concentração. E, para ajudar a recuperação do influente defesa, umas voltinhas na Luz e umas massagens não fazem mal.

A essa hora, passeavam Johan Crvijff e seus pares pelas areias da praia de Cascais, apanhando sol e ganhando apetite para o almoço. Depois da comida, Kovacks preparou os pupilos para um treino no estádio onde se realiza o jogo e não dispensou ninguém da sessãozinha séria, na relva onde muitos têm baixado a cerviz e onde muitos lhe auguram igual destino. Quatro horas foi o tempo marcado pelo técnico romeno para o treino dos campeões europeus.

«DIA DOS TURISTAS»

Mas, se hoje é dia de trabalho e também de preocupações, ontem foi dia de simpatias e sorrisos, foi dia de tentar cair nas boas graças da Imprensa, isto no que (em especial) diz respeito ao Ajax.

Os directores do grande clube holandês (e vieram **só** cinco, além de dois médicos, um massagista e dois treinadores) mal demandaram, a Portela fizeram logo saber que o Ajax não era o Feyenoord, Kovacks não era Happel. E toca de falar sem problemas, para além das limitações de tempo na Alfândega. E toca de marcar uma conferência de Imprensa, com todos os matadores para as vinte horas e trinta no hotel de Cascais onde jogadores e treinador aguardam o embate.

Evidentemente que amor com amor se paga, gentileza se retribui com gentileza e piropo faz jus a piropo. Pois se o Ajax tratou excelentemente os portugueses por altura da primeira «mão», não era o Benfica que ia ficar em débito a esse respeito. E lá vimos no Aeroporto a direcção do clube da Luz em peso a ofertar um ramo de flores à esposa do presidente Van Praag e a abraçar, um por um, os dirigentes responsáveis com palavras de afectuosas boas vindas.

Até o autocarro do Benfica foi posto à disposição dos visitantes: e foi no veículo de vermelho pintado que Cruyff, Stuy, Swart, Keiser e comandita marcharam para a cidadela em Cascais. Ah, no aeroporto estava também Afonso Lacerda: dando as boas vindas da Federação ao sr. Mullerman, presidente da Federação Holandesa de Futebol.

Enfim, uma caravana inteira a sorrir e amavèlmente disposta a ser simpática: e outra caravana a retribuir sorrisos e preparada para responder a uma flor com outra flor. Calcule-se que até o Estádio da luz foi posto à disposição dos visitantes: Pina Manique (desta feita) não foi necessária para treinos.

Falta saber se amanhã à noite vão continuar estas amabilidades. Mas, estamos em crer que sim, pois em Amesterdão o jogo foi em tudo correcto e, para cá, Kovacks já prometeu correcção e bom futebol. Garantiu-nos (mesmo) que o jogo vai constituir um modelo do bom futebol que se devia praticar na «Taça dos Clubes Campeões Europeus», mas que ùltimamente não tem sido coisa muito frequente.

EMPATADAS AS EQUIPAS NAS «CABAZADAS» AO FEYENOORD

O tom franco e amigo de que os holandeses quiseram colorir os seus contactos com os homens da Informação portuguesa, avivou-se ainda mais na reunião da noite no hotel da Costa do Sol. Nada que se pareça com uma formal conferência de Imprensa: com uns senhores a recitar uns discursos muito bonitos e algum repórter mais atrevido a insinuar a medo uma dúvida ou uma pergunta. Antes, todos os jogadores e dirigentes reunidos, sentados por ali e por acolá, bebendo café e digerindo o jantar enquanto davam entrevistas, posavam para as fotografias e forneciam informações. Foi um aviar de entrevistas como não é fácil acontecer entre nós. Umas em exclusivo (até que viesse o camarada do lado também a pedir um exclusivo) outras em grupo, especialmente com as «estrelas», com o Cruyff e o Keyser a marcarem pontos e o romeno Stefan Kovacs (animado latino e bom conversador) a citar Anatole France para dar maior vigor às suas afirmações.

Do Cruyff (por exemplo) quisemos nós saber se os 5-1 ao Feyenoord, marcados pelo Benfica na eliminatória anterior, não assustavam. Pois o número 14 (e melhor futebolista europeu da época passada) só retorquiu:

— **Assustados, nós? Nem por isso. É que a gente também ganhou por 5-1 ao Feyenoord e foi no sábado passado. Até nisso estamos empatados, como estamos empatados em hipóteses de triunfar na eliminatória.**

Pois, iamos dizendo que houve entrevistas para todos os gostos. Nós também fizemos a nossa, com o homem que amanhã à noite vai receber em cheio os olhares ansiosos da multidão. Falámos com o guarda-redes Stuy, certamente uma das personalidades deste Benfica-Ajax, quem sabe mesmo se ao nível do José Henrique no Ajax-Benfica. E, logo para perguntar:

— **Amigo Stuy, quantas para apanhar no fundo da rede?**

— **Duas** — respondeu lesto. Ainda arregalámos os olhos a ver se o moço estava pouco animado ou a gozar com o parceiro. Mas ele acrescentou logo:

— **Eu sofro duas, mas o ataque do Ajax marca. O meu prognóstico é de 2-1 a favor do Benfica. Com isso ficam todos contentes: o Benfica por ganhar e nós por passarmos a eliminatória.**

Antes de perguntarmos a opinião do guarda-redes do Ajax acerca do ataque benfiquista (e com base nas observações de Amesterdão) ainda tivemos tempo de pensar na alegria que não sentiriam os setenta mil se o Benfica ganhasse mas não fosse à final. Era cá uma alegria! Como se a boda acabasse em funeral!

Mas, diz mais o experiente Stuy:

— **Eu fiz parte da equipa do Ajax que eliminou o Benfica na «Taça» de há três anos. E parece-me que o grupo português amadureceu, está muito mais experiente a mais perigoso. Por exemplo: no ataque há mais gente em condições de fazer golo. Nesse tempo eram só o Eusébio e o Torres. Agora, são o Jordão, Nené, o número nove (ajudámos a lembrar o nome do Jorge) e o Eusébio que, embora se tenha escondido na segunda linha, ainda sabe rematar com perigo. Nestes quatro jogadores é que eu penso residir o perigo para o Ajax.**

Heinz Stuy nasceu em 6 de Fevereiro de 1945 e foi transferido para o Ajax no Verão de 1967, directamente do Telstar Ijmuiden. É «internacional» militar, muito sóbrio na baliza mas igualmente eficiente. E tem uma particular admiração pelo seu colega do Benfica.

O melhor jogador de Amesterdão? (Pensou um bocado, sibilou os nomes de Artur e Toni e acabou por se decidir por José Henrique). «**Lá, o Benfica jogou à defesa e nós atacámos mais: por isso foi Henrique quem se evidenciou. Inclusivé eu tive pouco trabalho: o que não vai acontecer aqui, de certeza.**

Deus queira Stuy, Deus queira...

DANIEL REIS

O ÁRBITRO É INGLÊS

A equipa de arbitragem formada por Norman Burtenshaw e pelos auxiliares srs. Spencer e Harris a auxiliar, chega a Lisboa às 16.40, vinda de Londres.

Das duas equipas é possível indicar já a do Ajax, pois o seu técnico forneceu-a à Imprensa com a indicação que seria a mesma do primeiro jogo. Teremos portanto: Stuy; Sunrbier, Hulshoff, Blankenburg e Krol; Haan, Neeskens e Gerd Muhren; Swart, Cruijff e Keyser. Suplentes: Wever (guarda-redes), Van Dijk, Schileher, Rep e Arnold Mühren.

Quanto ao Benfica, e como de costume, **moita carrasco**. Mas lá vai a previsão, contando que Humberto Coelho jogue, ainda que não a cem por cento: José Henrique; Artur, Humberto, Messias e Adolfo; Toni, Graça e Eusébio; Nené, Artur Jorge e Jordão. Suplentes: Fonseca, Zeca, Vítor Martins, Vítor Baptista e Diamantino.

Tal como o nosso jornal informou em primeira «mão», a RTP também transmite o jogo para Portugal.

Kovacs no decorrer da conferência de Imprensa

Os futebolistas do Ajax noutro jogo...

Brasil em hora de festa
FUTEBOL DENTE-DE-LEITE ABRE TODO O PROGRAMA DO SESQUICENTENÁRIO

A comissão Estatual dos 150 anos da Independência do Brasil, tornou público o programa das comemorações, sendo curioso notar que o plano abre com uma manifestação desportiva: um torneio de futebol a nível de equipas «dentes-de-leite», que são as de jogadores mais jovens do Brasil.

Este torneio, que terá início às 16 horas do próximo dia 21, é dotado da Taça Pedro I, e nela participam as seguintes equipas: Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama e Botafogo. O torneio disputa-se no fabuloso e gigantesco Maracanã, jogando em primeiro lugar Flamengo e Fulminense, e depois Vasco da Gama-Botafogo. Antes da final do torneio, que será disputado pelos vencedores dos jogos anteriores, o presidente da República fará uma alocução que será transmitida pela amplificação sonora. São convidados a assistir a este torneio, 50 mil estudantes do ensino oficial, e 20 mil das escolas particulares. A Taça Pedro I será entregue ao «capitão» da equipa vencedora pelo governador Chagas Freitas.

Não deixa de ser curioso, o facto de as comemorações dos 150 anos da independência do Brasil, abrir com um festival de futebol, dedicado especialmente à juventude. Quando a lembrança do passado, determina atenções pelo futuro, não há dúvida de que o presente tem o relógio certo. Não é por acaso que o Brasil é o detentor perpétuo da «Jules Rimet», e venceu há dias, pela segunda vez consecutiva, o torneio Internacional de Cannes.

PORTUGUESES FINANCIARAM TOSTÃO

Depois de 15 dias de boatos e incertezas. O presidente do Cruzeiro anunciou a cedência de Tostão ao Vasco da Gama, por uma quantia superior a 17 mil contos (3 milhões e meio de cruzeiros).

Foi há duas semanas que FELICIO BRANDI, o presidente do Clube que emprestou Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão) ao seleccionador canarinho para a conquista do tri, declarou estar na disposição de vender o passe do seu jogador, pelo que aguardava propostas. Estas não faltaram, mas na reunião da direcção do Clube de Belo Horizonte, apenas duas foram discutidas: a do Fluminense e a do Vasco da Gama. Depois de uma hora de conversações, ficou decidido vender a carta de Tostão ao Vasco da Gama, que era o clube que melhores condições oferecia. No entanto, e segundo o comunicado oficial, essa «aceitação ficava condicionada ao pleno entendimento entre o Vasco e o atleta».

O que acontece, é que TOSTÃO já tinha tudo combinado com o Fluminense, dirigido agora por Zézé Moreira e Paulo Amaral. Mais um compasso de espera que findou com o acordo total: Tostão receberá 25 por cento do montante da transferência (mais de quatro mil contos).

Ao princípio, julgava-se possível que Tostão pudesse alinhar já no próximo domingo, pela sua nova equipa. No entanto, Felicio Brandi anunciou que a apresentação do atleta terá lugar no dia 29, em S. Januário, em jogo integrado nas comemorações dos 150 anos da independência do Brasil, e ao qual assistirá o Presidente da República Portuguesa. O Vasco ainda não tem adversário para esta jornada, embora o próprio Cruzeiro se tenha oferecido para jogar sem quaisquer lucros financeiros.

Entretanto, Tostão já chegou ao Rio, tendo tido uma recepção verdadeiramente impar. O trânsito parou e todos os adeptos do Vasco puderam aplaudir o seu novo ídolo cuja transferência passa a ser a mais cara do futebol brasileiro.

Uma nota interessante: o grupo financeiro que garantiu a compra da carta do jogador, é o Banco Português. No preço do jogador, está incluído um atleta: Luís Carlos, cujo valor está orçado em 200 mil cruzeiros (cerca de 1000 contos).

Juniores de Belém na Luz: a derrota começou neste chuto.

JÚNIORES E JUVENIS FUTEBOLZINHO GANHA EMOÇÃO

Ao sofrer a sua primeira derrota (em Peniche, por 2-0) o Pero Pinheiro isolou o Benfica no comando da 6.ª série. Por sua vez, o Vila Real, o Alter do Chão e o Torriense alcançaram o primeiro triunfo desta sua participação no Campeonato Nacional de Juniores em futebol. E ainda que frente ao débil Sacavenense, a vitória da turma de Torres Vedras atingiu proporções de fartura: 7-2. Igualmente ampla foi a outra melhor marca da jornada: a do F. C. Porto que (por 5-0) bateu o Anadia. Com excepção da série sétima, em que os «comandantes» Sesimbra e Sporting adiaram (para o próximo dia 23) o embate entre ambos previsto para «Vila Amália» e se mantêm assim em igualdade pontual, todas as outras séries apresentam «guias» isolados. Vitória de Guimarães, Leixões, Porto, Académica, Torres Novas, Benfica e Vitória de Setúbal. A sétima ronda, que é a seguinte, terá lugar apenas no domingo 7 de Maio.

Com a realização dos encontros referentes à segunda «mão» da primeira eliminatória prosseguiu a «Taça Nacional de Juvenis». Tal como seria de esperar, o Atlético encontrou grandes dificuldades frente ao Benfica: que foi à Tapadinha vencer por 1-0. Assim, «encarnados» e «alcantarenses» terão de disputar uma partida de desempate. No conjunto das duas «mãos». 2-2.

O mesmo sucederá com o par Vila Real-V. Guimarães, igualado em golos ao cabo de duas horas e tal de luta. F. C. Porto, Académica, Loures, V. Setúbal e Lusitano de V. Real estão já apurados para a eliminatória seguinte, a dos quartos de final.

TOTOBOLA

O próximo concurso
Vinte e cinco jogos para duas "chaves"

Com o campeonato nacional da 2 Divisão «de férias», nem por isso o concurso do Totobola do próximo domingo será menos aliciante, antes pelo contrário, pois, com jogos da «Taça» (meus senhores, «Taça» é... «Taça»! Sabe-se lá o que vai acontecer!) e da II Divisão (equipas menos conhecidas e, às vezes, francamente mais irregulares...), este concurso n.º 33 surge como bastante propício para o «soma e segue» de milionários em que o Totobola tem vindo a ser espectacularmente pródigo!

Tentemos, pois, resolver o valente «bico-de-obra» que os treze encontros desta semana representam:

TAÇA DE PORTUGAL

1. BELENENSES-SETÚBAL — Uma vez mais, os «azuis» não têm conseguido realizar a temporada de alto nível que os seus milhares de adeptos há tanto anseiam e não nos parece muito provável que consigam, no domingo, o «brilharete» tão desejado. E que o Vitória de Setúbal, a um passo de alcançar a sua melhor classificação de sempre no campeonato (o segundo lugar, ou seja... «vice-campeão») deve transplantar para a «Taça» a grande moralização que, de certo, existe nas suas fileiras. E, depois, o Vitória é um «especialista» da «Taça». Portanto... «2».

2. ATLÉTICO-PORTO — Partida equilibrada. O Porto é equipa mais poderosa, mas os alcantarenses não se costumam «encolher» face aos «grandes». Os pupilos do inglês Ted Smith parecem, além do mais, em crescendo de «forma» pelo que... vamos por um empate. É símbolo «X».

II DIVISÃO

3. ALBA-BRAGA — O Alba é 15.º, com 16 pontos, e o Braga 9.º, com 24. A situação da equipa visitada começa a ser extremamente crítica. O Braga, ainda a pensar no 2.º lugar (está com menos 3 pontos do que o União de Coimbra) tem feito fraca carreira fora de casa e perdeu mesmo os quatro últimos jogos.

4. SALGUEIROS-RIOPELE — O Salgueiros é 11.º, com 21 pontos, e o Riopele 1.º, com 31. Os visitantes não conseguiram vencer um só dos últimos sete jogos que foram chamados a disputar fora do seu campo. O Salgueiros ainda só consentiu duas derrotas no seu terreno mas empatou já por seis vezes.

5. GOUVEIA-PENAFIEL — O Gouveia é o último, com 16 pontos, e o Penafiel 6.º, com 25. Os Penafielenses só venceram por duas vezes na situação de visitantes e empataram por quatro; o Gouveia venceu cinco jogos no seu terreno e empatou três.

6. U. COIMBRA-FAFE — O União de Coimbra é 2.º, com 27 pontos, e o Fafe 3.º com 26. Jogo muito importante para a atribuição do segundo lugar na Zona se bem que ainda faltem sete jornadas para o termo do Campeonato. Pormenor a levar em atenção: o União nunca perdeu em Coimbra. O Fafe apenas venceu duas vezes fora de casa.

7. FAMALICÃO-MARINHENSE — Em 12.º lugar com 21 pontos os locais apenas perderam por duas vezes no seu terreno, mas em contrapartida registam quatro empates. O Marinhense, por sua vez, é 5.º com 25 pontos, mas desses 25 só seis foram feitos no campo do adversário.

8. SANJOANENSE-U. LAMAS — A equipa de S. João da Madeira segue em 7.º lugar, com 25 pontos, enquanto o seu adversário de agora é oitavo, com menos um ponto. Pormenor elucidativo: os de Santa Maria de Lamas ainda só conseguiram três pontos na situação de visitantes, produto de outros tantos empates. O Sanjoanense, por seu turno, venceu quairo dos onze jogos que disputou em casa, empatou cinco, e perdeu os restantes dois.

II DIVISÃO
ZONA SUL

9. OLHANENSE-U. LEIRIA — O Olhanense é 7.º, com 23 pontos, e o União de Leiria 3.º com 28. Os algarvios venceram oito dos doze jogos disputados no seu terreno, empataram dois, e perderam outros dois. O União de Leiria apenas conseguiu umas vitórias e dois empates na situação de visitante.

10. PORTIMONENSE-NAZARENOS — O Portimonense é 9.º, com 23 pontos (média de um ponto por jogo) venceu nove dos doze jogos disputados no seu terreno e perdeu os outros três. A equipa da Nazaré segue na décima-terceira posição, com 20 pontos, dos quais sòmente três foram alcançados no campo do adversário à custa de outros tantos empates.

11. PENICHE-MONTIJO — O Peniche é 2.º, com 32 pontos, e o Montijo 1.º, com 38. Os visitados nunca perderam em sua casa mas já consentiram três empates; os visitantes nunca foram igualmente derrotados fora do seu terreno mas empataram por quatro vezes.

12.º SESIMBRA-SINTRENSE — O Sesimbra é 5.º, com 24 pontos e nunca perdeu na situação de visitante, muito embora tenha consentido cinco empates. O Sintrense é 11.º, com 21 pontos, só pérdeu quatro jogos como visitante e parece ter vincada tendência para o empate: seis em doze jogos.

13.º TORRES NOVAS-SEIXAL — O Torres Novas é 14.º, com 19 pontos e corre sérios riscos de despromoção. O Seixal é 10.º, com 21 pontos e nem por isso se encontra livre de embaraços. Atenção: a equipa da casa venceu seis dos onze jogos que disputou no seu terreno, empatou três e perdeu os restantes dois. O Seixal, por seu turno, venceu por três vezes fora de casa, empatou duas, e saíu derrotado nos restantes jogos.

Nas épocas anteriores...

Nos Concursos n.º 33 das dez épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62	2X_	211	22X	221X
62-63	122	121	X21	1X2X
63-64	211	2XX	12X	112X
64-65	22X	1X1	XXX	211X
65-66	211	X21	111	111X
66-67	221	21X	111	21X1
67-68	XXX	X21	X12	X1X1
68-69	12X	XXX	2X2	11X2
69-70	112	121	212	1111
70-71	121	112	11X	X12X

a) Há duas épocas que nos primeiros oito jogos não saí qualquer símbolo «X»;

b) Mas repare-se que há certa tendência para a seguir a dois concursos com poucos símbolos «X» aparecer um concurso de 6 ou 7 símbolos «X».

CONCURSO EXTRAORDINÁRIO

Ao mesmo tempo que se faz a recolha dos bilhetes do concurso n.º 33, recebem-se as apostas para mais um concurso extraordinário do Totobola júnior. Participam 4 equipas portuguesas e 4 estrangeiras - com a curiosidade especial de uma delas ser a do Ajax. Também o Estrela Vermelha, de Belgrado, o Cagliari e o Glasgow Rangers representam clubes famosos de países onde o futebol júnior costuma ter excelente categoria.

Enfim, um torneio prometedor - e um concurso do Totobola que também muito promete. Lembremos, só, que no último concurso extraordinário apenas se registou um «doze». Três jovens de Lisboa, que haviam jogado «em sociedade», repartiram entre si mais de 1 400 contos...

Constam deste concurso os seguintes jogos:

1 Académica-E. Vermelha
2 Benfica-Cagliari
3 Porto-Rangers
4 Setúbal-Ajax
5 E. Vermelha-Rangers
6 Académica-Porto
7 Cagliari-Ajax
8 Setúbal-Benfica
9 Cagliari-Setúbal
10 E. Vermelha-Porto
11 Ajax-Benfica
12 Rangers-Académica.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Em primeiro lugar respondemos hoje ao sr. Castro, de Coimbra, para lhe comunicar que 12 triplas directamente ao treze, apenas com a condição de nas triplas saírem seis símbolos «1», são 59.136 apostas. Só por esta «amostra» poderá ver que não nos é possível apresentar neste pequeno espaço o desdobramento de tal sistema.

Também de Coimbra escreve-nos o sr. Ricardo J. Ayres solicitando o desdobramento do sistema de 9 triplas «condicionadas ao 12».

Apresenta-se, pronto a copiar, em 9 boletins de 243 Apostas. O seu custo é, portanto, de 4 374$00.

TRIPLA	1	X	2	1	X	2	1	X	2
TRIPLA	1	X	2	X	2	1	2	1	X
TRIPLA	1	X	2	2	1	X	X	2	1
TRIPLA	1	1	1	X	X	X	2	2	2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2

A 30 HORAS DO JULGAMENTO

Hamilten e os lesionados: Víctor Martins, Víctor Baptista, Messias e Humberto Coelho. Amanhã (espera-se) todos estarão aptos a alinhar pelo Benfica.

Na concentração «vermelha»: Zeca, Eusébio, Jaime Graça e Adolfo.

PARA LIBERTAR A "GITANA" SEGUIU HOJE PARA NICE O PRESIDENTE DA HÍPICA

A égua «Gitana» parece apostada em dar que falar: dentro e fora dos hipódromos. Primeiramente, foi durante o Concurso de saltos Internacional de Lisboa, onde alcançou quatro retumbantes êxitos e a cobiça de um concursista belga, que acertou a compra da «Gitana» com o seu proprietário, Vicente Caldeira. Porém, imediatamente se levantaram vozes discordantes, apelando, inclusive, para o brio nacional, uma vez que o nosso hipismo se encontrava tão falho de boas montadas e a saída da «Gitana» para o estrangeiro o iria enfraquecer ainda mais.

Então, a direcção da Sociedade Hípica Portuguesa procurou o banqueiro sr. Jorge de Brito e propôs-lhe a compra do equino: para assim continuar no nosso País e dar-lhe mais triunfos nos hipódromos nacionais e estrangeiros. Dado o seu acordo e desfeito o negócio com o concursista belga, a Gitana» continuou em Portugal. Até que foi incluída na embaixada que se deslocou a Nice: e ali foi «presa».

Entrevista com o banqueiro Jorge de Brito que nos fala da sua posição no Benfica

PRESA EM NICE

E verdade. Na noite de domingo, as agências informativas internacionais diziam que a «Gitana» havia sido presa, por ordem do Tribunal Superior de Nice, que enviara até as cavalariças onde se encontrava um camião e quatro tratadores para transferirem a égua para determinado local. Como era dia feriado, a Federação Francesa de Hipismo e os organizadores do Concurso de Nice intervieram junto das entidades judiciais que, muito simpàticamente, permitiram que o ginete nacional voltasse a participar nas competições onde se classificou num honroso 2.º lugar.

Após a prova, a «Gitana» foi apreendida e lá seguiu no camião para lugar ignorado.

FALA O SEU PROPRIETÁRIO

Perante tanta celeuma, um caminho se impunha: o Banco Intercontinental Português onde o banqueiro sr. Jorge de Brito nos declarou:

— Foi com grande surpresa que tive conhecimento do apresamento da «Gitana». Fiquei tão contente com a sua classificação, como triste pelo que posteriormente viria a acontecer.

Disse-nos (a seguir) que a égua era propriedade de sua filha Ana Maria (a quem a oferecera, e que jamais poderia admitir a hipótese do animal ser vendido para o estrangeiro e que «Gitana» e o seu cavaleiro (Francisco Caldeira) formam um todo, sem o qual a mesma não seria o que é. Portanto um «produto nacional», honra e orgulho do nosso hipismo.

— Esse mandato judicial deve ter sido, certamente, movido pelo belga, seu inicial interessado...

— Não sei, mas é de pressupor que sim - acrescenta o nosso interlocutor -, uma vez que não existe mais ninguém interessado no animal.

— Mas o homem não foi reembolsado do «sinal»?

— Claro. E ainda lhe disse que o indemnizaria de alguns gastos que, porventura, ele tivesse tido com a «Gitana». A seguir, coloquei-a à disposição da Sociedade Hípica, que a tem tratado e feito participar nas provas que tem entendido, como esta agora de Nice.

Acrescenta o sr. Jorge de Brito:

— Portanto, a Sociedade Hípica Portuguesa tomará as medidas que julgar convenientes e para isso seguirá amanhã (hoje) para Nice o seu presidente, a fim de tentar deslindar toda esta embrulhada que, sinceramente, jamais pensei que viesse a acontecer. Como se trata de um caso singular, sem a menor base jurídica, creio que as autoridades francesas saberão fazer justiça e libertar imediatamente o ginete para que regresse a Portugal.

Esgotado o «affaire Gitana», falou-se sobre futebol. À nossa pergunta sobre se aceitaria a candidatura à presidência do Benfica, o sr. Jorge de Brito foi peremptório:

— De maneira alguma. Como posso eu, que trabalho entre 12 e 17 horas por dia, que me levanto às 7 da manhã e me deito, às vezes quase quando me devia levantar, ter tempo para dirigir um clube com tamanha projecção? O dr Borges Coutinho, que está fazendo uma obra bastante válida e digna, deve continuá-la. Tem o meu completo apoio. Sou sócio do Benfica há mais de 30 anos, tenho o n.º 1147, e sempre que posso vou ver os seus jogos (bem como os dos outros clubes quando os embates, me interessam, pois gosto imenso de futebol), mas ser seu dirigente não me é possível.

Seu pai foi...

... Sim. Mas ele tinha mais vagar do que eu.

... Tem sido ùltimamente convidado para exercer algum cargo no clube?

Ùltimamente, em carácter oficial, não. Mas de há muitos anos a esta parte que tenho vindo a ser sondado nesse sentido.

E porque não aceitou?

... Pelas razões acima expostas. Estou sempre às ordens para colaborar com o clube. Mas de outra maneira.

MOURÃO E EUSÉBIO

O sr. Jorge de Brito entusiasma-se e evoca tempos passados:

— Pratiquei vários desportos: hóquei em patins, futebol, natação, judo e vela. No hóquei, fui colega de Sidónio, Olivério Serpa e Júlio Sanches nos campeonatos bancários. Quando estive em África, joguei futebol pelo Sporting de Cabinda. Enfim, fiz aquilo que fazem todos os rapazes que amam o desporto. Bons tempos:

Quais os jogadores de futebol que mais distingue?

— Dois. Um do passado (Mourão), outro do presente (Eusébio). O talento de ambos, como jogadores autênticos, correctos, preencheram duas épocas distintas na minha vida de adepto e frequentador de estádios de futebol.

— E quarta-feira, quem ganha?

— Espero que seja o Benfica. Todavia, o Ajax é um conjunto muito forte e já uma vez veio à Luz derrotar os «encarnados» por 3-1.

— Mas desta vez...

— ... Espero que tal não venha a acontecer. Estarei, lá ou em casa, «torcendo» para que o Benfica vença os holandeses e possa estar presente na final de Roterdão.

MÁRIO NOBRE

FUTEBOL É NOTICIA

Feito o sorteio dos jogos referentes a nova eliminatória da «Taça Nacional de Juvenis». Encontros programados: F.C. Porto-Vila Real (ou Vitória de Guimarães), Académica-Avanca, Loures-Atlético (ou Benfica) e Vitória de Setúbal-Lusitano de Vila Real.

Embates a 23 do corrente nos campos indicados em primeiro lugar e a 30 em segunda «mão». Os desempates em atraso realizam-se amanhã, pelas 11 horas: Vila Real-Vitória de Guimarães (em Amarante) e Atlético-Benfica (em Pina Manique).

Por dois meses: validade do contrato entre o Boavista e Dante Bianchi.

HÓQUEI EM PATINS
Nova derrota do Sporting no «Torneio de Abertura»

Com os jogos correspondentes à 4.ª jornada, realizados no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, prosseguiu a fase final do «Torneio de Abertura» em hoquei em patins. Eis os resultados: Salesiana, 1Benfica, 4; Oeiras, 7-Cuf, 4 e Cascais, 7-Sporting, 3.

Um tanto surpreendente a vitória do Cascais sobre um Sporting muito distante daquilo que prometia. A falta de Vítor Ferreira (e mesmo de Adriano) não justificam a ampla derrota dos «leões».

A equipa da Associação Desportiva de Oeiras venceu (bem) o experiente conjunto cufista que, ao intervalo, já perdia por 2-0.

Pràticamente sem dificuldades o triunfo que o Benfica alcançou no Estoril frente à Juventude Salesiana.

No comando da pauta classificativa mantêm-se as turmas de Oeiras e da Luz agora com 11 pontos e ainda sem derrotas.

Poucos (mas bons) pilotos

DMISPUTOU$SE NA Barragem «Almirante Américo Thomaz», em Elvas, a 2.ª prova do III Torneio de Barragens.

Como vem sendo hábito na sua edição de 1972, a competição começou a disputar-se no sábado à tarde — com a realização dos treinos oficiais e da 1.ª «mão» para as classes «T» (Turismo) e «SD» — prolongamdose no domingo, com a 2.ª «mão» para as mesmas categorias e as duas «mãos» para as restantes classes.

Na jornada inaugural, realizou-se a primeira «mão» da «TE» (Turismo de 701 a 850 c.c.) em conjunto com a «SD» (Sport de 500 a 700 c.c.), prova que, mais uma vez, viria a ser hanha por Conceição ramada. Na «TE» classificaram Ise, a seguir, Manuel e Pedro Cotta Dias. Em terceiro lugar ficou Luis Costa Gomes.

A «SD» foi ganha por Fernando Nunes dos Santos — que já havia vencido a sua classe e Mação — seguido de Miguel Centeno Fragoso e José Carolo.

No segundo dia, o torneio prosseguiu animadamente. Na «SE» (Sport de 700 a 850 c.c.) — para a qual se efectuou uma corrida em separado — o primeiro lugar foi arrebatado por Fernando Azevedo Moureira, seguindo-se Conceição Raposo (que venceu a classificação «à distância») e Fernando Jorge Correia, que comanda agora a classe no conjunto das duas provas do torneio. Na tabela pontual ficaram ainda, mais seis conjuntos.

A «OI» (Corrida de 1000 a 1500 c.c.) teve apenas dois competidores. Aurélio Castello Branco (que viria a vencer) e Mário Gonzaga Ribeiro (que, por avaria, não conseguiu fazer melhor).

A «ON» (Corrida de 1501 a 2000 c.c.) foi das classes onde houve mais luta. Com cinco barcos à partida, a luta alternou-se por vários pilotos, acabando por vencer Manuel João Raposo, seguido de Manuel Alves Barbosa, Manuel Maria Martinho, Alfredo Baptista Rodrigues e José Joaquim Raposo.

No final da prova, Manuel Alves Barbosa apresentou um protrsto contra Manuel Maria Martinho por este se ter atravessado à sua frente. Julgada a queixa, pelo juri da prova foi julgada improcedente.

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

bolsa de lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	435$	–	435$
Cons 3 %	456$5	–	456$5
Cons 3 1/2	557$	–	557$
Centenarios	1.284$	1.284$	–
Tes 5 % 57	1.000$	–	1.001$
Tes 5 % 59	–	–	–
Exter 1ª s	–	–	–
Extern 1ª c	600$	600$	–
Extern 3ª s.	–	785$	800$
Extern 3ª c	830$	830$	–
Caut 3ª s	167$	167$	170$

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx 6 %	–	960$	975$
C M L 5 3/4	980$	970$	1.000$
C P 5 5 % — 67	915$	900$	915$
C P 5 5 % — 68	–	–	960$
C P 5 5 % — 69	950$	–	960$
Corr 5 3/4 %	–	935$	–
Metr 5 3/4 %	920$	910$	920$
Tur 5 3/4 %	–	1.000$	–

ELÉCTRICAS

G. 5 % 58		770$	800$
G. 5 % — 59	–	770$	800$
G. 5 % — 62	–	960$	–
G. 5 % — 63		960$	980$
G. 5 % — 64	–	950$	980$
G. 5 % — 65	–	–	980$
G. 6 % — 67		–	990$
G. 6 % — 69	–	–	990$
H. E A A 5 %	–	780$	–
H E C 5 %		805$	–
H E C 6 %	980$	970$	990$
H E D 5 %		805$	–
H E D 6 %	980$	970$	980$
H E N P 5 %		930$	–
H E S E 5 %		950$	–
H E S E 6 %		–	–
H E Zêz 5 % — 57	–	–	–
H E Zêz 6 %	–	–	980$
N Elec 5 %	–	–	820$
N Elec 6 %		940$	–
Termoel 5 %	780$	775$	780$
U E P 5 % — 60	–	–	740$
U E P 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % — 56	–	–	–
A P T 5 % — 58	–	–	–
Lisnave 6 %	–	–	970$
Nitratos — 60	–	–	–
Pet 2.ª e 3.ª	–	880$	–
P Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % — 54	–	930$	–
Sacor 5 % — 60	–	830$	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	800$
Sid 5 % — 3.ª	–	–	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U. Fabril 67	–	940$	–
U Fabril 68	946$	946$	950$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	600$	650$
Rev. 5 % -57	705$	700$	715$
Rev 5 - 59/60	–	700$	–
Moçamb. 5 %	–	500$	550$
Sonefe 5 %	–	810$	820$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.775$	2.770$	2.780$
Alentejo	1.290$	1.290$	–
Angola	–	3.510$	3.550$
Cred Predial	6.420$	6.410$	6.420$
Esp Santo	8.980$	8.960$	8.970$
Fomento	4.850$	4.800$	4.900$
F & Burnay	–	–	37.000$
N Ultr m	5.455$	5.455$	5.460$
N Ultr c	5.980$	5.980$	5.990$
Portugal n	4.800$	4.750$	4.900$
Portugal p		6.150$	6.300$
P Atlântico	10.000$	10.000$	10.050$
Totta & Açores	6.080$	6.075$	6.090$
Borges & Irmão	8.400$	8.350$	8.500$
Algarve	1 690$	1.680$	1.690$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	11-4-72	17-4-72	18-4-72
GERAL	186,6	187,3	187,4
METROPOL	188,1	188,8	188,8
ULTRAM	175,8	176,7	176,8

De Seguros

Alentejo	154$	153$	156$
Bonança	–	–	–
Mundial	1.295$	1.290$	1.300$
Soberana	1.800$	1.800$	1.900$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.153$	1.150$	1.153$
C P E n	1.130$	1.130$	–
E Beiras		1.830$	–
G Elec c	358$	358$5	359$
H E A A	190$	190$	191$
H E N P	235$	235$	240$
H E S E		–	1.900$
U E P	200$	199$5	200$

Ultramarinas

Ag Cassequel	–	1.280$	1.290$
Ag Incomati	–	2.700$	2.750$
Ag S T e P	–	175$	180$
Aç Angola	–	1.000$	1.020$
Alg Angola	–	225$	230$
Ang. Agric	–	700$	720$
Boror	–	120$	140$
Boror Com		–	77$
Buzi	–	81$	84$
Cabinda	–	137$5	140$
Com Lobito	880$	870$	880$
D A — T 100	2.000$	1.990$	2.010$
H E Revué	–	–	610$
I do Princ	–	–	
Moçambique	–	–	
Sonefe n	–	–	
Sonefe p	–	–	390$
Zambézia	–	63$	65$

Diversas

Ag Lx ant		400$	–
Ag Lx — 34	–	420$	430$
Ag Lx — 36		390$	
Cel Guadiana	–	5 100$	5.200$
C Leiria p	5.380$	5.380$	5.400$
C Tejo p		13.000$	13.300$
F Ramada	–	1.400$	–
Fornos Eléct	136$5	136$5	137$
P Celulose	4.000$	4.000$	4.050$
Siderurgia p.	4.580$	4.550$	4.600$
Siderurgia n	–	–	2.940$
Socel	3.790$	3.790$	3.800$
Cidla	6.850$	6.850$	6.900$
C. U F	3.170$	3.160$	3.170$
Intar	555$	–	555$
Nitratos	–	1.100$	–
Petroquimica	1.110$	1.120$	1.140$
Sacor	3.300$	3.300$	–
Tab. Portugal	–	–	–
Tabaqueira	–	7.450$	7.600$
U. F. Azoto	905$	900$	910$
Empor	–	–	320$
Ind. Aliança	–	–	–
I P. Colón.	–	990$	1.000$
Nac. Naveg.	7.200$	7.150$	–
Naveg. (Col.)	2.350$	2.850$	2.380$
P. Pesca	–	1.000$	–
R. Marconi	1.900$	1.900$	1.950$
T.A.P.	1.270$	1.265$	1.270$
Compal	690$	650$	695$
Salvoi	–	1.400$	–
T. Penina	–	–	–

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F I D E S	–	–	–

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rands	30$50	33$50
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina - Peso Novo	1$80	2$80
Austria - Schiling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil - Cruzeiro	3$70	4$70
Canada - Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$75	4$05
Espanha Peseta	$40,7	$42,7
França - Franco	5$35	5$65
Holanda Florim	8$25	8$55
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia - Lira	$04 45	$04 75
Marrocos Dihran	5$00	5$50
Noruega - Coroa	3$95	4$25
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suiça Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	43$00	45$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 ABC
13.15 Filme de série — «Os Meus Sobrinhos»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Série comédia «Casei com uma Feiticeira»
21.00 João Villaret
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.10 Noite de cinema «O Veleiro da aventura»
00.05 Telejornal últimas notícias
00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O livro à procura do leitor
21.00 Filme de série — «Os Meus Sobrinhos»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.10 Carta de Espanha
22.20 Série de aventuras «A Brigada dos Sortilégios»
23.15 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Mrs. Muir e o fantasma
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Portugal no mundo
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Vamos jogar no Totobola
20.00 Motores em marcha
20.30 Silêncio...Vamos rir
21.00 Inquérito
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os primeiros Churchill
23.00 Concerto
23.25 Telejornal — últimas notícias
23.35 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 ABC
21.00 Mrs. Muir e o fantasma
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco a Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13.º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	14º
FARO	16º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **25,2º**

Penhas da saúde
Mínima **3,8º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,8º
Atmosfera	16,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.27	**3,6 m**	0.39	**0,9 m**
19.46	**3,7 m**	12.55	**1,2 m**
Dia 19			
8.26	**3,3 m**	1.39	**1,2 m**
20.47	**3.3 m**	13.54	**1,5 m**
Dia 20			
9.34	**3,2 m**	2.52	**1,4 m**
21.5º	**3,4 m**	15.10	**1,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo ou pouco nublado; vento fraco ou moderado de Nordeste soprando forte com rajadas em especial na Faixa Costeira Ocidental.

AMANHÃ
Nascer às **6.57**
Ocaso às **20.16**

Dia 20 Dia 28 Dia 6 Dia 13

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário
16.05 Abertura 1.6 — Programa da juventude
17.05 Abertura 1.6 — (cont.)
17.30 Cançonetas
18.05 A Convidada de hoje: Clara ward
18.20 Espectaculo/cinema, por Vidéra Santos
18.40 Encontro ao fim da tarde, c/James Brown
19.10 Orquestras e canções
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário Sonoro
20.30 10º. Episódio do folhetim «O COLAR DA RAINHA»
20.50 Melodias
21.00 Momento 72
21.20 Que quer ouvir?
21.55 Viagem ao passado, por Judite Navarro
22.10 Vamos ouvir: Paco Bandeira
22.30 Tempo de jazz, por Raul Calado
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro
02.00 Fecho

2.º Programa
16.00 Uma obra duas interpretações .O bailado «Pássaro de Fogo» , de Stravinsky
16.45 Trio Nº.1, em mi bemol maior, OP.1.Nº.1,(Beethoven)
17.15 Curiosidades musicais ..Obras de Wagner
17.45 Intercâmbio musical — Programa pela Orquestra Sinfónica da Radio Húngara
18.25 Estudos de concerto em Mi Bemol Menor, para harpa(Godefroid)
18.30 Gravações históricas
19.00 Dança e ballet, por Pedro Risques Pereira
19.30 Radio educativo — Auditório juvenil
20.00 Diaário sonoro
20.20 Solos de viola dedilhada por Juliam Bream
20.30 Concerto pela academia de instrumentistas da E.N., dir. pelo maestro Silva Pereira
20.49 O pianista Vladimir Ashkenazy
21.00 Obras de Cesar Geoffray, pelo Côro «La Psalette de Lyon»
21.20 Tempo literário
21.45 Recital de piano, por Richard Castelvi
22.15 O gosto pela música, pelo Dr. João de Freitas Branco
22.45 A orquestra do Concertgebouw, de Amsterdão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico MF 2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical semana internacional de órgão, em Nuremberga
22.22 Musica de Berlioz
23.27 Música de piano
23.55 Arias de operas pelo tenor James McCracken
00.15 O quarteto italiano
01.00 Fecho

Rádio clube
16.04 Programa CDC.
18.00/21.00 «Programa «Movimento»
21.03 Terça feira à noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Novas de alegria
23.19 Grande roda
00.02 «P .B. X».
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência
16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Rádio Renascença
16.00 Radiograma
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 Marana Tha
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa «Página1»
20.58 Meditando
21.02 Peggy Lee e Frank Sinatra
21.15 Grande plano
21.30 Orquestra sinfónica do Hollywood Ball
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Brasil
23.00 A 23ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 6.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00
RÁDIO GRAÇA
Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2 00
C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30
RÁDIO PENINSULAR
Das 19.30 às 22.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quarteis, 25 (tel 637777)

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (tele 863940)

ALTO DO PINA
Zional, Rua Morais Soares 56-C (tel 847708)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. Afonso III) (tel. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (tel 712070). **Neoterápia** Campo Grande 138 (tel 774682). **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (tel 710131 **Gasparinho**, Rua Dr Gama Barros, 54-A (tel 710465). **Ideal**, Av Gago Coutinho, 49-A (tel 712803) **Onilda**, Av João XXI, 13-A (tel. 726848)

ANJOS
S. José, Rua dos Anjos, 41 A (tel 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (tel 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisostomo, 44-C (tel. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (tel 770776), **Cardeira**, Av Duque de Avila, 32-C (à esquina da Av. da Republica) (tel 43495), **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (tel. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (tel 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (tel. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 86 (tel. 321211); **Unita**, Rua da Vitória, 21 (tel. 323793)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)

CAMPILIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (tel 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel 650760). **Portírio**, Rua Francisco Metrass, 59 (tel. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181). **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (tel. 702532)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (Tel 533411)

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo Antonio, 98 (tel. 665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (tel. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942); **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel 790704)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (tel 381612)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua Jose Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide), Olivais Sul (tel 310711), **Higiene**, Rua Cidade de Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (tel. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei ra, 140-B (tels. 720703 728395)

POÇO DO BISPO **Marvila**, Rua Direita de Marvila, 25 (tel 381612)

PONTINHA
Pontinha, Estrada de Santo Eloi Lote SE. 4 (tel 990220).

QUELUZ
André, Av Elias Garcia, 151 (tel 950043). **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (tel 951841)

SACAVÉM
Soares (tel. 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (tel 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (tels 728395-720703)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10 A (à encosta do Restelo) (tel 612248).

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operaria, 49-A (tel 636620). **Costa**, Rua dos Lusiadas, 30 (tel 636704)

REGO
Partes Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728)

RESTELO
Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (tel. 610256). **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (tel. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (tel. 637020)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poais de S. Bento 73 (Tel. 679873)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politecnica, 82-B (Telef. 660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luis Bivar, 69 (tel. 47213)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (tel. 863350)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (tel 383800)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589(**Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072) **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043) **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 292181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha, D. Amélia, 20 (Telef. 980155)

COLARES
Abreja, (Telef. 199088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. do Regimento 19 41 (Telef. 280141)
Cascais, R. Conde de Monte Real - Bairro Caixas (Telef. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2273212)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. Teófilo Braga, (Telef. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

SETÚBAL
Costa, R. Misericórdia (Telef. 22760)
Brasil, P. do Brasil (Telef. 24788)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Mart da Pátria, 152; **Prelada (da)**, R. Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738); **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

LISBOA

S. JORGE (Tel. 5453)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos 3.ª semana Sidney Poitier em «A ORGANIZAÇÃO» um filme espectacular

LYZ (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo C-14 anos)
«IVAN O TERRÍVEL» uma realização de Sergei Eisenstein. Com Nicolai Tcherkassov e Ludmila Tzelikovskaia

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
9.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

CONDES (Tel. 322523)
14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO» com Kirk Douglas Yul Bryner e Samanta Eggar.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
8.ª Semana triunfal
com Renato Rascel, G. Granata e G. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
«BULEVAR DO RUM» com Brigitte Bardot e Lino Ventura

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00
(Grupo B - 10 anos) 4.ª semana
«OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
«CASA NOVA 70». Realização de Mário Monicelli com a interpretação de Marcello Mastroiani e Virna Lisi (um filme cheio de riso e malícia).

LIDO
21,30
(Grupo D - 18 anos)
«VOCÊ SERIA CAPAZ DE UM TAL SACRIFÍCIO?». Um assunto sério tratado num «FILME SÓ PARA RIR»

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL.
Cinema-Snack-bar-Pub «The Flag»
Faça três coisas num sítio só.

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
«O RECADO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana

ESTÚDIO (Tel. 585134/5)
15,30 - 18,30 - 21,45
(Grupo C-14 anos)
«UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura Soveral, João Guedes e Zita Duarte.

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
O último filme de Mitos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente).

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos 12.ª semana.
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITARIO DO RIO GRANDE» com Gregori Peck e Pat Quinn, no último Western de Henry Hathaway

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«GOLPE DE MESTRE» com Dean Martin, Carol White e Hnor Blackman

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
21.45 (Estreia)
Grupo D. (18 anos)
O JARDIM ONDE VIVEMOS Com Dominique Sanda e Helmut Berger
15.15 - 18.30 (10 anos) últimas de A MANTA VERMELHA

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D. (18 anos)
3.ª Semana PARIS VISTO POR... de Erich Rohmer, Claude Chabrol, Jean-Lue Godard, Jean-Daniel Pollet, Jean Rouch e Jean Douchet

IMPÉRIO (Tel. 555134/5
15.15 - 21,30
(Grupo D - 18 anos). 2.ª Semana «A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marléne Jobert, Michel Piccoli e Anthony Perkins
Amanhã às 18.30 (Adultos) QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF? com Elizabeth Taylor, Richard Burton, Sandy Dennis e George Segal

MONUMENTAL (Tel. 555131)
21.30 (Estreia)
Grupo C (14 anos)
CATLOW com Yul Brynner e Richard Crenna
15.15 (Adultos)
Última exibição de A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
Quinzena do Bom Cinema
Amanhã às 18.30 (Adultos) OS MUROS DO DESESPERO

CASINO ESTORIL (Tel 264945)
17.00 - 21.30
(Grupo B 10 anos)
AMERICANISSIMO
Com Lino Ventura e Mireille Dark

EUROPA (Tel 661016)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
KRUTE com Jane Fonda (Globo de oiro dos criticos de Nova Iorque e premiada com o Óscar da Academia) e Donald Sutherland

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo C (14 anos)
Com Brian Keith, Ernest Borgnine, Tony Curtis e Suzanne Pleshette GUERRA DE MALUCOS e UM HOMEM com Paul Newman e Diane Cilento Domingo às 18.30 espectáculo infantil

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
Grupo C (14 anos) 3.ª Semana A SOLTEIRONA com Annie Girardot e Philippe Noiret
Hoje às 18.30 (10 anos)
Sessão promovida pelos alunos do Liceu D. Filipa de Lencastre UM HOMEM PARA A ETERNIDADE

ROYAL (Tel. 885037)
15.00 - 21.00
Grupo D. (18 anos)
O QUARTO AO LADO
Com Bette Davis e Michael Redgrave e OS 3 SUPER-HOMENS com Tony Kendall

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha»...

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

COLISEU
21.15
Opera «D. Pasquale»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em doze assaltos»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

LISBOA/Cinemas

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Duelo no Rio Bravo

MAYER
21.00 (10 anos)
«O Inimigo público»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Amores de Vampiro»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Internato de raparigas»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Por um dólar de glória»

PARIS
21.30 (10 anos)
«O Caledrático»

UNIVERSAL
21.00 (18 anos)
«Joias de Sangue»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Os Assassinos também choram»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos)
«A Maldição do Altar Vermelho»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Viagem para o inferno»

ESTORIL
Casino
17.00-21.30 (10 anos)
«Americanissimo»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Sem motivo aparente»

Cascais
S. José
21.30
(18 anos)
«Dulcima»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.00 (18 anos)
«Amor quente, amor frio» e «Os Voluntários»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Que pena seres vigarista»

AMADORA
LIDO
21.30 (18 anos)
«Filme só para rir»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Love Story-História de amor»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Paranoia»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (10 anos)
«O Gigante»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O General Della Rovere»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«A grande odisseia»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Amante»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Adeus Columbus»

TRINDADE
21.30 (M 18 anos)
«A viúva Couderc»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Get Carter»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Morre monstro, morre»

COLISEU
21.30 14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Remorso»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«O Benefício da dúvida»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Capitão Branleone» e «Bate primeiro Fred»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Os Incorruptíveis contra a droga»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«55 dias em Pequim»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«A viuva solteira»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«A sereia do Mississipi»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«América, América, para onde vais?

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA
Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bilarno, Alcindo Carvalho e Filipe Duarte. Tocam: António Luís Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 369760.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/2-3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

Dona-de-casa contra o «strip-tease»

A dona de casa Pat Birchall sabotou um espectáculo de «strip-tease» em Skemdersdale, Inglaterra.

Pat, cujo marido, Clarence Birchall, é presidente do clube recreativo de Skemdersdale, opusera-se à ideia de se efectuar um espectáculo de «strip» nas instalações do clube, mas alguns sócios decidiram levar avante a sua ideia, preparando mesmo tal espectáculo.

Quando Pat chegou ao clube e viu que o «show» ia começar avisou a polícia de que «poderia haver sarilho», pelo que os guardas intervieram, mesmo no último instante.

Se os guardas não tivessem chegado a tempo diz Pat - ter-se-ia metido no meio das raparigas, impedindo-as de levarem até ao fim o seu «strip».

Cancelado o espectáculo, os sócios do clube receberam de volta o dinheiro que haviam entregado para a «sessão especial».

Prisão e narcóticos

O antigo dirigente sindical Jimmy Hoffa, que recentemente saiu sob fiança da prisão federal de Lewisburgo, era, declarou ao semanário «Times» que os narcóticos são fàcilmente conseguidos na penitenciária e servem para manter os prisioneiros calmos.

«Tudo fazem para nos tirar a varonilidade. Só nos dão cuidados médicos quando estamos prontos para uma operação. A comida é horrível. Não há instalações suficientes para fazermos exercícios» afirmou Hoffa, nas suas diatribes contra a prisão de Lewisburgo.

Desigualdade

Janice Chirgwin, de 20 anos, foi coroada «rainha» das festas de Romford (Inglaterra).

Em segundo ficou Tina Chirgwin — sua irmã gémea.

«YBARRA» 72

5 CRUZEIROS FABULOSOS

XVIII Cruzeiro à Islândia, Cabo Norte e Sol da Meia Noite

4 a 26 de Julho
IRLANDA — ESCÓCIA — ISLÂNDIA
OS FIORDES DA NORUEGA
Desde 13.320$00

VIII Cruzeiro à Rússia

14 a 30 de Julho
O MEDITERRÂNEO — GRÉCIA — TURQUIA
BULGÁRIA — ROMÉNIA — O MAR NEGRO
Desde 9.500$00

XIX Cruzeiro às Capitais Nórdicas

27 de Julho a 18 de Agosto
BILBAO — HAVRE — OSLO — ESTOCOLMO
HELSÍNQUIA — LENINEGRADO — GDYNIA
COPENHAGUE — HOLTENAU — BRUNSBÜTTEL — HAMBURGO
Desde 13.320$00

XX Cruzeiro ao Mar Báltico

19 de Agosto a 5 de Setembro
BILBAO — HAVHE — ZEEBRUGGE — ESTOCOLMO — LENINEGRADO — GDYNIA
COPENHAGUE — KIEL — HAMBURGO
Desde 7.260$00

Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL 53 61 21 • LISBOA 2

Ultimato aos ferroviários ingleses

LONDRES, 18 — (R) — Os sindicatos dos ferroviários da Grã-Bretanha, presentemente conduzindo em todo o país uma greve de zelo, que tem paralisado as carreiras de combóios, enfrentam hoje um ultimato do Governo para realizarem um escrutínio entre os vossos associados ou fá-lo-emos nós.

O ministro do trabalho, Maurice MacMillan, deverá avistar-se hoje com dirigentes sindicais e espera-se que lhes peça para realizarem uma votação entre os seus associados acerca da greve de zelo, que deixou ontem sem transporte, nas horas de ponta, milhares de viajantes.

O Governo está resolvido a não dar aos sindicatos o aumento de 16 por cento oferecido pela junta dos caminhos-de-ferro, dirigida pelo Estado.

Se a exigência de McMillan for rejeitada hoje pelos sindicatos, então, segundo pensam observadores, o ministro do Trabalho, nomeado recentemente, não terá outra alternativa senão invocar a lei de relações industriais, requerendo uma ordem judicial para se realizar obrigatòriamente um escrutínio entre os ferroviários e obter um período de 60 dias para tentativas de conciliação. A passagem de tal ordem impedira os sindicatos de iniciarem qualquer acção durante esse período.

A greve de zelo dos 300 000 ferroviários do país, que começou à meia noite de domingo, a seguir ao malogro das negociações sobre salários, provocou reacções de indignação entre os londrinos, já aborrecidos com os grandes atrasos dos combóios.

Pessoal das estações foi agredido e a polícia teve de ser chamada várias vezes. Milhares de pessoas encheram as estações da capital, esperando combóios que nunca chegaram.

A polícia introduziu na cidade de Londres vários regulamentares especiais de emergência quanto a estacionamento, a fim de enfrentar o influxo maciço de automobilistas, utilizando os seus carros, pretendendo chegar aos empregos numa tentativa para vencerem o caos nos caminhos-de-ferro. As estradas de entrada e saída da capital encontram-se repletas de veículos.

A opinião pública parece estar na sua grande maioria contra a greve de zelo dos ferroviários, que se mostram ainda determinados a ganharem a sua luta para conseguirem salário e condições de trabalho melhores.

Um ferroviário apresentou o caso desta maneira: «pretendemos um acordo justo — um salário com o qual possamos viver sem termos que trabalhar sem descanso para o conseguirmos».

Observadores estão já a prever que não circularão combóios até amanhã, embora os caminhos-de-ferro britânicos afirmem que deveriam poder manter algumas carreiras.

FAVORES - Marino Volcano, à direita, durante a sessão no tribunal de apelação de Roma. Volcano foi condenado em 1970 a 14 anos de prisão, sob a acusação de ter assassinado a mulher. À esquerda, na Telefoto (UPI-Telimprensa/«DL»), a dra. Giuliana Meogrossi, subdirectora da prisão onde se encontra detido Volcano que é acusado de utilizar os seus poderes para obter uma situação de favor para o preso e de manifestar por ele um interesse que excedeu as suas funções oficiais. A dra. Meogrossi já se afastou do cargo que exercia admitindo em privado a sua «paixão» por Volcano.

O VINHO VERDE PROCURA NOVOS MERCADOS

«Precisamos de vender mais vinho verde, tanto no mercado interno, especialmente em Lisboa, como no mercado externo», declarou aos orgãos de informação o presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, durante uma conferência efectuada na F. I. L. para dar a conhecer todo um programa de promoção que está em curso já há tempos. Depois de informar que mais de dois milhões de litros (que constituem um quinto da totalidade da produção nacional) são vendidos anualmente, o presidente da Comissão de Viticultura da Região de Vinhos Verdes tornou pública a campanha com a qual se pretende conquistar novos mercados metropolitanos, ultramarinos e estrangeiros. Assim, depois de se terem efectuado provas de vinhos em diversos supermercados de Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal, um pavilhão da comissão estará patente ao público durante a Feira Internacional de Lisboa, de 9 a 24 de Junho próximo. No dia da inauguração do certame, efectuar-se-á um festival do Vinho Verde. Entretanto, dentro de dias, Lisboa vai ser percorrida por grupos de «zés-pereiras», acompanhados de ranchos folclóricos, pra se anunciar esse festival que será designado «Noite do Vinho Verde». Além do «stand» próprio da comissão, outros de casas produtoras de vinhos estarão também presentes no certame. Pevê-se ainda que o restaurante da F. I. L. confeccione, todos os dias, pratos típicos regionais, (desde o bacalhau da Margarida dos Arcos, de Viana do Castelo, e à moda da Narcisa, de Braga, até aos rojões, passando ainda pelas tripas à moda do Porto). A concluir a sua exposição sobre a promoção do vinho verde, afirmou:

«Será um processo de valorização do produto, através do alargamento do seu mercado, como tanto se impõe. E com essa valorização, a melhoria das condições de vida de tantos e tantos milhares de portugueses que na produção e comércio do vinho verde têm o seu sustentáculo económico».

DL Últimas

A CEE CRITICADA PELO «TERCEIRO MUNDO»

SANTIAGO DO CHILE, 18 — Críticas à atitude indiferente do Mercado Comum Europeu para com as nações em desenvolvimento, uma reclamação de mais auxílio para desenvolvimento e uma sugestão para se obter uma nova moeda internacional dominam hoje a III Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED).

Com representantes da União Soviética devendo discursar no sexto dia da conferência, delegados do «Terceiro Mundo» formaram um bloco para ameaçar os países industrializados com acordos regionais e possíveis boicotagens dos seus produtos.

A noite passada, esses países receberam auxílio do dr. Sicco Mansholt, presidente da Comissão Executiva do Mercado Comum Europeu (CEE).

O dr. Mansholt declarou que a lacuna entre ricos e pobres estava firmemente a alargar-se visto os países industriais ficarem surdos aos gritos de socorro do «Terceiro Mundo».

Admitiu que negociações comerciais do passado foram acertadamente classificadas como «um assunto entre sócios do clube dos homens ricos».

POLÍCIAS MORTOS EM SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO, 18 (F.P.) — Foram mortos no domingo em São Paulo, dois polícias quando tentavam capturar dois jovens «gangsters», surpreendidos na sua própria casa. Mais dois polícias ficaram feridos e o único que saiu ileso foi chamar reforços.

Finalmente, foi morto um dos bandidos e o outro capturado.

PRESOS RAPTORES DE SALLUSTRO

BUENOS AIRES, 18 (ANI) — Foram presos os sete homens e uma mulher que raptaram e assassinaram Oberdan Sallustro, director da Fiat na Argentina — anunciou o Exército, acrescentando que quinze outras mulheres e três homens foram igualmente detidos como cúmplices ou encobridores.

Encontram-se ainda em liberdade seis homens procurados em relação com o caso.

Sallustro foi assassinado pelos seus raptores, membros do (Trotskista) Exército Revolucionário Popular, no dia 10, quando a Polícia apertou o cerco à volta do seu esconderijo.

A FUNDA
de
Artur Portela Filho
PRIMEIRA SÉRIE
AS NOVAS «FARPAS» PARA O PORTUGAL DE HOJE
MORÆS
EDITORES

QUE INFORMAÇÃO ECONÓMICA?

Que «informação económica» deve ser a de um jornal?

Antes de tudo deve ser informação, o que, por um lado, pode parecer descomprometimento, «objectividade», mas que, por outro lado, é intervenção, e intervenção comprometida e muito directa. A «objectividade» (assim, entre aspas) aparece como assimilando a informação a uma descrição. A informação, então seria veicular o conhecido, dar a saber o sabido. Mas que descrever, que fazer conhecido, que dar a saber? E como? A resposta a estas dúvidas é a informação, e é — sempre! — intervenção.

Talvez um pouco insòlitamente, o que vai atrás faz lembrar Brecht quando em «As cenas de rua» (1), escreve que «a cena de rua determina qual a indole da vivência a suscitar no espectador» e, logo linhas depois, nos diz que «é o objectivo da descrição que determina qual o grau de exactitude a conferir à imitação» (que o narrador faz). Assim se chega a um ponto fundamental e para o qual também em Brecht se encontra uma explicitação clara, e até uma técnica, o chamado efeito de distanciação: «os acontecimentos passam a exigir uma explicação, deixam de ser evidentes, naturais. O objectivo do efeito de distanciação é possibilitar ao espectador uma crítica fecunda, adentro de uma perspectiva social».

A informação económica de que tentaremos ser veículo, como DL/Economia que dá os primeiros passos, procurará ser esta objectividade. Escreveu-se, na semana passada, que a informação económica «procurará ser, fundamentalmente, fazer (ajudar a) compreender», hoje, com a ajuda brechtiana, avançamos um pouco mais. Os acontecimentos económicos nunca deverão ser evidentes, naturais, por si exigem uma explicação, devem possibilitar, a quem ler, uma crítica fecunda, adentro de uma perspectiva social.

Claro que tudo isto pode não ser mais do que piedosa afirmação de propósitos, se for só isto. E, se há coisas fáceis, afirmar propósitos (candidata-se a um lugar de privilégio... Mas não) o pretende, e não pretende ser só afirmação de propósitos, até porque, mesmo antes de os vir afirmar, já DL/Economia se ofereceu como tentativa de concretização do ainda não afirmado, no que podemos considerar o seu primeiro número. Esta referência a primeiro número não quer dizer que nos mova qualquer intenção de personalização autónoma relativamente ao jornal, antes pelo contrário, procuraremos plenamente inserir-nos, como DL/Economia, no que se pode considerar como das mais válidas tradições do «Diário de Lisboa», a sua «informação económica Como intervenção.

Oferecemos esta nota como um convite à reflexão sobre o que deveremos ser. É um parentesis que abrimos. Mais do que procurar informar, é preciso, é urgente que a informação seja procurada. Mais do que informar, importa que nasça a necessidade de informação. O informar-SE. Por isso mesmo, para além do convite à reflexão, esta nota pretende ser um desafio para que DL/Economia seja participada. Cena da (nossa) rua.

Aquilo que deve ser a informação económica num jornal só o pode ser se resultar de uma necessidade assumida de informação e, por isso, transformada em informação exigida.

1.- Bertolt Brecht, «Estudos sobre Teatro-para uma arte dramática não-aristotélica», Portugália Editora, 1964.

DL Economia

A CONTA (PROVISÓRIA) DE 1971

Por SÉRGIO RIBEIRO

Os jornais já fizeram referência à conta provisória do ano de 1971, que o Ministério das Finanças, através da Direcção Geral da Contabilidade Pública, elaborou e remeteu à Imprensa Nacional, para publicação no «Diário do Governo».

Assim como seria redundante retomar pedaços da nota distribuida, com os seus números, os seus comentários, as suas conclusões, parece-nos da maior utilidade aproveitar o que veio a público para, através do estudo das contas do Estado, melhor conhecermos a nossa realidade, a realidade nos aspectos económicos e financeira da administração pública. Aliás, se no último suplemento vimos publicado um trabalho nosso sobre relatórios e contas, esta conta provisória não é menos conta pelo facto de ser do Estado. Até diriamos que é mais conta ou, pelo menos, é mais nossas contas...

Poder-se-ia levantar já a reserva de se estar a procurar estudar uma conta «provisória». No entanto, se se resolvesse aguardar pela conta definitiva, a chamada «Conta Geral do Estado» (C.G.E.), talvez muito se tivesse de esperar, até ao risco de perder oportunidade. Assim é porque a C.G.E., com o seu relatório que é — normalmente — importante documento de análise da conjuntura, na prespectiva governamental, não tem data certa de sair, tem verificado, nos últimos anos, uma certa irregularidade, e a relativa a 1970 só apareceu nos jornais no dia 12 de Outubro de 1971.

O facto de termos afirmado que mais importava aproveitar os dados tornados públicos procurando estudá-los, utilizando-os como elementos de uma realidade económica e financeira, do que retomar o já referido, não pode ser restritivo, e consideramos que é a partir da própria nota que se deve tentar avançar nesse estudo.

A nota confronta os valores atingidos em 1971 com valores das contas de 1970. Assim, refere o aumento de 2 555,8 milhares de contos nas receitas ordinárias cobradas, o que representa um acréscimo de 8,6 , e um aumento de 4 912,5 milhares de contos para o total das despesas pagas, isto é, mais 15,5 , com mais 2 016,7 milhares de contos e 11,4 para as despesas ordinárias, e mais 2 895,8 milhares de contos e 20,5 para as despesas extraordinárias.

Todo o confronto utilizado é sempre com as contas do ano de 1970, mostrando-se, assim, como evoluiram, efectivamente, as receitas e as despesas.

Aproveitemos o ponto 7 da nota para, depois, fazermos outros confrontos que consideramos igualmente de muito interesse.

«A comparação das despesas ordinárias e extraordinárias pagas de Janeiro a Dezembro de 1971 com as efectuadas em idêntico período do ano anterior, distribuídas por Ministérios, é apresentada no quadro a seguir descrito.

A comparação com que propomos complementar os confrontos feitos, é com o Orçamento Geral do Estado (O.G.E.), para o mesmo ano de 1971. O O.G.E. é, digamos, o documento de trabalho do Governo, autorizado a elaborar pela «Lei de Meios», e deverá ser a quantificação das receitas e despesas do Estado para o ano económico; deverá ser, também, a quantificação dos princípios e prioridades que se definem na autorização geral que é a «Lei de Meios», que passa de propostas do Governo a lei que a Assembleia Nacional decreta, depois de parecer da Câmara Corporativa.

Comparar a conta com o orçamento terá, portanto, o interesse de verificar até que ponto se conseguiu cumprir o previsto e, em última análise, até que ponto os princípios e prioridades condicionaram a evolução dos gastos públicos.

O quadro em que se confrontam as despesas pagas com as despesas orçamentadas revela importantes diferenças mostrando que, ao longo do ano, a administração pública foi tendo necessidade de alargar umas verbas de uns minis-

Continua na página seguinte

(MILHARES DE CONTOS)

Despesas pagas

Ministérios	1971	1970	Diferenças	
			Valor	Percentagem
Despesa ordinária				
Encargos Gerais da Nação	1 349,1	1 153,3	+ 195,8	+ 17
Finanças	4 324,1	3 995,1	+ 329	+ 8,2
Interior	1 019,5	953,5	+ 66	+ 6,9
Justiça	299	289,1	+ 9,9	+ 3,4
Exército	1 587,7	1 576,8	+ 10,9	+ 0,7
Marinha	1 447,9	1 285	+ 162,9	+ 12,7
Negócios Estrangeiros	374,3	342,6	+ 31,7	+ 9,3
Obras Públicas	841,7	846,3	— 4,6	— 0,5
Ultramar	109,2	113,1	— 3,9	— 3,4
Educação Nacional	3 277,7	2 742,8	+ 534,9	+ 19,5
Economia	636,8	627	+ 9,8	+ 1,6
Comunicações	2 642,4	2 309,8	+ 332,6	+ 14,4
Corporações e Previdência Social	108,5	108,5		
Saúde e Assistência	1 632,3	1 290,6	+ 341,7	+ 26,5
Soma a despesa ordinária	19 650,2	17 633,5	+ 2 016,7	+ 11,4
Despesa extraordinária				
Encargos Gerais da Nação	10 598,8	9 667,7	+ 931,1	+ 9,6
Finanças	783,3	188,6	+ 594,7	+ 315,3
Interior	5	11,5	— 6,5	— 56,5
Exército	707,5	2,3	+ 705,2	
Marinha	11,8	21,4	— 9,6	— 44,9
Obras Públicas	2 364,4	2 055,4	+ 309	+ 15
Ultramar	808,6	726	+ 82,6	+ 11,4
Educação Nacional	309,5	279,5	+ 30	+ 10,7
Economia	714,6	587,1	+ 127,5	+ 21,7
Comunicações	500,2	371,6	+ 128,6	+ 34,6
Corporações e Previdência Social	0,9	0,6	+ 0,3	+ 50
Saúde e Assistência	193,3	190,4	+ 2,9	+ 1,5
Soma a despesa extraordinária	16 997,9	14 102,1	+ 2 895,8	+ 20,5
Total	36 648,1	31 735,6	+ 4 912,5	+ 15,5

CENTRAIS PÁG. 6/7 ÚLTIMA

■ Dossier do mês Abril-inflação Ensino superior e Economia

■ A UNCTAD III NO CHILE

■ NA SEMANA PASSADA PORTUGAL E A EUROPA

A PROPÓSITO DE CONTAS, DE ENSINO, DA UNCTAD

Escreveu-se no «Courrier-UNESCO»:

No mundo, a despesa anual média por soldado é de 7800 dólares. A despesa anual média por criança, referente à educação, é de 100 dólares.

Os países subdesenvolvidos gastam actualmente em média 5 dólares com o ensino, enquanto que os países desenvolvidos lhe dedicam anualmente 100.

Continuação da primeira pagina

térios e, correlativamente, de encurtar outras de outros ministérios.

Destes ajustamentos resultou, necessàriamente, uma diversa distribuição do peso relativo de cada um dos ministérios nas despesas globais do Estado. Pareceu-nos, portanto, que também teria relevância conhecer qual a distribuição, em termos relativos, das despesas totais pelos ministérios, e portanto pelas actividades inerentes a cada um.

O quadro junto em que se faz esse confronto, embora suficientemente claro, e susceptível do mais útil aproveitamento pelo agrupamento de ministérios por tipos e objectivos de actividade, quase exige uma imediata diferente arrumação somando as despesas ordinárias com as extraordinárias, até porque, dado o seu crescente volume e peso relativo das extraordinárias, e dada a sua permanência e constância, começa a ser por demais discutível onde localizar a fronteira que separa as ordinárias das extraordinárias, ou mesmo se haverá razão de ser para uma fronteira. Pode-se, inclusivé, dizer que esta divisão não só é discutível mas também discutida, até porque, na Assembleia Nacional e em declarações oficiais, se tem vindo a pôr a questão da classificação das despesas públicas, ainda recentemente objecto de determinadas (e limitadas) medidas.

Mais um quadro é junto, pelo atrás referido, e trata as despesas dos ministérios como um todo, fazendo o confronto entre a importância das verbas orçamentadas para cada ministério e a importância das despesas efectivas, e ainda um outro com os pesos relativamente aos totais das verbas orçamentadas e gastas.

Esta «prosa» que acompanha os quadros, nem sequer se oferece como legenda, estando todo o trabalho na elaboração dos quadros, que se apresentam e que se oferecem à reflexão e (porque não?) ao trabalho e comentário de todos nós. São as nossas contas...

A CONTA (PROVISÓRIA) DE 1971

Comparação das despesas ordinárias e extraordinárias pagas de Janeiro a Dezembro de 1971 com as orçamentadas para igual período, distribuídas por Ministérios.

(MILHARES DE CONTOS)

Ministérios	Despesas pagas 1971	Orçamento 1971	Diferença (Milhares de contos)	Diferença Percentagem
Despesa ordinária				
Encargos Gerais da Nação	1.349,1	1.394,2*	— 45,1	— 3,2
Finanças	4.324,1	4.578,9**	— 254,8	— 5,6
Interior	1.019,5	1.011,1	+ 8,4	+ 0,8
Justiça	299	322,0	— 23,0	— 7,1
Exército	1.587,7	1.629,3	— 41,6	— 2,6
Marinha	1.447,9	1.350,8	+ 97,1	+ 7,2
Negócios Estrangeiros	374,3	351,8	+ 22,5	+ 6,4
Obras Públicas	841,7	846,2	— 4,7	— 0,6
Ultramar	109,2	117,9	— 8,7	— 7,4
Educação Nacional	3.277,7	3.787,9	— 510,2	— 13,5
Economia	636,8	719,7	— 82,9	— 11,5
Comunicações	2.642,4	1.929,5	+ 712,9	+ 36,9
Corporações e Previdência Social	108,5	126,4	— 17,9	— 14,2
Saúde e Assistência	1.632,3	1.452,3	+ 180,0	+ 12,4
Soma a despesa ordinária	19.650,2	19.617,9	+ 32,3	+ 0,2
Despesa extraordinária				
Encargos Gerais da Nação ***	10.598,8	7.436,5	+ 3.162,2	+ 42,5
Finanças	783.3	287,5	+ 495,8	+ 172,5
Interior	5	5,0	—	—
Exército	707,5	7,5	+ 700,0	+ 9.333,3
Marinha	11,8	12,8	— 1,0	— 7,8
Obras Públicas	2.364,4	2.509,8	— 145,4	— 5,8
Ultramar	808,6	357,0	+ 451,6	+ 126,5
Educação Nacional	309,5	262,8	+ 46,7	+ 17,8
Economia	714,6	750,4	+ 35,8	— 4,8
Comunicações	500,2	597,0	— 96,8	— 16,2
Corporações e Previdência Social	0,9	1,0	— 0,1	— 10,0
Saúde e Assistência	193,3	204,4	+ 11,1	+ 5,4
Soma a despesa extraordinária	16.997,9	12.431,7	+ 4.566,2	+ 36,7
Total	36.648,1	32.049,6	+ 4.598,5	+ 14,3

* Despesas com «Presidência da República, Presidência do Conselho, Representação Nacional, Secretaria de Estado de Informação e Turismo, Departamento da Defesa e Secretaria de Estado da Aeronáutica.»

** Passou a incluir «Dívida Pública» e «Tribunal de Contas, Junta do Crédito Público e pensões e reformas».

*** Inclui as «despesas militares extraordinárias no Ultramar».

Comparação das percentagens de despesas de cada ministério relativamente às despesas totais ordinárias e extraordinárias, orçamentadas para 1971 e pagas em 1971:

Ministérios	% Despesas Pagas 1971	% Despesas Orçamentadas 1971	Diferenças
Despesa ordinária			
Encargos Gerais da Nação	6,9	7,1	— 0,2
Finanças	22,0	23,4	— 1,4
Interior	5,2	5,1	+ 0,1
Justiça	1,5	1,6	— 0,1
Exército	8,1	8,3	— 0,2
Marinha	7,4	6,9	+ 0,5
Negócios Estrangeiros	1,9	1,8	+ 0,1
Obras Públicas	4,3	4,3	—
Ultramar	0,6	0,6	—
Educação Nacional	16,7	19,3	— 2,6
Economia	3,2	3,7	— 0,5
Comunicações	13,4	9,8	+ 3,6
Corporações e Previdência Social	0,6	0,6	—
Saúde e Assistência	8,3	7,4	+0,9
Despesa extraordinária			
Encargos Gerais da Nação	62,4	59,9	+ 2,5
Finanças	4,6	2,1	+ 2,5
Interior	—	—	—
Exército	4,2	0,1	+ 4,1
Marinha	0,1	0,1	—
Obras Públicas	13,9	20,2	— 6,3
Ultramar	4,8	2,9	+ 1,9
Educação Nacional	1,8	2,1	— 0,3
Economia	4,2	6,0	— 1,8
Comunicações	2,9	4,8	— 1,9
Corporações e Previdência Social	—	—	—
Saúde e Assistência	1,1	1,6	— 0,5

Comparação das despesas ordinárias e extraordinárias pagas de Janeiro a Dezembro de 1971 com as orçamentadas para igual período, distribuídas por Ministérios não separando as despesas ordinárias das extraordinárias.

(MILHARES DE CONTOS)

Ministérios	Despesas Pagas 1971	Despesas Orçam. 1971	Diferenças (Milhares contos)	Diferenças Percentagem
Encargos Gerais da Nação	11.947,9	8.830,8	+ 3.117,7	+ 35,3
Finanças	5.107.4	4.866.4	+ 241,0	+ 5,0
Interior	1.024.5	1.016,1	+ 8,4	+ 0,8
Justiça	299,0	322.0	— 23.0	— 7.1
Exército	2.295.2	1.636,8	+ 658,4	+ 40.2
Marinha	1.459.7	1.363,5	+ 96,2	+ 7,1
Negócios Estrangeiros	374.3	351.8	+ 22.5	+ 6.4
Obras Públicas	3.206.1	3.356,0	— 149.9	— 4,5
Ultramar	917.8	474,9	+ 442.9	+ 93.3
Educação Nacional	3.587,2	4.050.7	— 463.5	— 11.4
Economia	1.351.4	1.470,0	— 118,0	— 8.1
Comunicações	3.146,2	2.526.5	+ 616 1	+ 24.4
Corporação e Previdência Social	109,4	127,4	— 18.0	— 14.1
Saúde e Assistência	1.825,6	1.656.8	+ 168.8	+ 10.2

Ministérios	% Despesas Pagas 1971	% Despesas Orçamentadas 1971	Diferenças
Despesa ordinária			
Encargos Gerais da Nação	32,6	27,6	+ 5,0
Finanças	13,9	15,2	— 1,3
Interior	2,8	3,2	— 0,4
Justiça	0,8	1,0	— 0,2
Exército	6,3	5,1	+ 1,2
Marinha	4,0	4,3	— 0,3
Negócios Estrangeiros	1,0	1,0	—
Obras Públicas	8,7	10,5	— 1,8
Ultramar	2,5	1,5	+ 1,0
Educação Nacional	9,8	12,6	— 2,8
Economia	3,7	4,6	— 0,9
Comunicações	8,6	7,9	+ 0,7
Corporações e Previdência Social	0,3	0,4	— 0,1
Saúde e Assistência	5,0	5,2	— 0,2

M. D. F.

CHEFE DE ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO

Para exercer a sua actividade em Lisboa no Departamento de Informática

PRETENDE-SE:

— **Pessoa experiente nas técnicas de análise e programação com qualidades de chefia.**

PREFERÊNCIA:

— **Ter participado no arranque dum sistema integrado.**

OFERECE-SE:

— **Integração em equipe dinâmica e remuneração de acordo com as aptidões.**

GARANTE-SE:

— **Rigoroso sigilo.**

Resposta manuscrita pelo interessado, dirigida à

METALÚRGICA DUARTE FERREIRA S. A. R. L.

Serviço de Pessoal, Av.ª 5 de Outubro, 122 — LISBOA-1

70 PAÍSES NA FEIRA DE MILÃO

Setenta países participam oficialmente na Feira Internacional de Milão que se realiza de 14 a 25 de Abril próximo e que este ano comemora o seu cinquentenário. Nesse número «record» de participações oficiais figuram todos os continentes, estando incluídos 26 países da Europa, 22 das duas Américas, 15 da África, 6 da Ásia e 1 da Oceania.

Ao lado dessas representações oficiais de 70 nações, há ainda a presença de instituições de carácter e interesse mundial, como a FAO (Food and Agricultural Organization).

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio) — LISBOA
Tels. 369384/5/6

PORTUGAL NA FEIRA DE MILÃO

No luxuoso volume, número especial da Feira de Milão 1972, editado sob a direcção do Secretário-Geral Guido Franci — é feita uma referência à participação do mercado português na Feira de Milão de 1971, sublinhando que Portugal se encontra regularmente presente no grande certame milanês, participando oficialmente, e com uma própria exposição no Pavilhão da Alimentação.

Mais de trinta firmas dos ramos do café, chá, cacau, vinhos de mesa, vinho do Porto e conservas de peixe, estiveram presentes na Exposição do ano passado.

Para a edição do cinquentenário, Portugal renova a sua participação oficial com uma exposição no sector alimentar, organizada pelo Fundo de Fomento de portação.

CHEFE DA EMPRESA E PLANEAMENTO ESTRATÉGICO

Troca de impressões com o economista e conselheiro de gestão Andrés Fernandez Romero

A época em que para gerir uma empresa era suficiente planificar o futuro próximo já pertence ao passado. Hoje torna-se indispensável que o gestor anteveja os acontecimentos à maior distância possível.

Andrés Fernandes Romero é licenciado em Ciências Económicas pela Universidade de Madrid, consultor de empresas e de organismos públicos conhecido em Portugal pelas suas conferências, seminários de formação de gestores e de pessoal directivo ao mais alto nível. Os seus trabalhos de acessoria feitos em colaboração com economistas portugueses já deram os seus resultados em muitas empresas do nosso País.

Conhecedor profundo dos problemas empresariais da Península Ibérica, têm as suas opiniões maior interesse para o empresário português. Além disso, Fernandes Romero sente-se entre nós, como nos afirmou «tal como em sua própria casa». As suas respostas às nossas perguntas são cheias, como nos disse «do máximo respeito e do maior carinho por tudo o que é português, o que lhe permite expendê-las com a maior sinceridade».

Começamos por lhe perguntar qual é a sua opinião sobre a organização das empresas ibéricas, em comparação com as empresas do resto da Europa, que conhece bem por ter realizado seminários de formação em Itália e por ter participado em cursos e reuniões em França e na Suiça.

— A maioria das grandes empresas portuguesas e espanholas **sabem** como organizar-se. O seu pessoal directivo tem, teòricamente, pelo menos, a formação suficiente para aplicar as técnicas avançadas de «management», E, em certo número de casos, estas técnicas são aplicadas ainda que fragmentadamente. Porém não é frequente encontrarem-se empresas grandes bem organizadas ainda que muitas julguem que o estão.

A pequena e média empresa é um pouco diferente. Há sectores (por exemplo, o metalomecânico, o têxtil, entre outros) que costumam ter um grau de organização aceitável.

Mas na maioria dos casos, a situação é deficiente. Nisto coincidem as empresas ibéricas com o resto das pequenas e médias empresas europeias, as quais também estão mal organizadas.

Se é verdade que as grandes empresas sabem como organizar-se, mas não estão bem organizadas, parece-nos oportuno perguntar-lhe as causas porque isto sucede.

— Um grande organismo, habituado a uma certa forma de funcionamento, tem muita dificuldade de adaptação a situações novas. Por outro lado, o erro de muitas empresas ibéricas grandes tem sido o de querer transplantar, sem as adaptações necessárias, para o seu organismo, técnicas e métodos de gestão pensados para outros contextos socio-económicos. Como não poderia deixar de ser a própria natureza se encarrega de rejeitar estas transplantações mal preparadas. Há quem fique admirado quando, num abrigo de montanha, põe água de um regato a ferver e ela não ferve a 100º C. Estes esqueceram-se que esta regra é válida só para a água pura e destilada quando posta ao lume ao nível do mar.

Parece deduzir-se as suas opiniões que se não podem aplicar, sem as respectivas adaptações, as técnicas de gestão de Empresas de outros países mais avançados que os nossos.

Perguntamos se a adaptação deverá ser feita subtituindo a «tecnocracia» do «management» estrangeiro por uma «humanização» mais de acordo com as nossas tradições pninsulares.

— A sua pergunta faz-me lembrar aquele ministro francês da Agricultura que dizia que um «tecnocrata»» é um técnico visto por um «poujadista». Isso de «humanização» costuma ser — não sempre, claro — uma cortina diáfana para ocultar a própria inépcia e a própria falta de tecnicidade. Quem é que disse que é incompatível a mais rigorosa tecnicidade do «management» com o maior respeito pelos valores humanos? Há já muitos anos, quando em Espanha um professor de Harvard deu uma conferência sobre relações humanas, dizia-me um venerando empresário espanhol — «Estes americanos acabam de descobrir o sermão da montanha».

Para Fernandes Romero, a causa fundamental por que o nível de organização das empresas é tão baixo e as novas técnicas de gestão estão tão pouco difundidas na Pnínsula, reside no facto de os chefes das empresas, preocupados em demasia com o curto prazo, com os problemas do dia a dia, deixarem de pensar a longo prazo.

À maioria dos empresários espanhóis, e segundo creio o mesmo sucede em Portugal, estão sob a «tirania do curto prazo». Problemas de produção, de stocks, de tesouraria, impedem-nos de olhar para o futuro. Claro está que os seres humanos não podem predizer, nem adivinhar o futuro, como disse Peter Drucker «O futuro é de Deus», frase muitas vezes repetida entre nós. Porém nós também contribuimos para a sua realização.

O último Prémio Nobel da Química, Dennis Gabor, tem um livro cuja tradução é, mais ou menos, «Inventando o Futuro». De facto: o futuro não se adivinha, não se extrapola, não se diagnostica. O futuro cria-se, inventa-se.

Em Espanha acaba de ser publicado um livro seu com título «O Conselho de Administração e o Planeamento a Longo Prazo». Nele defende a tese de que a principal responsabilidade que impede sobre os orgãos de nível mais alto dentro da empresa é de preparar o futuro, deixando para os níveis mais baixos a solução dos problemas de curto prazo. Porém, isto é muito difícil.

— Claro que é difícil. Mas a dificuldade de uma coisa não é, de forma alguma, argumento contra a sua necessidade. Nem, muitas vezes, contra a sua possibilidade.

Andrés Fernandes Romero falou-nos, por último das actividades de formação do «Centro Europeu para Formação de Directores», de que é presidente. Disse-nos que os seminários que mais aceitação têm actualmente em Espanha são os que se referem ao planeamento estratégico.

A. M.

PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIR NO CENTRO DE CASCAIS

VENDEM-SE

COM PROJECTOS

OU ANTEPROJECTOS APROVADOS

PARA NOVOS EDIFÍCIOS

PROPRIETÁRIO:

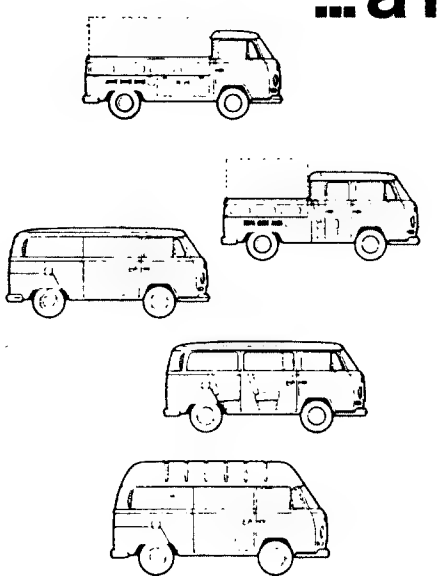
JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 282345 — CASCAIS

o seu lucro começa com ela...

...a furgoneta Volkswagen



A furgoneta VW é uma furgoneta de trabalho! Nos seus 5 m³ de capacidade e 4,1 m² de superfície de carga, transporta fàcilmente 1200 kg. Tem uma construção robusta, de chassis reforçado e um motor incansável. É extremamente económica, quer no consumo quer na manutenção. Extremamente prática! O despacho que dá a sua porta lateral de correr e a porta traseira de subir, só pode ser avaliado por quem faz entregas de porta em porta ... Sem esquecer também o jeito que faz o acesso directo da cabina ao compartimento de carga. Para a furgoneta VW não há pisos maus, está mais do que prevenida: suspensão individual às 4 rodas, eixo traseiro de articulação dupla e amortecedor de condução. A sua estabilidade é a toda a prova: a carga é rigorosamente distribuída sobre os eixos. Quanto a conforto e comodidade, a última palavra — bons estofos, boa visibilidade, temperatura ao seu gosto, espaço à vontade e para tudo, autêntica condução de um bom carro ligeiro. E, quanto a duração, já sabe: é um Volkswagen ...

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L.
av. da liberdade, 12 — telef. 366751/7-370171/5 — lisboa
av. almirante gago coutinho, 59D-telef. 713482 — " "
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

ENSINO SUPERIOR * E ECONOMIA

Não há Ensino Superior sem vínculos intrínsecos com a Investigação. Reduzir os esforços do Ministério às «necessidades do Ensino» é ameaçar, de modo dramático, a qualidade do Ensino Superior.

Uma das funções das universidades é a formação de futuros professores. Mas, ao mesmo tempo, não existe, na nossa época, ensino superior sem ligações com a Economia, especialmente com a grande indústria. No regime capitalista, tais ligações constituem um problema. Mas não deixam por isso de ser necessárias. Não é a Universidade que está em causa, pelo menos na medida em que a mesma se não enquista na ilusão esterilizante e caduca de uma Universidade «liberal», isolada da economia. O que está em causa, é o sistema sócio-económico, incapaz de resolver os problemas dos vínculos ensino-indústria, a não ser sob a óptica de uma subordinação do primeiro à segunda. Isto é, incapaz, de facto, de dar uma solução ao problema, pois que aquela implica, não a subordinação mas a cooperação. A inteligência fica a servir de alvo à lei do lucro.

Não se alimenta qualquer espécie de ilusão sobre a possibilidade de se progredir neste plano, no interior do modo de produção existente. Mas recusa-se a estúpida imobilidade do «tudo ou nada».

1) **Torna-se necessário criar, nas universidades, um conjunto coerente de formações técnicas de alto nível.** A este respeito, as iniciativas governamentais continuam a ser hesitantes, fragmentárias, autênticos rodeios. Não respondem, de modo algum, ao conjunto das necessidades previsíveis, mas satisfazem, passo a passo, as exigências de pormenor. É incoerente ter criado as novas universidades antes de ter sido definido um grande número de fieiras de formação, conducentes às licenciaturas e aos terceiros ciclos tecnológicos. Propõe-se que comissões de características democráticas, trabalhando claramente, definam as novas formaturas em função do conjunto das necessidades, e não das necessidades ditadas por este ou aquele momento, por este ou aquele sector da indústria privada. Tal conjunto será evolutivo e aberto.

2) **Torna-se necessário desenvolver os Institutos Universitários de Tecnologia.** Ao contrário das apreciações apressadamente aplicadas no período anterior, somos de opinião que o desenvolvimento actual impõe a formação de um tipo específico de especialistas, engenheiros ou técnicos superiores. Ésta formação distinguir-se-á da licenciatura menos pela sua duração (na maior parte dos casos mais curta, mas nem sempre) que pela concepção e composição originais. Conduzirá a uma vasta gama de «saídas», que se torna necessário definir nas mesmas condições das licenciaturas tecnológicas.

Assim concebidos, os Institutos Universitários de Tecnologia devem ter um carácter exclusivamente universitário, ser parte integrante das universidades. Torna-se necessário criar novos cursos universitários, de igual «nobreza», oferecendo possibilidades de valorização idênticas às dos outros cursos. Uma suficiente cultura geral, necessária, aliás, à qualidade dos estudos, é condição necessária àquela valorização. Os diplomas atribuídos pelos I.U.T. devem ter validade nacional e entrar nas convenções colectivas.

O acesso aos I.U.T. terá lugar a diversos níveis. Imediatamente após o curso dos liceus, vindo-se do primeiro ciclo dos U.E.R., vindo-se da vida activa. As passagens entre os I.U.T. e os U.E.R. devem poder fazer-se nos dois sentidos: poder-se-á entrar nos I.U.T. vindo-se do primeiro ciclo, ou sair para entrar no primeiro ou segundo ciclo, o que fará com que se evite transformar tais estabelecimentos em «impasses».

Os I.U.T. serão associados ao sector de investigação aplicada a criar nas universidades.

3) **Torna-se necessário criar, em todas as universidades,** meios de formação permanente. A resposta a esta necessidade põe numerosas questões. (Não é possível abordá-las abstractamente). Seguimos, com interesse, as experiências em curso.

Há, um ponto que merece, na nossa opinião, exame particular: o da relação entre formação inicial e formação permanente. Esta, porém, não deve ser um substituto para uma formação inicial encurtada. Pressupõe, para ter êxito, uma formação inicial completa, de alto nível.

4) **Torna-se necessário melhorar a orientação dos estudantes.** O ensino superior é afectado por um desastroso desequilíbrio: a percentagem de estudantes nas disciplinas matemáticas, físicas, químicas, biológicas, tecnológicas é nìtidamente fraca se a compararmos com as demais cadeiras. O fenómeno é proveniente de várias causas: insuficiências dos ensinos elementar e secundário; ausência de «saídas» por falta de novas fieiras de formação; permanência da separação entre institutos e universidades. O fenómeno é indissociável da segregação social, que não é só injusta como impede o país de ir buscar os seus especialistas ao conjunto da população.

Na maior parte dos casos, apenas se repara no desequilíbrio, não se dando relevância à segregação social. A existência desta, verificada, no essencial, antes da entrada no ensino superior, patenteia os limites impostos pelo sistema social a uma reforma, necessária, da orientação dos estudantes. Só um regime democrático conseguirá realizar a selecão dos melhores, pela promoção de todos. No entanto, è possível, para já, estudar e realizar **um primeiro ciclo pluridisciplinar, não compartimentado, optativo.** A orientação far-se-ia entre alguns grandes ramos do conhecimento. Não um tronco comum integral, impensável,a este nível, mas alguns primeiros ciclos fundamentais, uma dezena talvez, comportando, ao mesmo tempo, os agrupamentos tradicionais e conjuntos novos. A partir do segundo ano, estes primeiros ciclos permitiram aprofundamentos um tanto especializados; favoreceriam as reorientações. Em medicina, o primeiro ciclo poderia estender-se por três anos.

Não deveria, naturalmente, tratar-se de uma pseudo-disciplinaridade, comportando justaposições positivistas e arbitrárias, não fundadas na natureza do conhecimento e do seu progresso.

INFLAÇÃO, MOEDA E BAN

Se é preciso simplificar para bem informar, o bom informador deve combater as simplificações desonestas ou fantasias A este respeito, a inflação, bem conhecida da opinião pública, constitui um terreno de eleição para os dogmáticos e os demagogos. Ainda recentemente, deparámos com este silogismo inédito: a quantidade de moeda determina o nível dos preços, os bancos comandam a evolução da massa monetária, logo os bancos são responsáveis pela inflação. A prova é que só eles beneficiam com ela.

Por
JEAN
SAINT GEOURS
De «Le Monde»

Eis um encadeamento de contraverdades. A procura de um factor ou de um fautor único da inflação não data de ontem.

Durante muito tempo, o défice orçamental foi denunciado pelos ortodoxos. Entretanto, teve-se a prova do contrário: o equilíbrio das finanças públicas - na França, Inglaterra e Alemanha — não restaurou a estabilidade dos preços.

A seguir, foi a vez de os assalariados e as suas reivindicações exageradas serem postos em causa. Porém, se é certo que a alta constante e acentuada das remunerações dilata os custos de produção, nem sempre provoca um desequilíbrio fundamental. E os assalariados têm a convicção fundada de que os aumentos de preços precederam as suas exigências.

UM BRILHANTE FRACASSO

Por fim, suspeitou-se da massa monetária, mas sobretudo durante a moda, há três anos, das teses «quantitativistas» de Friedman. Ora, em todos os países apesar de economistas e económetros multiplicarem os seus inquéritos, a correlação entre evolução dos preços e variação da quantidade de moeda continua a ser das mais duvidosas.

De que massa monetária se trata? Será preciso incluir nela os depósitos de poupança líquida? Em teoria, não. Todavia, não serão eles mais instáveis e geradores de despesas de consumo unitàriamente importantes do que as contas à vista, tesouraria corrente dos lares? Se adoptarmos uma noção mais estrita, como fazem os «quantitativistas» recomendáveis, a sua teoria não se aplica de modo algum a França, onde não existe qualquer relação determinada entre o movimento da moeda **stricto sensu** e os p r eços. É lícito duvidar que seja válida para os Estados Unidos: a política monetária inspirada por Milton Friedman, não só para estimular como também para afrouxar o ritmo da economia, conheceu nesse país um brilhante fracasso; a relação entre as evoluções respectivas da quantidade de moeda e dos preços parece entregue à fantasia da sorte. Seria além disso preciso interrogarmos-nos sobre bom número de outras questões, nomeadamente a diferença, no caso que nos interessa, entre uma situação de pleno emprego e uma situação de sub-utilização das capacidades de produção.

E o papel dos bancos? Não há dúvida de que eles participam, através dos seus créditos à economia, no crescimento da massa monetária. Mas as dívidas contraídas a curto prazo pelo Tesouro e as entradas de divisas contribuem igualmente para isso. Quanto aos créditos, estes não são impostos pelos bancos aos chefes de empresa e aos particulares, mas sim solicitados por eles, em função da situação do mercado, de projectos e de uma dinâmica geral da economia.

Imputar a inflação ao crédito, é como explicar a marcha de uma viatura pelo carburante, sem considerar o motor ou o veio de transmissão.

Não há dúvida de que pode haver uma superalimentação em gasolina, isto é, em crédito. Compete às autoridades monetárias regularem o carburante. Estas não hesitam em fazê-lo e servem-se para isso de numerosos meios: depósitos obri-

Não há ensino superior sem vínculos intrínsecos com a Investigação

5) **Torna-se necessário criar uma cooperação entre as universidades e a economia.** Neste ponto, uma vez mais, os limites impostos pelo regime restringem a inovação a umas tantas medidas, insuficientes se se tiver em conta as necessidades.

Para definir os programas, especialmente nas fileiras de formação tecnológica e nos I.U.T., torna-se indispensável a colaboração entre universitários e especialistas em economia. Os P.D.G. (1) das empresas capitalistas não nos parecem qualificados para assegurar este trabalho. Torna-se necessário associar os engenheiros, técnicos e «quadros». São estes os aliados da Universidade. o interesse nacional, o sentido das responsabilidades, levam-nos, cada vez mais, a pôr em causa as orientações do patronato. É indispensável associar a este trabalho os representantes das confederações sindicais.

O estatuto de professores associados deve permitir, a todos os níveis, a participação no ensino de engenheiros, técnicos e «quadros», indivíduos qualificados pelo seu conhecimento teórico e prático da economia viva. Esta participação seria, aliás, aberta a representantes da vida cultural, do jornalismo, etc.

As nossas sugestões nada têm de comum com uma ingerência dos monopólios. Desejamos que as personalidades exteriores introduzidas nas universidades só o sejam em função das necessidades do serviço público e não sob o efeito de pressões económicas e políticas. Isto, evidentemente, só pode resultar de uma luta.

Factor capital da independência das universidades é o **financiamento. O financiamento público é o único que pode responder às exigências nacionais de desenvolvimento do ensino superior.** A crise das universidades americanas serve para provar a irracionalidade do financiamento particular. Na medida em que são inevitáveis os contratos e as subvenções de origem privada, somos de opinião que tal auxílio deve ser sempre limitado ao papel de contribuição nìtidamente minoritária; deve passar quer pelo «Conselho Nacional do Ensino Superior» quer pelos conselhos universitários, sem nunca ser directamente subscrito pelos U.E.R. ou pelos laboratórios; nenhum funcionário deve depender dos fundos privados; as cláusulas de publicação devem garantir a natureza científica dos trabalhos; todo o grande programa de equipamento universitário deve ser financiado, exclusivamente, pelo Estado. A autonomia das universidades ganha significado neste conjunto público à escala nacional.

6) **Deve ser criado no ensino superior um sector de investigação aplicada.** Reside aqui uma condição de qualidade para os ensinos tecnológicos. Isto estabelecerá uma viva união entre a teoria e a prática.

7) **O desenvolvimento das universidades deve efectuar-se igualmente em todo o território.** Considera-se absolutamente errada a distinção entre universidades privilegiadas (e privilegiantes) e universidades de segunda ordem, que o professor gaullista Dreyfus não hesita em classificar de «colégios universitários». Isto levaria a um desmembramento do potencial e a uma acentuada segregação. Se se tornam necessários alguns «complexos» de vanguarda, estes realizar-se-ão consolidando o que existe, completando-o, e não por subtracção.

8) Para favorecer a investigação universitária e a investigação pública em geral, **propõe-se que se suprimam os impostos que atingem a aparelhagem, os instrumentos e os materiais necessários ao trabalho científico.** Isto representaria um ganho de cerca de 20 por cento.

9) Insistindo na dimensão nacional dos problemas das ciências e das universidades, temos plena consciência da **internacionalização da vida científica**. O problema não se põe, a nossos olhos, em termos de fuga ou de captação dos cérebros, mas trata-se de colaboração, de intercâmbios internacionais não discriminatórios, que se devem estender a todos os países. Na Europa, onde serão, naturalmente, mais importantes, não deverão limitar-se, numa espécie de «apartheid» político, a um número reduzido de países. O desenvolvimento do potencial científico e tecnológico nacional é condição necessária ao êxito desta operação.

(1) — P.D.G. — Presidente Director-geral (de uma grande empresa) participação num debate, em França, sobre ensino, publicado em «La Nouvelle Critique».

CORRESPONDÊNCIA

QUAIS SÃO OS FAUTORES DA INFLAÇÃO

Em seguida ao artigo de Serge-Cristophe Kolm «Quais são os fautores de inflação?» «Le Monde de l'économie», de 22 de Fevereiro) ao qual responderam, por carta, Henri Fournier («Le Monde de l'économie», de 29 de Fevereiro) e, num novo artigo, Jean Saint-Geours («Le Monde de l'économie», de 7 de Março), recebeu o «Le Monde» abundante correio. Publicamos extractos tirados de um certo número delas.

Claude Vedel, professor agregado de Ciências Económicas, na Universidade de Nantes, escreve:

A carta de Fournier traz certas precisões indispensáveis que atenuam o alcance da demonstração de Kolm; em particular, sublinha o facto de, por um lado, os bancos deverem conservar reservas obrigatórias, não remuneradas, e, por outro lado, que, em 1970, eles tiveram de suportar despesas gerais que representaram 4,34 por cento do montante dos seus créditos. Mas, paralelamente a estes pontos notáveis, outros argumentos citados por Fournier parecem muito mais discutíveis.

Para ele, os créditos dos bancos seriam afectados, da mesma maneira que as suas dívidas, pela alta dos preços. Isto seria exacto se os bancos não tivessem procedido a uma subida das taxas de juros dos seus empréstimos - taxas de juros devedoras - baseando-se, muito justamente aliás, nas altas verificadas no mercado do euro dólar e na aceleração da inflação, sem compensar a alta dos preços pelo pagamento de um juro aos titulares de uma conta de depósito à ordem e sem elevar consideràvelmente as remunerações das outras formas de contas credoras. Esta remuneração dos depósitos à ordem, nos bancos, a uma taxa, aliás, superior à taxa de inflação, é pedida por numerosos economistas especialistas dos problemas monetários, como Henry Johnson e Milton Friedman, nos Estados Unidos, para permitir, essencialmente aos detentores de reservas monetárias, que não sofram com uma redução da sua liquidez expressa em termos reais. De qualquer maneira, não tendo isto entrado ainda no campo de factos, existe hoje em França uma distorção entre as taxas de juro credoras praticadas pelos bancos e as taxas de juro devedoras, distorção esta devida a uma melhor adaptação das segundas do que das primeiras às condições inflacionistas actuais.

A RESPONSABILIDADE DOS BANCOS... OU DO MINISTRO DAS FINANÇAS

Um último ponto é levantado por Kolm e Fournier. Diz respeito à responsabilidade dos bancos em matéria de aumento da quantidade nominal de moeda. Fournier faz notar, muito justamente, que os bancos estão sujeitos à regulamentação das autoridades monetárias. Sobre esta questão, recordemos que, entre Dezembro de 1969 e Dezembro de 1970, segundo os números publicados no relatório do Conselho Nacional de Crédito, as disponibilidades monetárias aumentaram de 11 por cento, o conjunto das disponibilidades monetárias e quase monetárias de 15,1 por cento - ou seja a percentagem mais elevada que fora observada depois de 1962. A quantidade nominal de moeda aumentou, pois, muito fortemente, a uma taxa muito mais elevado do que o produto nacional em volume. Nestas condições, não se podia esperar senão uma baixa do valor da moeda em termos de produtos, isto é, um prosseguimento da inflação. As autoridades monetárias, em particular o ministro da Economia e Finanças, são muito largamente responsáveis por esta situação.

Sobre o mesmo assunto, Claude Mar, de Villemomble, escreve:

Se é exacto que o essencial da criação monetária se realiza através do crédito, porquê criticar tanto este facto económico? Kolm não preferiria, de certo, que os novos signos monetários tenham por contra partida uma importante descoberta orçamental, ou, também, entradas de capitais flutuantes. Tendo em conta a

Continua na pagina sete

COS

gatórios não remunerados no Banco de França, restrições quantitativistas, elevação das taxas de juro, etc.

Convém det e rmo-nos um pouco mais demoradamente nas taxas de juro, dado que elas podem ter influência sobre as necessidades de crédito e o seu nível afecta muito os lucros dos bancos.

Estes só dispõem de uma estreita margem de liberdade na sua determinação. Muito mais poderosas são as decisões das autoridades financeiras, sobretudo no que diz respeito ao curto prazo, por um lado, e a situação geral do mercado do dinheiro, em relação com o estado da economia e as atitudes dos mutuantes primários e dos beneficiários dos empréstimos, principalmente quanto ao longo prazo, por outro. Basta observar o que vem passando nos Estados Unidos, e em França desde há quatro anos, para não termos dúvidas a este respeito.

Contudo, os bancos, cuja força constitui um dos elementos essenciais do desenvolvimento económico — é esta a opinião de numerosos especialistas em Inglaterra, Alemanha, Japão e Estados Unidos — têm de realizar lucros. Ora, face a taxas devedoras que controlam mal, as suas despesas são consideráveis. Remuneram cerca de metade dos seus depósitos a uma taxa média de 4 por cento, facto do conhecimento dos milhões de clientes dos bancos, mas que os economistas que escrevem sobre o assunto parecem ignorar. Por outro lado, prestam serviços de tesouraria — quanto mais não seja o processamento dos cheques — bastante onerosos, gratuitamente ou muito abaixo do custo líquido. Após trinta anos de inflação, aliás, qual é o nível dos fundos próprios dos bancos japoneses? Bastante medíocre, face à concorrência dos bancos estrangeiros.

À luz das subidas de preços de diversos tipos e do repetido fracasso das políticas que visavam estrangulá-las, parece que a inflação não é nem um desequilíbrio parcial nem a perversidade de um único agente económico. E antes uma endemia de carácter estrutural, uma obliquidade no conjunto dos comportamentos económicos.

O mercado perdeu frequentemente o seu papel de equilibrador permanente: diàriamente, são mais numerosos os preços e as remunerações que resultam de uma relação de forças sócio-políticas. As subidas de taxas de juro entram na dinâmica das antecipações inflacionistas, em lugar de as dissuadirem. A amplitude das possibilidades de consumo estimula as exigências de aumento dos rendimentos. A estrutura do consumo modifica-se, para benefício dos serviços e dos produtos aperfeiçoados, mas caros. A concorrência pelos preços é menos procurada do que a concorrência pela inovação. A política do pleno emprego sobreaquece a economia. A política do subemprego também, por crescimento relativo dos custos de produção e atribuição de abonos de desemprego despendidos.

Em resumo, uma das molas do funcionamento da economia moderna é uma impulsão inflacionista permanente.

Para a eliminar e assegurar o progresso, seria necessário imaginar novas condições de equilíbrio. Uma modificação da repartição da despesa nacional em benefício dos investimentos colectivos, acompanhada de uma inflexão dos circuitos da poupança, pode contribuir para isso. Trata-se de um outro modelo de sociedade, que talvez não se encontre assim tão afastado de nós.

DOSSIER DO MÊS

Para Abril, escolheu-se a INFLAÇÃO.

É este o «dossier do mês».

Em DL/Economia, da terça-feira passada, ao artigo de S-C. Kolm, para quem a causa da inflação está no comportamento dos bancos, respondia uma carta de Henri Fournier, director da revista «Banque».

Hoje, trazemos mais duas peças para o «dossier». Um artigo de um professor universitário, com essa autoridade e essa característica, e a correspondência dos leitores que o «Le Monde» recebeu e publicou sobre o tema e a quase-polémica.

Ainda haverá mais uma terça-feira em Abril. É intenção de DL/Economia fazer um apanhado das ideias trocadas, acrescentar algumas, trazer o «dossier» à realidade portuguesa. Mas seria do maior interesse que este último número de Abril fosse participado. Isto é, que a exemplo dos leitores do «Le Monde», os nossos leitores tomassem posição. Contribuíssem para o «dossier» INFLAÇÃO.

Com este mesmo objectivo, de que o «dossier do mês» seja aberto e largamente participado, avançamos a sugestão de que uma das formas mais intervenientes de colaboração se concretize com a proposta de temas para os próximos meses. Claro que temas não faltam, mas importaria que se escolhesse bem, isto é, que escolhêssemos.

UNCTAD III NO CHILE

Resultante de uma resolução votada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas, em 1961, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento reune-se com uma periodidade de três anos, nos textos, e de quatro anos nos factos.

A ideia que está na base desta resolução das Nações Unidas é simples. Com maior segurança e regularidade que da «ajuda» dos países avançados, os países do chamado Terceiro Mundo devem, e podem, obter os recursos necessários so seu desenvolvimento da venda dos seus produtos. Mas isto implica que tais países possam, por um lado, aumentar as suas exportações, e, por outro lado, contar com preços e cotações estáveis e remuneradoras. À UNCTAD foi confiada a tarefa de estudar e concretizar as duas condições.

AGENDA

O secretário-geral da UNCTAD propôs que os pontos da agenda de trabalho da Conferência de Santiago sejam repartidos pelas comissões como se segue:

— Primeira comissão: Problemas e políticas dos produtos de base.

— Segunda comissão: Artigos manifacturados e produtos semi fabricados.

— Terceira comissão: Recursos financeiros para o desenvolvimento.

— Quarta comissão: Seguros. Turismo. Desenvolvimento dos transportes marítimos: custo do transporte por mar; taxa de frete; código de conduta das conferências marítimas. Trasferência de técnicos.

Quinta comissão: Relães comerciais entre países de sistemas económicos e sociais diferentes.

— Sexta comissão: a) Medidas especiais a favor dos psíses em vias de desenvolvimento menos avançados; b) outras medidas especiais relacionadas com as necessidades particulares dos países em vias de desenvolvimento sem litoral.

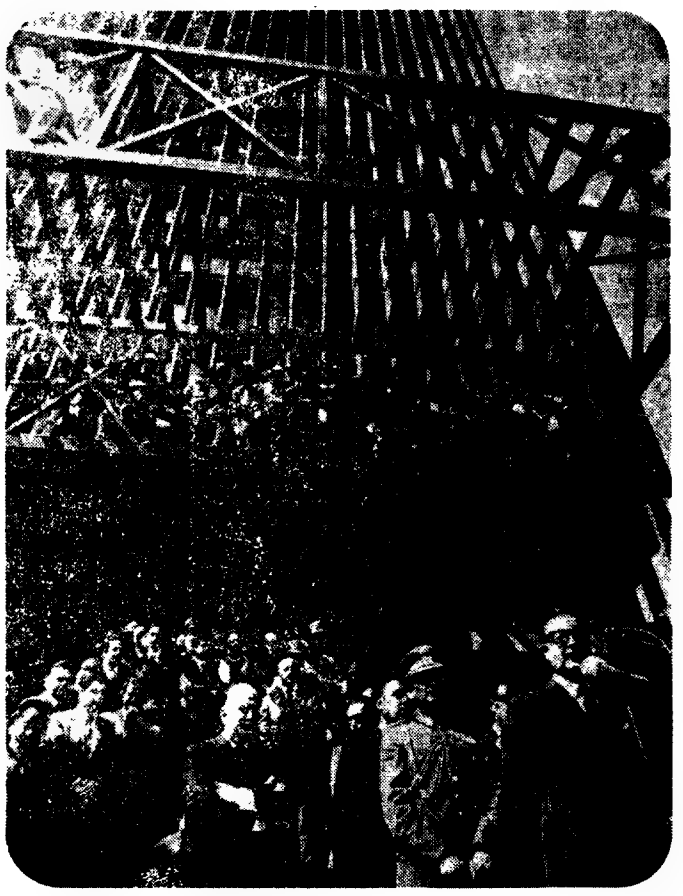
AS INSTITUIÇÕES

As instituições da UNCTAD compreendem um secretariado permanente com sede em Genebra, o conselho permanente em que os países ditos ricos apenas têm 19 votos em 56, e as quatro comissão especializadas: produtos de base; produtos manufacturados; transacções invisíveis; transportes marítimos.

O presidente chileno exigiu «a substituição de uma ordem económica e comercial já injusta, por uma ordem justa e baseada num novo conceito do Homem e da dignidade humana».

A certa altura do seu discurso, o mais alto magistrado do Chile disse recusar-se a «continuar a dar o nome de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento a um mero símbolo, mesmo mascadado, do conccito inscrito na Carta das Nações Unidas».

O dr. Allende afirmou também que os países do Terceiro Mundo são explorados de uma maneira tão crítica que «pagam quatro dólares por cada dólar de benefícios que recebem».



O Governo chileno, cumprimento com os prazos fixados, fez a entrega dos edifícios para a UNCTAD III às Nações Unidas. Na imagem, o Presidente Allende fala para as entidades oficiais e para os trabalhadores, junto da torre de 22 andares que constitui parte da sede da UNCTAD III.

OS EDIFÍCIOS E O ESTÍMULO AO TRABALHO COLECTIVO

Com a presença do Presidente da República, dr. Salvador Allende, de todos os ministros, do cardeal Raul Silva Henriquez, dos comandantes-chefes dos três ramos das forças armadas, da «comissão chilena» e de outras autoridades, foi levada a efeito a homenagem que a CUT (Central Sindical Chilena) prestou aos «trabalhadores da UNCTAD III».

O acto realizou-se em frente do edifício onde terá lugar a conferência.

A CUT entregou 12 medalhas aos «heróis do trabalho». Também foi feita a entrega de uma placa de estímulo ao trabalho colectivo.

In «Prensa Latina»

WALDHEIM NA AMÉRICA DO SUL

O outro orador da cerimónia da inauguração foi o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que pediu aos delegados que fizessem desta conferência uma «pedra fundamental nos esforços de todas as nações para, juntas, construirem um mundo melhor».

O secretário-geral, que faz a sua primeira visita à América do Sul depois de investido nesta qualidade, afirmou que se manteve durante muito tempo a crença de que a prosperidade dos países ricos irradiaria espontâneamente a espalharia os seus afeitos ao resto do mundo, mantendo-se tambem a crença de que, automàticamente, os países em vias de desenvolvimento beneficiariam dessa prosperidade como uma herança extensiva a toda a humanidade. Mas tal crença, ainda que de algum modo persista, tem-se provado errónea. Nas duas últimas décadas, assistiu-se a um crescimento espectacular dos países desenvolvidos, acompanhado por um aumento extraordinário no comércio entre eles; em contrapartida, os países em vias de desenvolvimento continuam a sofrer das mesmas carências, continuam afastados dos benefícios da prosperidade da maneira mais desencorajante.

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345 CASCAIS

APARTAMENTOS EM CASCAIS EM EDIFÍCIO DE LUXO

•

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av.ª Valbom, 28-1.º

Telef.: 28 23 45 CASCAIS

UNCTAD III
CONFERENCIA MUNDIAL DE COMERCIO Y DESARROLLO
SANTIAGO ABRIL MAYO 72

A DEGRADAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TROCA

Entre 1960 e 1969, o valor das exportações mundiais de matérias-primas, não oncluindo o petróleo, aumentou 37 por cento e, com o petróleo, 63 por cento, enquanto que o das exportações de produtos industriais aumentou 155 por cento. Esta degradação dos termos das relações de troca pesa tanto mais fortemente sobre a balança de pagamentos dos chamados países pobres quanto acima de três quartos das suas vendas são constituidos por exportações de matérias-primas e de produtos tropicais.

Gatt e as novas negociações comerciais

O «pontapé de saída» de novas negociações comerciais à escala mundial foi timidamente dado, em 7 de Março, no GATT (Acordo Geral sobre as tarifas aduaneiras e o comércio). Com efeito, o conselho desta organização acolheu favoràvelmente as recentes declarações de intenção feitas, por um lado, pela C.E.E. e os Estados Unidos e, por outro, pelo Japão e os Estados Unidos, visando o início de novas negociações comerciais multilaterais, em 1973, no âmbito do GATT.

Os países industrializados apoiaram a iniciativa dos Estados Unidos,Japão e Mercado Comum. Em contrapartida, os países em vias de desenvolvimento puseram certas reservas, as quais dizem respeito a três questões:

1) As modalidades das eventuais negociações. Os países em vias de desenvolvimento não podem aceitar o princípio da reciprocidade que constitui a base de negociações entre países industrializados, reclamando para eles próprios a não reciprocidade;

2) Os países em vias de desenvolvimento receiam o efeito para o **terceiro mundo**, e nomeadamente para o sistema das «preferências generalizadas para as exportações dos países em vias de desenvolvimento», das futuras negociações sobre as vantagens adquiridas. Toda e qualquer perda de vantagens para o terceiro mundo deveria ser objecto de compensações oferecidas pelo conjunto dos países industrializados;

3) Parece que os países do terceiro mundo não desejam comprometer-se excessivamente, antes da conferência de Santiago do Chile, em negociações cujas modalidades ainda não conhecem. Diversos países em vias de desenvolvimento - entre os quais a Malásia - sublinharam a importância da divergência que separa os Estados Unidos e a Comunidade sobre os acordos internacionais de produtos. A.C.E.E. reclama a sua conclusão, ao passo que os Estados Unidos são da opinião de que «semelhantes acordos não constituem uma solução útil»

DOSSIER DO MÊS

CORRESPONDÊNCIA

Continuação da pagina cinco

complementaridade das fontes de criação monetária, e sabendo que há sempre, a longo prazo, um aumento da massa de moeda, é bem preciso que ela se realize, de uma maneira ou de outra. O crédito às empresas e aos particulares representa a melhor solução, com a condição de ser econòmicamente justificada, tarefa a que se entregam os banqueiros e as autoridades monetárias.

Recordamos a este propósito os artigos publicados nas colunas de **Le Monde**, há alguns anos, pela mão de Pierre Berger, aonde se explica, por um lado, que os bancos, através do crédito, dispõem de um poder «fecundo» de criação monetária, e, por outro lado, que os Governos dispõem de meios para controlar o crédito quantitativa e qualitativamente.

P. Ravasson, assistente na Escola de Comércio, de Lyon, considera:

A fonte da inflação parece estar bem mais, simultâneamente, nos bloqueios estruturais, no aumento do custo dos salários, mais rápido do que o da produtividade, ou, ainda, na deformação do mercado, hoje oligopolístico (tendo o oligopolismo, por consequência, uma rigidez dos preços na base).

A disparidade entre fluxos monetários e fluxos reais não provém tanto dos bancos como do aumento das massas dos salários, consequência das reivindicações sociais; em todo o caso, a progressão da massa monetária alimenta pouco a inflação, visto os franceses utilizarem as suas disponibilidades muito mais para avolumar o seu aforro do que o seu consumo.

Parece, portanto, que a inflação actual é uma inflação pelos custos, ou de origem estrutural, e não pela procura.

A melhor prova disto está no facto de todos os planos de estabilização, a partir de 1958, que levaram a um controlo do crédito bancário, terem sido incapazes de travar persistentemente a inflação (é suficiente examinar a evolução do índice de preços).

Ora, se uma política não atinge os seus objectivos, é porque a análise sobre a qual está baseada não se dá conta da realidade; é preciso, portanto, indagar algures as causas da inflação.

E, mais do que condenar os bancos, é preciso regozijo pelo facto de realizarem lucros; com efeito, o desenvolvimento da indústria, o crescimento da economia francesa, fazem supor que os bancos nacionais dispõem de meios para correr mais riscos e, assim, participam ainda mais no financiamento dos investimentos das empresas; estas últimas terão muita necessidade deste concurso de capital suplementar, se se quiserem atingir os objectivos fixados pelo VI Plano.

Pascal Ordonneau, estudante, de Paris, põe a seguinte pergunta:

Porque é que, na análise de S. C. Kolm, os bancos emprestariam? Para ganhar dinheiro, provocando a inflação. Mas quem e porquê pedirá emprestado? Isso, não se sabe.

Bertrand Ray, também de Paris escreve:

Os bancos transformam, por certo, a moeda líquida constituída pelos depósitos a curto prazo, fazendo com ela empréstimos a médio prazo, mas trabalham com uma soma global de depósitos à vista. Há rotação no interior desta massa. O senhor X..., que deposita à vista 1000 francos, que retira no mês seguinte, nada perdeu, apesar da falta de remuneração. Ganhou até. Pràticamente, a inflação não tirou qualquer lucro, num tempo tão curto, da soma que ele depositou, mas, em contrapartida, o banco prestou-lhe serviços (gestão da sua conta, pagamentos de rendas, de quitações diversas) que, sem dúvida alguma, teriam custado ao depositante mais do que a eventual perda sofrida pela inflação, em tempo e dinheiro, e que custam efectivamente caro ao banqueiro, quer ele seja público ou privado.

ABRIR OS OLHOS DO POUPADOR

Jean-Pierre Conrié, inspector de finanças em Montargis, propõe:

Para abrir os olhos do detentor de poupanças, seria desejável que os poderes públicos tomassem a iniciativa de elaborar índices de depreciação do aforro, que seriam publicados periòdicamente, a exemplo do que se faz com os índices de preços.

O primeiro mérito de tais índices seria fazer sair da sombra um mecanismo depredador que, uma vez conhecido do poupador, suscitaria reacções susceptíveis de provocar a procura de soluções mais equitativas para ele.

Um outro mérito destes índices consistiria em determinar as coordenadas sobre a depreciação do aforro, que muitas pessoas sentem de uma maneira correcta, mas demasiado imprecisa para se preocuparem com isso.

Por outro lado, uma tendência é identificar a taxa de depreciação do aforro com a taxa de aumento dos preços de retalho devido à larga difusão deste último.

Ora, é evidente que esta assimilação corre o risco de provocar erros na avaliação da perda de valor do aforro, pois esta não é destinada a financiar a compra dos produtos de consumo corrente aos quais se refere o índice dos preços de retalho.

J. F. Bernard, investigador no C.N.R.S., pensa, por seu lado:

Se certos economistas, em geral universitários, têm um vincado gosto pelas teorias sem factos, bem preciso é reconhecer que, por seu lado, os práticos manejam de bom grado os factos sem teoria. Porque, finalmente, por detrás das formulações algo agressivas de Kolm contra os bancos em geral, e contra os bancos franceses em particular, está posta uma pergunta: «Qual é o papel dos bancos na inflação?» Questão puramente científica, à qual nem Fournier nem Saint-Geours parecem responder.

Fournier refuta ponto por ponto as teses de Kolm, mas não propõe, ao que parece, visão de conjunto, salvo, a concluir, por uma consideração de prática bancária (a confiança do público) que parece bastante afastada do ponto de saber qual o papel efectivo que os bancos desempenham na inflação. Saint-Geours sugere, e numerosos leitores o seguirão, como eu, neste ponto, que a inflação é uma espécie de fatalidade inerente ao desenvolvimento económico. Acrescenta que é uma fatalidade benéfica, pois que a inflação, diz ele, **«é uma das molas de funcionamento da economia moderna».**

Desejaríamos ainda saber até que taxa, e como, se repartem estes males entre as várias categorias sócio-económicas. De qualquer maneira, isso não nos diz qual o papel que os bancos desempenham neste caso. Tem-se, também, a sensação de que as respostas dadas a Kolm, respostas que são, por certo, sólidas, rodeiam o problema em vez de o enfrentar verdadeiramente. Assim acontece frequentemente em ciência económica: factos sem teoria opõem-se à teoria sem factos.

O IGNORANTE QUE NÃO QUER SABER

Pierre Lambert, de Saint-Maur, faz sugestões, numa carta muito interessante, de que o «Le Monde» lamenta não publicar senão um extracto:

Quando se está ainda a debater sobre as modalidades de aplicação e os méritos respectivos da política monetária e da política orçamental, como é possível causar espanto que, colocados diante de uma conjuntura, simultâneamente inflacionista e marcada pela recessão, os Governos sejam incapazes de reduzir o desemprego sem agravar ainda a deterioração da moeda, e estejam na impossibilidade de lutar contra a inflação sem acentuar mais ainda a recessão?

Parece-nos que os estudos monetários poderiam sair do labirinto em que encontram actualmente, perturbados por um regresso ás origens, isto é, ao nível micro-económico dos utilizadores. As poucas linhas acusadoras do sr. Kolm sucumbem - aliás, o autor sabe-o bem - à simples observação de bom senso que, contràriamente a uma opinião muitíssimo difundida, os bancos não criam moeda - pelo menos, por sua própria vontade. Logo que um banco desconta um efeito, consente um abono monetiza um crédito já existente, responde a uma necessidade expressa para além dele. E quando o Banco de França redesconta estes efeitos, opera aprovisionamentos, no mercado monetário ou livre dos francos, contra divisas no mercado dos câmbios, não faz mais, também nesse caso, do que responder às necessidades que não pode nem suscitar nem inibir. A vontade dos bancos de «dar crédito» não é suficiente quer as famílias quer as empresas não tivessem necessidade de liquidez. Como ensinar o ignorante que não quer saber?

Entre os caminhos mais interessantes que se oferecem a este tipo de investigação, o contributo de uma central dos balanços económicos (nem fiscais nem contabilisticos!) seria inestimável. É indispensável conhecer os fluxos financeiros no seio das empresas. Como são decididos e financiados os investimentos? Não se sabe lá muito bem. O balanço económico da empresa permitiria responder a esta pergunta.

O QUE É um computador
de JORGE BRANCO
DO CENTRO DE CÁLCULO CIENTÍFICO DA F C GULBENKIAN

Síntese de capítulos
Cultura – Mito – Máquina – Cálculo – Autómato – Informação – Biónica – Cibernética – Programação – Inteligência – Futuro

Obra valorizada com
extratextos – gráficos – glossário – bibliografia

Colecção «O que é» ... 240 ... 55$00

EDICOES 70 Avenida Duque d'Ávila 69 1.E Lisboa

Dist Livraria Quadrante
Av Luis Bivar 85-C
Telef 53 37 66 LISBOA

LOTES PARA MORADIAS
NA ZONA DE CASCAIS
ISOLADAS OU GEMINADAS

•

Preços a partir de: 100 contos

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS

ESCREVE...
endereça e descreve fàcilmente graças ao seu teclado alfanumérico.

DATA...
a sua factura automàticamente, por meio de 6 selectores e de uma simples tecla de comando

MEMORISA...
todos os dados numéricos através de um teclado de registo racional.

CALCULA...
num tempo «record» com o seu cérebro electrónico (IC-MOS)

IMPRIME...
números e resultados à cadência de 17 batidas por segundo.

FUNCIONAL E ESTÉTICA, A **HERMES F-4** OFERECE-VOS UM LOCAL DE TRABALHO IDEAL.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS **ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R L**

DISTRIBUIDORES PARA O CENTRO E SUL DO PAIS
SOCIEDADE REPRESENTAÇÕES SIDA - SUECA, LIMITADA
RUA AUGUSTA, 118 4 LISBOA-2 TELEFONES 36 93 31/2

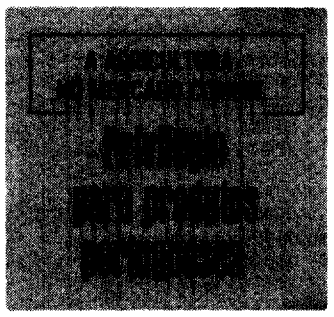
DISTRIBUIDORES PARA O NORTE DO PAIS
ESTABELECIMENTOS **SIDANORTE, LDA.**
RUA FORMOSA, 447, 1.º PORTO TELEFONES 3 45 36,'2 70 39

NA SEMANA PASSADA

. **Na semana passada**, na segunda-feira o «Diário de Lisboa» tinha, na página 8.

A economia portuguesa e o Mercado Comum

na quarta-feira, na página central (a 13), vinha, a duas colunas, este outro título



na quinta-feira, com chamada na primeira página, «A Capital» trazia, a seis colunas, a «expectativa nos meios económicos após relatório da C.E.E.»

De certo modo foi uma semana de recuperação. De recuperação de estados de espírito que poderiam ter ficado um tanto ou quanto abalados depois das declarações do embaixador Ruy Teixeira Guerra, semanas passadas, quando o presidente da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa veio traçar um panorama nada optimista quanto às possibilidades de se conseguir, da parte das instituições da Comunidade, um tratamento «compreensivo».

Ora a semana passada começou bem. Logo debaixo do título de segunda-feira vinha:

«No seguimento de um programa de contactos regulares estabelecido em 1970, deslocou-se, pela terceira vez, a Lisboa, a Comissão para a Cooperação Europeia e Internacional do Parlamento da República Federal Alemã, para uma série de reuniões com o Grupo de Trabalho constituído para o efeito na Associação Industrial Portuguesa. O tema do encontro foi o seguinte: «Alargamento da Comunidade Europeia — consequências soluções para a economia portuguesa/problemas da política de concorrência na Europa.»

E, depois do relato da reunião, não se pode dizer que as conclusões desmereçam, não obstante nos pareça que os prazos são bastante dilatados.

«Depois das trocas de impressões havidas, chegou-se à conclusão de que devem prosseguir os esforços efectuados com o objectivo de uma aproximação de Portugal com a Comunidade Europeia, e bem assim, em determinados aspectos, intensificar os contactos com os países membros da C.E.E. Como meio adequado a este efeito, propôs-se a continuação das trocas de impressões e o intercâmbio de informações, sob a forma de reuniões de trabalho.

Neste sentido, ficou marcada uma nova reunião em Lisboa de 1 a 5 de Novembro deste ano, na qual serão abordados assuntos relacionados com a evolução das diligências de Portugal junto da Comunidade Europeia.

Para que esta cooperação possa resultar mais significativa e eficaz, decidiu-se que, em 1973, se inicie um sistema de reuniões alternadas em Bona e em Lisboa.

Mas a notícia mais francamente recuperadora foi a de quarta-feira, com repetição na quinta. Foi a de que:

«A Comissão Executiva do Mercado Comum Europeu reunida, esta manhã, em Bruxelas, aprovou um relatório elaborado por um grupo especial de trabalho, oferecendo novas e vastas concessões comerciais a Portugal, a Áustria, Suíça, Finlândia, Suécia e Islândia, os países da EFTA que não solicitaram a sua integração no grupo dos «seis».

No entanto, o relatório da Comissão Executiva, um dos órgãos da Comunidade, não é «lei», e:

«O relatório vai agora para o conselho de ministros do Mercado Comum, a fim de ser por ele aprovado na reunião que terá no Luxemburgo em 24 e 25 do mês em curso, abrindo assim as portas a novas conversações com os seis países já referidos e até se chegar a acordo total antes de 1 de Julho.»

Ora, a notícia de quinta-feira traz reservas de fazer pensar:

«Várias entidades que têm intervindo nas negociações, e com quem contactámos esta manhã, chamaram designadamente a atenção para a circunstância de aquele Conselho ter já reduzido propostas sobre concessões a Portugal feitas noutras ocasiões.

Por outro lado, soubemos que o relatório aprovado pela comissão executiva não está ainda em poder do Governo português, pelo que se ignoram as suas particularidades.»

Não obstante as reservas, as declarações do presidente da Associação Industrial Portuguesa, nesse mesmo recorte, são optimistas ou, pelo menos esperançadas.

«Disse-nos o eng.º Carlos Alves:

— A notícia é agradável — ainda que se trate de uma simples proposta —, pois a lista dos produtos sensíveis era demasiado dura para o nosso País. Tanto maior quanto a Suíça, país mais desenvolvido do que Portugal, obtivera já concessões que a colocavam numa posição muito mais vantajosa.

Sendo nós um país menos desenvolvido, é de esperar que a Europa nos dê uma oportunidade para que nos aproximemos dos países com índices de desenvolvimento mais elevados.

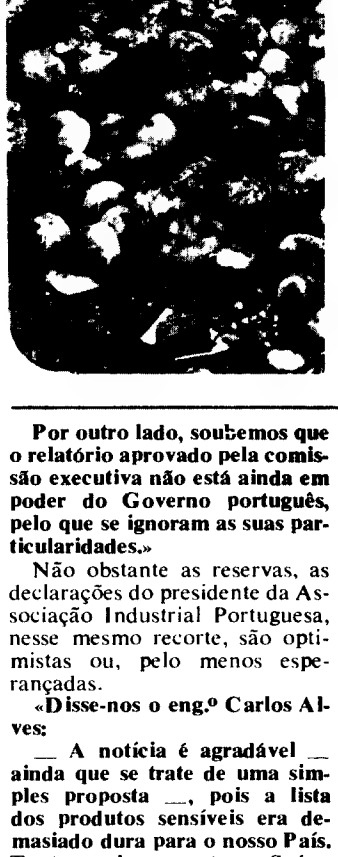
Podemos confiar nos nossos excelentes negociadores. Mas não podemos esquecer que também todos nós temos de saber trabalhar muito e bem.»

Na verdade é do que estamos à espera. «Que a Europa nos dê uma oportunidade». Mas o que foi o anexo G do tratado de Estocolmo que instituíu a E.F.T.A.? Como escreveu num livro sobre o que é o Mercado Comum:

«Em resumo: precisamos de tratamento especial, de um anexo G ou sucedâneo, e estamos abertíssimos às novas tecnologias trazidas pelo capital externo.

«Que se espera? Negociações arrastadas. (...)»

As alternâncias de esperança-desesperança, de desalento-optimismo, nem pareceriam de comentar ou de fazer pensar, neste tipo de «negociações», se não fosse de acrescentar a sensação de que o processo, pelo menos **na semana passada**, parece ter passado totalmente à margem de intervenção ou ao menos de informação do nosso Governo.



A AGRICULTURA EUROPEIA EM CRISE

Perante os problemas importantes com que o capitalismo francês se debate no momento actual, sejam eles de natureza financeira ou de ordem económica, e perante ainda as dificuldades que ele sente existirem nos restantes países europeus com o mesmo sistema de produção, ele deposita algumas esperanças — que não poderão deixar de ser temporárias — no Mercado Comum.

Do ponto de vista agrícola, o Mercado Comum aparece na boca dos principais responsáveis pela política e pela economia francesa actual como uma espécie de salvação para os agricultores franceses e europeus e, de uma forma geral, para o futuro de toda a Comunidade Económica Europeia. Como o próprio Presidente da República da França o afirmou recentemente, sem um Mercado Comum Agrícola suficientemente forte, esboroam-se as possibilidades de uma união económica, monetária e política de que a Europa actualmente carece.

Vários factos estão efectivamente na base de tão grande preocupação por parte do capitalismo agrícola europeu e, portanto, francês, nomeadamente naquilo que se refere à sua posição relativamente ao capitalismo norte-americano. Assim, por exemplo, as exportações americanas para os países da Comunidade Europeia passaram de 21,8 por cento, em 1958, para 22,2 por cento, em 1970.

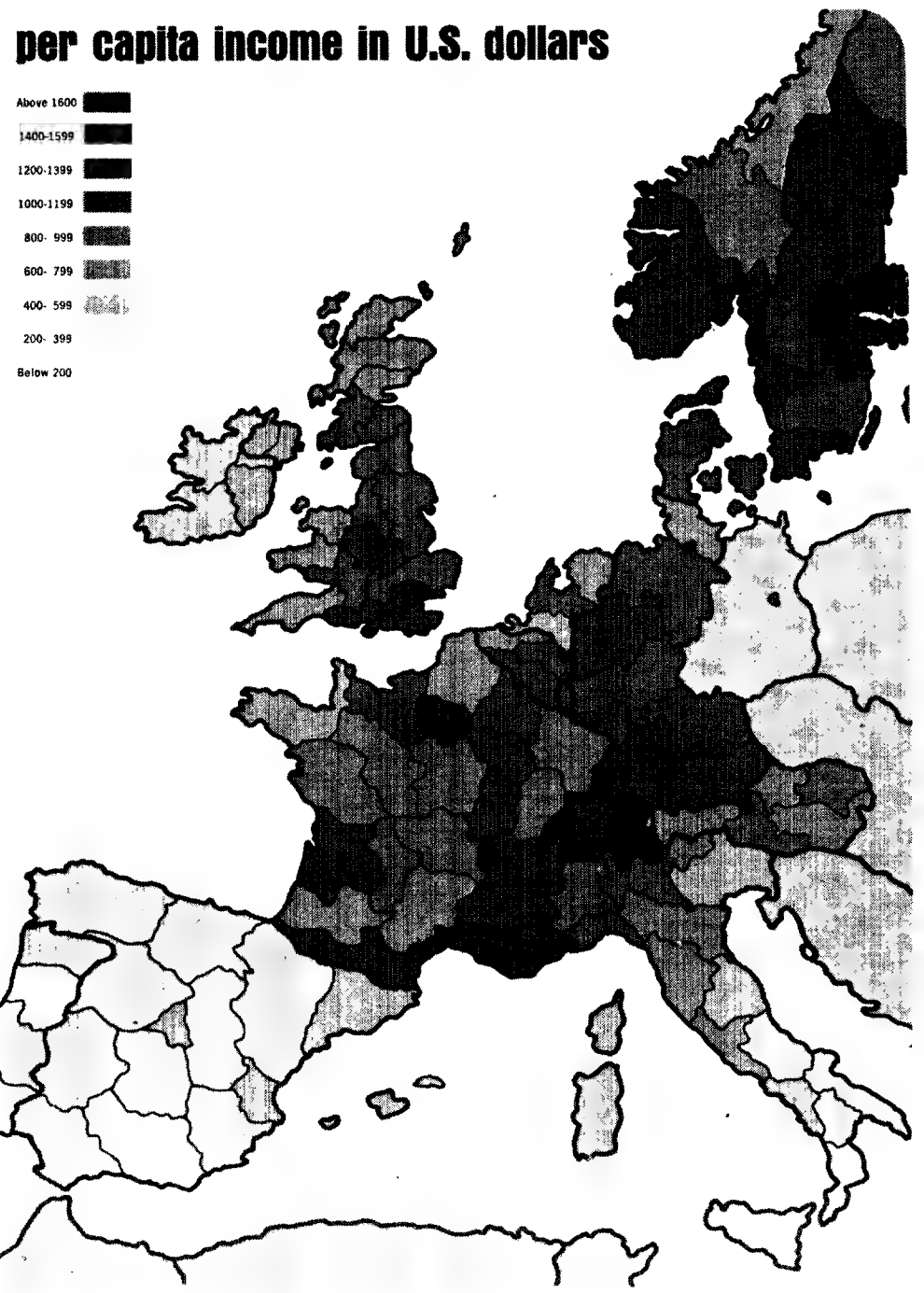
A actividade comercial em sentido inverso não foi suficiente para impedir o agravamento do défice da balança comercial agrícola dos países da Comunidade Económica Europeia em relação aos E.U.A., défice quele que variou de 680 milhões de dólares, em 1958, para 1545 milhões de dólares, em 1970.

Números de certo modo alarmantes que, no entender dos representantes do capitalismo europeu, exigem um reforço da integração agrícola (e económica) dos países da Comunidade, já que sem essa união de esforços parece pouco viável o defrontar com o capitalismo agrícola norte-americano.

Todavia, se aquele reforço de integração surge como uma necessidade do próprio capitalismo europeu, na sua generalidade, não deixam de aparecer contradições entre as principais potências que o constituem, traduzindo-se numa tentativa de dominação deste ou daquele país que se julga em melhores condições materiais para exercer tal domínio. E se por detrás da salvação os agricultores que os epígonos do capitalismo francês antevêem no Mercado Comum se acha, em última análise, o desejo da sua hegemonia, o capitalismo alemão, pelo seu lado, não abdica de idênticas pretensões, como se verificou há pouco tempo nas recentes intervenções dos seus mais importantes responsáveis e nos últimos acontecimentos ocorridos nas reuniões de Bruxelas. Se tais contradições se acham momentâneamente removidas, parece não haver dúvidas de que persistem as bases reais para que elas voltem a surgir mais tarde ou mais cedo.

Entretanto, todo o corpo que constitui a agricultura dos países da Comunidade Europeia debate-se com sérios problemas que não tem conseguido resolver. De uma forma geral, o nível de vida de uma vasta maioria dos seus agricultores continua a ser medíocre. A integração agrícola e as medidas internas que a acompanham se podem melhorar os níveis de vida dos que se mantêm na agricultura, não o conseguirá seguramente no que diz respeito aos que, em consequência daquela mesma política agrícola integracionista, terão de abandonar o sector da agricultura.

Problemas graves, estes últimos, e insolúveis no quadro actual dos países da Comunidade Europeia.



Edifício Castil - um empreendimento da GI, Sociedade de Gestão Imobiliária, SARL

A CIDADE E A SUA LEITURA

Cada cidade tem o seu temperamento. A sua vida própria que se pressente na pulsação das ruas; no contacto com os seus habitantes, nas evidências dos seus edifícios, na memória dos seus monumentos, na respiração de um comum, estar de pessoas e objectos que é o termómetro imediato da trama social existente.

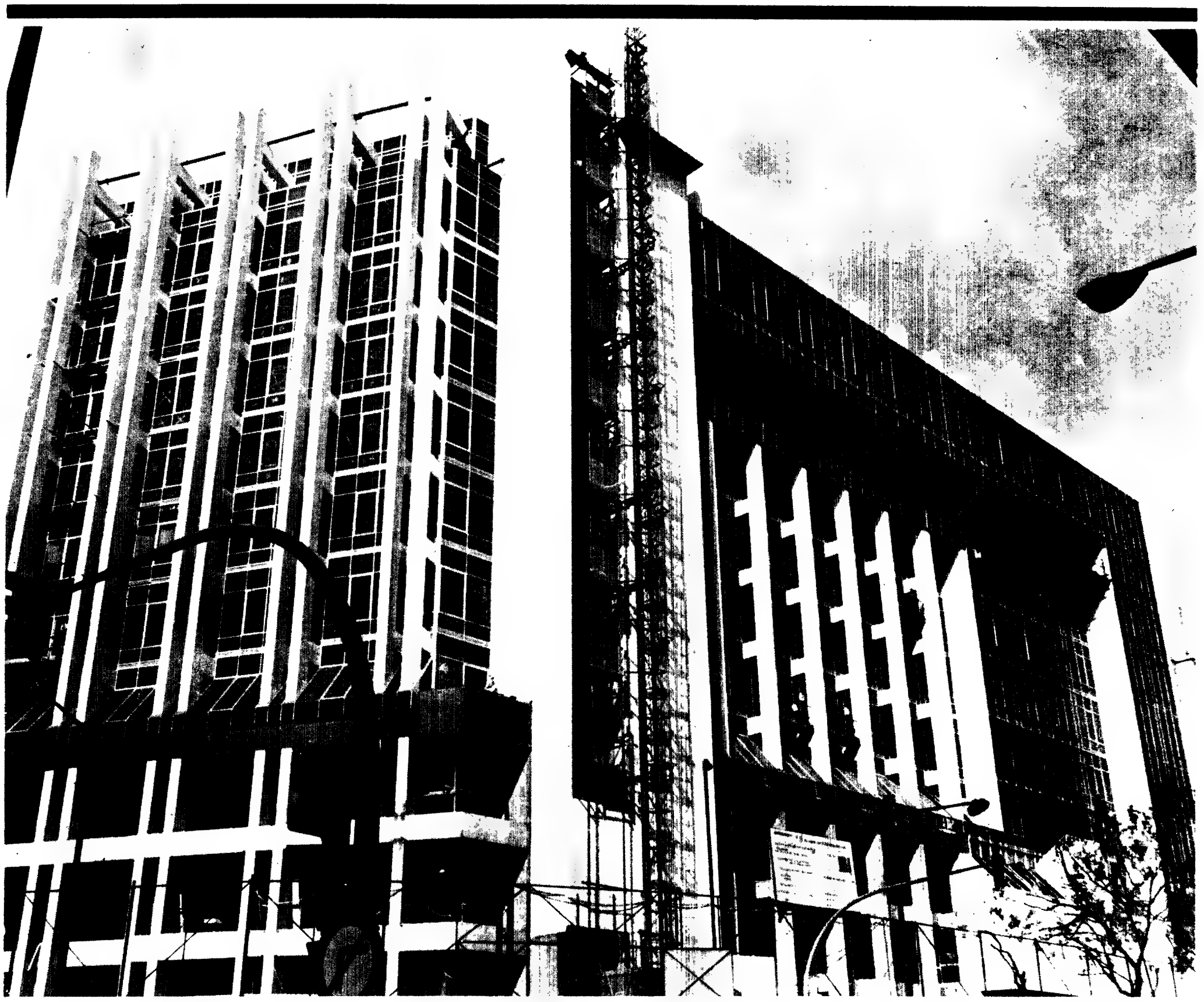
Uma cidade é um gigantesco organismo vivo que acumula a história que os seus habitantes estão vivendo. É vítima e carrasco. Vítima dos que as descaracterizam ao sabor de interesses imediatos sem se preocuparem com a sua vivência. É carrasco porque absorve as descaracterizações despersonalizando-se, esbanjando as suas potencialidades, adquirindo uma fisionomia que em sucessivos acréscimos vai pesando na consciência dos seus habitantes.

Não menos verdadeira é a inversa e em cada edifício que a dignifica, revitaliza-se pujante em torno dessse ponto de vibração.

Uma cidade lê-se. Uma leitura fotogravável feita de transparências descontínuas, de cor, luz, cimento, vidro. Uma leitura penosa no que concretiza a sua erosão e orgulhosa no que contribui para a sua identidade.

Lisboa é uma cidade que tem vindo a ser destruída, como já o afirmou o engenheiro Santos e Castro, ao sabor de especulações que nada têm a ver com o seu património cultural. Os exemplos são superlativos e susceptíveis de serem reduzidos numa fórmula que já entrou na sabedoria popular a «arquitectura de pato-bravo» que, como é evidente não sendo arquitectura de espécie alguma é bem visível.

Tem-se lutado contra esse cancro que minou várias zonas da cidade, algumas já com marcas indeléveis, e desse esforço têm surgido edifícios que valorizam Lisboa, que a actualizam sem desintegrarem o que ao longo dos séculos tem vindo a constituir o seu substracto cultural. E todos os dias surge mais um edifício. É um sinal dos tempos. Mas não menos importante sinal dos tempos são alguns edifícios que adquirem rápida notoriedade pela sua presença significante. Neste caso inclui-se o Edifício Castil, cuja fachada é um centro irresistível de atracção pelo rigor e pela beleza das suas formas que ràpidamente o tornaram conhecido, e que hoje foi visitado pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa que assim quis honrar com a sua presença, uma obra de arquitectura significativa no contexto urbano da capital.



empreiteiro geral e coordenador do empreendimento

ENGIL

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÃO CIVIL SARL

R. Conselheiro Fernando de Sousa, 21/A

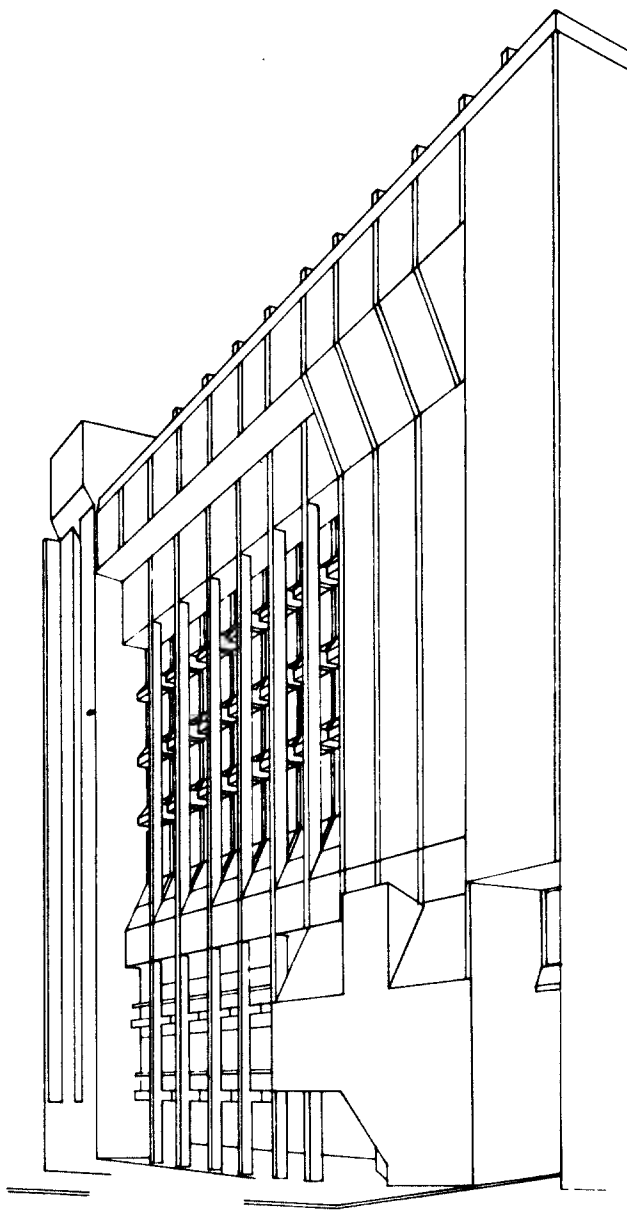
O Presidente da Câmara presidiu à inauguração do Edifício Castil

. Um belo edifício, que pela função a que se destina bem poderá ser considerado de utilidade pública, foi esta manhã inaugurado na esquina das Ruas Castilho e Braamcamp, durante uma cerimónia presidida pelo eng.º Santos e Castro. Assistiram ainda ao acto, que se revestiu de grande significado, os srs. eng.º Castelo Branco, presidente do Conselho de Administração da GI-Sociedade de Gestão Imobiliária, SARL; eng.º Valadas Fernandes, administrador da mesma empresa; eng.º Lopes Pereira, administrador-delegado da GI; eng.º Preto Rebelo, administrador da ENGIL; e arquitecto Conceição e Silva, do atelier que projectou o edifício.

O presidente da Câmara Municipal, que foi cumprimentado pelos administradores da GI e da ENGIL, visitou o andar que em Setembro começará a funcionar como andar modelo, detendo-se na apreciação do modo como os espaços foram organizados e na qualidade dos acabamentos. O sr. eng.º Santos e Castro, fazendo considerações sobre tudo quanto lhe era dado apreciar, verificou a organização dos três pisos de lojas, bem como a organização do cinema.

Por último, o presidente do Municipio lisboeta deteve-se no parque de estacionamento, onde apreciou uma exposição de todos os actuais empreendimentos que a GI tem em curso (Edifício Castil, Avenida Abade de Faria e Urbanização do Alto Dafundo e ainda do imóvel das Amoreiras, já construido, na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa). Interessado pelas perspectivas que os empreendimentos GI vão proporcionar à capital e aos arredores por onde eles também se estendem, o sr. eng.º Santos e Castro teceu rasgados encómios ao que observara, felicitando ainda os administradores da GI e da ENGIL pelas obras que estão a levantar.

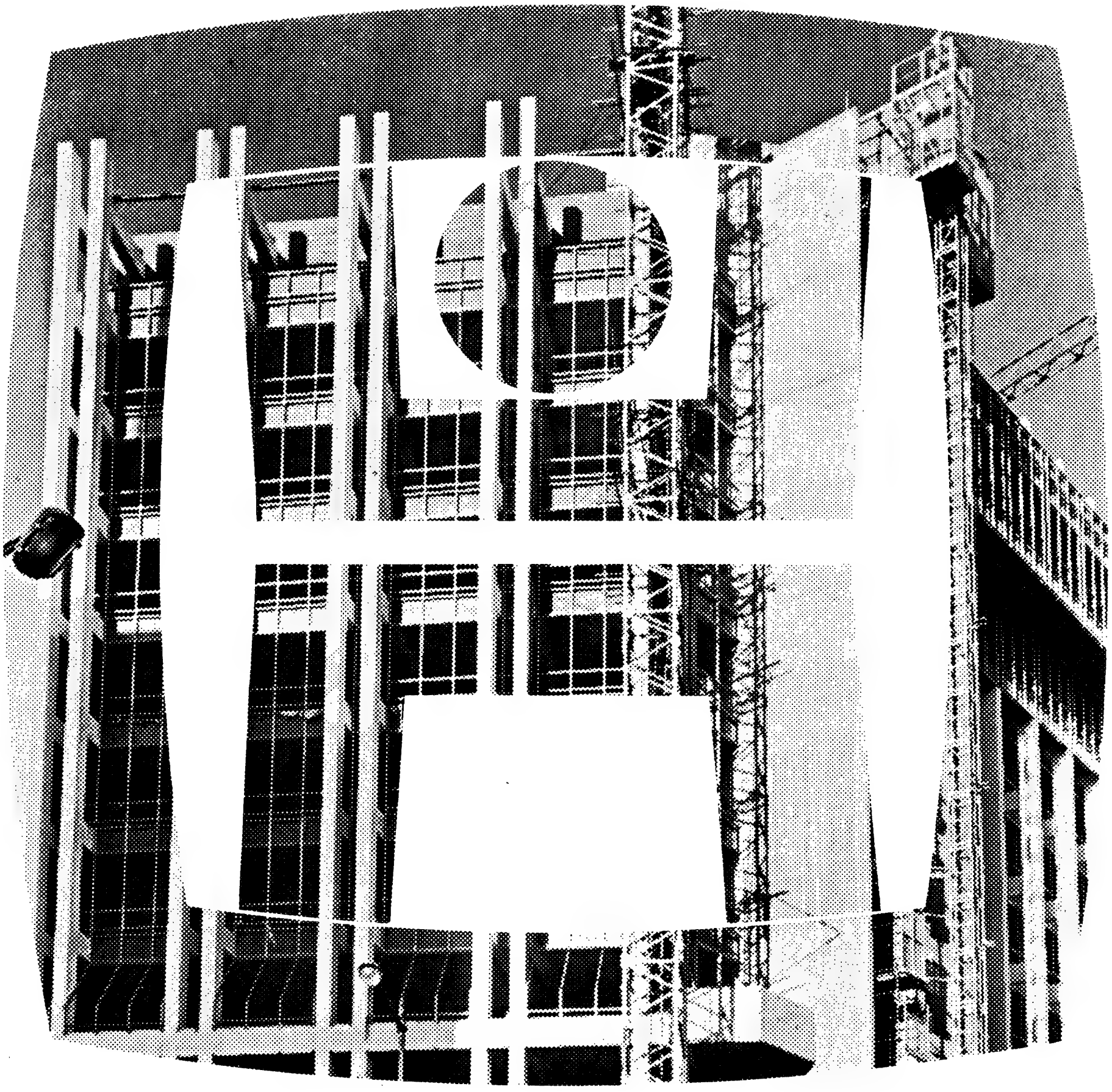
serralharia artística
do corvo



Edifício CASTIL

Moldamos o metal na imaginação da arquitectura
Construimos o "MUR-RIDEAU"

2



BANCO DA AGRICULTURA

QUEM SERVIMOS FALA POR NÓS

Os empreendimentos imobiliários não são a nossa profissão.
Mas pode ser a daqueles que confiam no nosso apoio.
E o nosso apoio está onde o progresso se conquista
— na Indústria, no Comércio, nas grandes actividades.
Somos apoio. Em muitos casos — decisivo.
Através da nossa técnica em evolução rápida.
Através dos nossos serviços em melhoria constante.

BANCO DA AGRICULTURA

Um edifício aberto ao ritmo do trabalho

PROJECTO DE ARQUITECTURA
Atelier Conceição Silva

ESTRUTURA
Professor eng.º João Francisco Lobo Fialho

AR CONDICIONADO
Eng.º Camacho Simões

ELECTRICIDADE
PROJEL - Projectos de Electricidade, Ld.ª

ÁGUAS E ESGOTOS
Salvador Nunes, Ld.ª

CONSTRUÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
ENGIL - Sociedade de Construção Civil, S.A.R.L.

AR CONDICIONADO
Zona de escritórios
AUXIAL - Auxiliar da Alimentação Portuguesa, Ld.ª

Sistema automático de sinalização do Parque de estacionamento
Afonso de Paiva e Pona

Zonas de circulação borracha estriada
GUMITECNA - Sociedade de Comércio e Representações, Ld.ª

Mur-rideau do Edifício
Serralharia Artística do Corvo

I - Composição e Definição do Edifício

O EDIFÍCIO CASTIL é composto essencialmente por:

A - Piso Técnico (1)
B - Estacionamento CASTIL (2, 3 e 4)
C - Cinema CASTIL (5, 6 e 7)
D - Galerias CASTIL (5, 6 e 7)
E - Escritórios CASTIL (8 a 15)
F - Núcleos de Acesso
G - Instalações Sanitárias (em todos os pisos)

A - PISO TÉCNICO

E o piso de cota mais baixo e onde se situam vários serviços, tais como, recolha e bombagem de esgotos, recolha e compactação de lixos e arrecadações dos serviços de limpeza e assistência ao Edifício.

B - PARQUE DE ESTACIONAMENTO CASTIL

Desenvolve-se em três pisos, interligados por rampas. As entradas e saídas para o exterior efectuam-se no piso térreo do lado da Rua Castilho e por baixo do cinema. O parque tem ligação directa através de escadas e elevadores a todas as lojas e escritórios. Está equipado com um sistema de «contrôle» e sinalização inteiramente automático, e destina-se a ser utilizado por qualquer pessoa, mediante o pagamento de uma importância que será função do tempo utilizado. Para fomentar uma grande circulação de carros e, portanto, uma ampla utilização, as tarifas são do tipo progressivo, isto é, a aumentar em função do tempo utilizado. Para os períodos nocturnos há tarifas especiais. Poderá, eventualmente, haver no parque carros «abonados», isto é, com pagamento mensal, e com direito sempre a um lugar (muito embora possa não estar definido especificamente). Poderá haver também «boxes».

O sistema de «contrôle» a instalar no parque será o primeiro no género em Portugal e será idêntico aos melhores existentes em diversas cidades, nomeadamente Paris, Bruxelas e Madrid.

Constará essencialmente de um sistema em que, só depois de se retirar um bilhete do distribuidor existente à entrada do parque, a barreira que impede o acesso se abrirá.

À saída, com o mesmo bilhete e em função do número de horas que o carro permaneceu no parque, efectua-se na caixa o pagamento, após o que abrir-se-á outra barreira que permitirá o veículo sair livremente.

Dentro do parque haverá indicação dos caminhos a seguir através de sinalização apropriada e semáforos. Para ajudar as manobras de arrumar e retirar carros, há pessoal devidamente habilitado.

O parque tem uma capacidade de mais de 200 veículos.

Está equipado com um sistema próprio de ventilação forçada através de uma caixa de ar, existente em toda a periferia.

Os acabamentos do parque foram bastante cuidados, sendo o pavimento em mosaico Klinker estriado e as paredes em betão descofrado ou blocos de cimento pintados. A iluminação é feita através de armaduras suspensas de calhas metálicas.

C - CINEMA

O cinema que se designará por CASTIL, tem entrada pela Rua Castilho, através do piso situado ao nível da rua (5.º piso), onde se encontram também as bilheteiras.

Terá uma capacidade de cerca de 500 lugares e irá funcionar em sessões entre as 14 e as 24 horas.

Terá amplos «foyers», um bar e fica com comunicação com o 6.º piso (2.º de lojas).

Todo o projecto do cinema foi concebido de modo a proporcionar, aos seus utilizadores, a maior comodidade. A sua decoração estará de acordo com as exigências actuais de um empreendimento deste tipo.

Prevê-se a sua abertura no início da próxima temporada.

D - GALERIAS CASTIL

São constituídas por três pisos (5.º, 6.º e 7.º), comunicando entre si através não só dos acessos comuns a todo o prédio como, eventualmente, através de outros quer privativos das lojas, quer do conjunto. A existência de espaços vazios no seu interior permite uma interligação entre todas as lojas situadas nas galerias e a possibilidade de uma visua-

Continua na pág. VII

vachette

equipou o Edifício Castil
com fechaduras e ferragens

representante exclusivo em Portugal:
Sociedade Comercial de Importações Manuel Osório, Lda.

Rua Conselheiro Barjona de Freitas, 7/A - LISBOA
Telefones 787247/ 769098

COLABORANDO COM OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

Projectos e Instalações de: ILUMINAÇÃO
FORÇA MOTRIZ
TELEFONES
RÁDIO E TV
MESA DE COMANDO
QUADROS GERAIS E PARCIAIS
PROTECÇÃO CONTRA
AS DESCARGAS ATMOSFÉRICAS

Da nossa linha de fabrico:
TECTOS ELEKTRO-METALL SISTEMA 20
PROTOM condutas electrificadas embebidas no pavimento

FORNECEMOS E INSTALAMOS
Todas as unidades de condicionamento de ar
da nossa representada Slant/Fin (modelo Climate Command)
para a zona de escritórios do Edifício Castil.

As unidades Climate Command garantem:

Um sistema perfeito de aquecimento - arrefecimento
em edifícios de unidades múltiplas.

Simultaneidade no aquecimento - arrefecimento
das zonas por controle individual (termostático).

Maleabilidade da instalação
no que se refere ao tratamento de ar
em cada sala ou gabinete condicionado.

AUXIAL
AUXILIAR DA ALIMENTAÇÃO PORTUGUESA, LDA.
Rua Possidónio da Silva, 158-A, 2.º Esq.-Lisboa

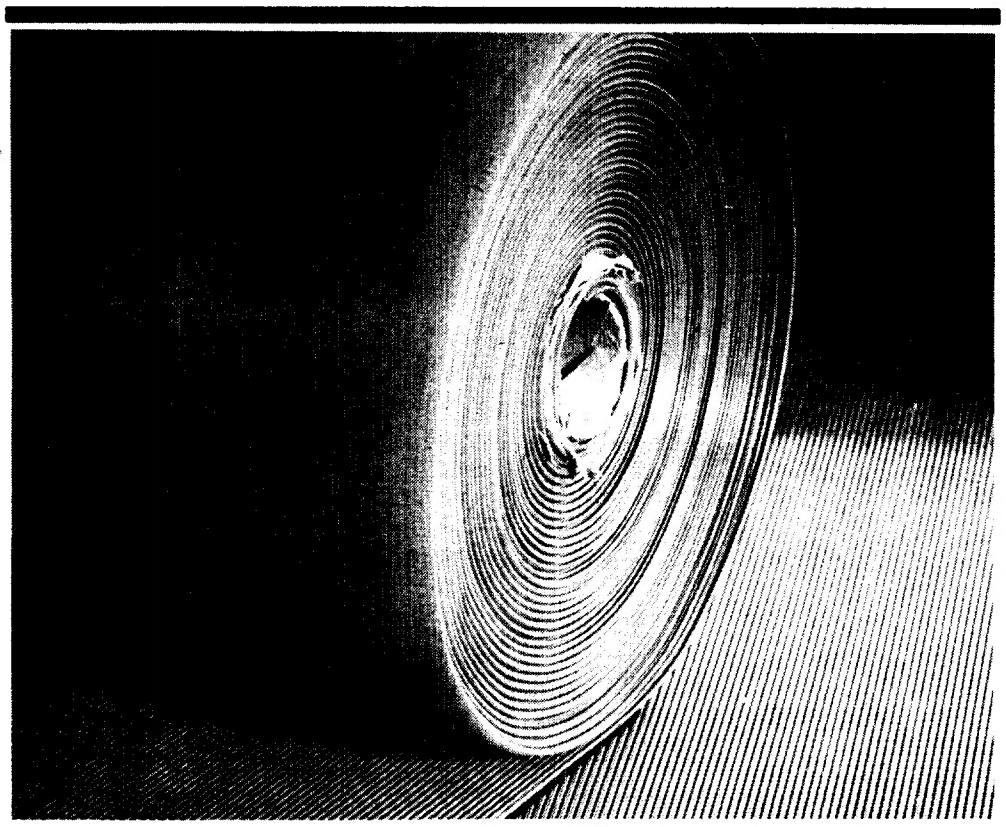
SALVADOR NUNES

PARA O EDIFICIO CASTIL

Projectamos - Instalamos
- Redes de águas
- Redes de esgotos elevados
- Bombagem de esgotos das caves

Utilizamos Torneiras KWC

Rua Pereira e Sousa, 9 r/c Dto Telef. 687642 - Lisboa



As zonas de circulação "corredores e escadas"
do Edifício CASTIL
são revestidas em borracha estriada TRELLEBORG
escolhida pela sua alta resistência.

TRELLEBORG UMA BORRACHA PARA CADA FIM

Representada em Portugal por:
SCR sociedade de comércio e representações, ldª
LISBOA - departamento GUMITECNA
av. madrid 2-C - tel. 719191 (5 linhas)
PORTO - rua santos pousada, 692 - tel. 58924

Continuação da pág. v

lização bastante completa de cada loja, uma vez que ela pode ser observada de diversos pontos.

As lojas serão delimitadas por estruturas metálicas de alumínio e vidro, o que aumentará ainda mais o seu interesse do ponto de vista comercial.

Todos os espaços comuns serão explorados pela Administradora do Edifício, sendo acabados com pavimento de borracha preta estriada e com tectos falsos de lâminas metálicas com armaduras incorporadas.

Existem, desde já, várias lojas com espaços adquiridos para as suas instalações (Loja das Meias, Valentim de Carvalho, Fotocâmara, uma «boutique» para jovens, uma galeria de arte, uma livraria e tabacaria, etc.).

Prevê-se a instalação nas Galerias de mais os seguintes tipos de lojas: cafetaria-bar, pub, snack-bar ou restaurante, florista, cabeleireiro, joalharia, loja de brinquedos, sapataria, perfumaria, artigos de decoração, etc..

E - ESCRITÓRIOS CASTIL

Estão situados nos 8 pisos mais elevados do Edifício (8.º a 15.º). Os quatro primeiros pisos foram divididos em 9 escritórios, os dois seguintes em 8 escritórios e os dois últimos em 3 escritórios. Com esta compartimentação obtiveram-se 58 escritórios com áreas que variam entre 33,20 e 450 m2.

Poderão ser estudadas áreas diferentes das previstas (ou quando já não existirem unidades com determinada área), mediante a associação de escritórios de área inferior. No entanto nunca se poderão deitar abaixo paredes do corredor, pois é através deste que se faz a extracção do ar «viciado» dos escritórios.

Todos os acabamentos dos escritórios foram elaborados de forma a proporcionar uma racional utilização dos espaços.

Com esse objectivo, foram incorporados no pavimento calhas para passagem dos cabos de alimentação de electricidade, telefones «time-sharing», telex, etc.. A profusão de calhas existentes proporciona aos utilizadores a colocação das tomadas para os referidos aparelhos em qualquer local. Junto à porta de entrada de cada escritório, situa-se o quadro de «contrôle» de iluminação.

Houve particular cuidado no isolamento acústico, quer entre escritórios, quer entre escritórios e corredores, quer ainda entre pisos, permitindo também o isolamento de som em relação aos barulhos exteriores da circulação rodoviária. Em cada caso específico, foi utilizado o material mais conveniente, nomeadamente lã mineral, aglomerado negro de cortiça e argila expandida.

Os acabamentos de todo o edifício, particularmente na zona dos escritórios, são caracterizados pela existência de materiais que lhe conferem um cunho de alta categoria, sendo de destacar, sob este ponto de vista, a profusão de rodapés, rodatectos, vários painéis de paredes, guarnecimentos de vãos e de portas em alumínio e aço inoxidável.

Também para as paredes foram escolhidos acabamentos adequaodos. Assim, as dos corredores serão revestidas a termolaminado e as dos escritórios a linóleo.

Os escritórios principais são providos de uma instalação sanitária privativa, equipada com água quente e fria.

Os escritórios foram concebidos de forma a permitir uma rápida e fácil ocupação.

ANDAR MODELO DE ESCRITÓRIOS

Para um melhor e mais perfeito conhecimento, equipará a GI, em colaboração com as mais conceituadas firmas de equipamento de escritórios, todo o 9.º piso, permitindo uma visualização, não só dos acabamentos, como também fornecendo uma sugestão do modo como cada firma poderá instalar-se dentro de cada espaço.

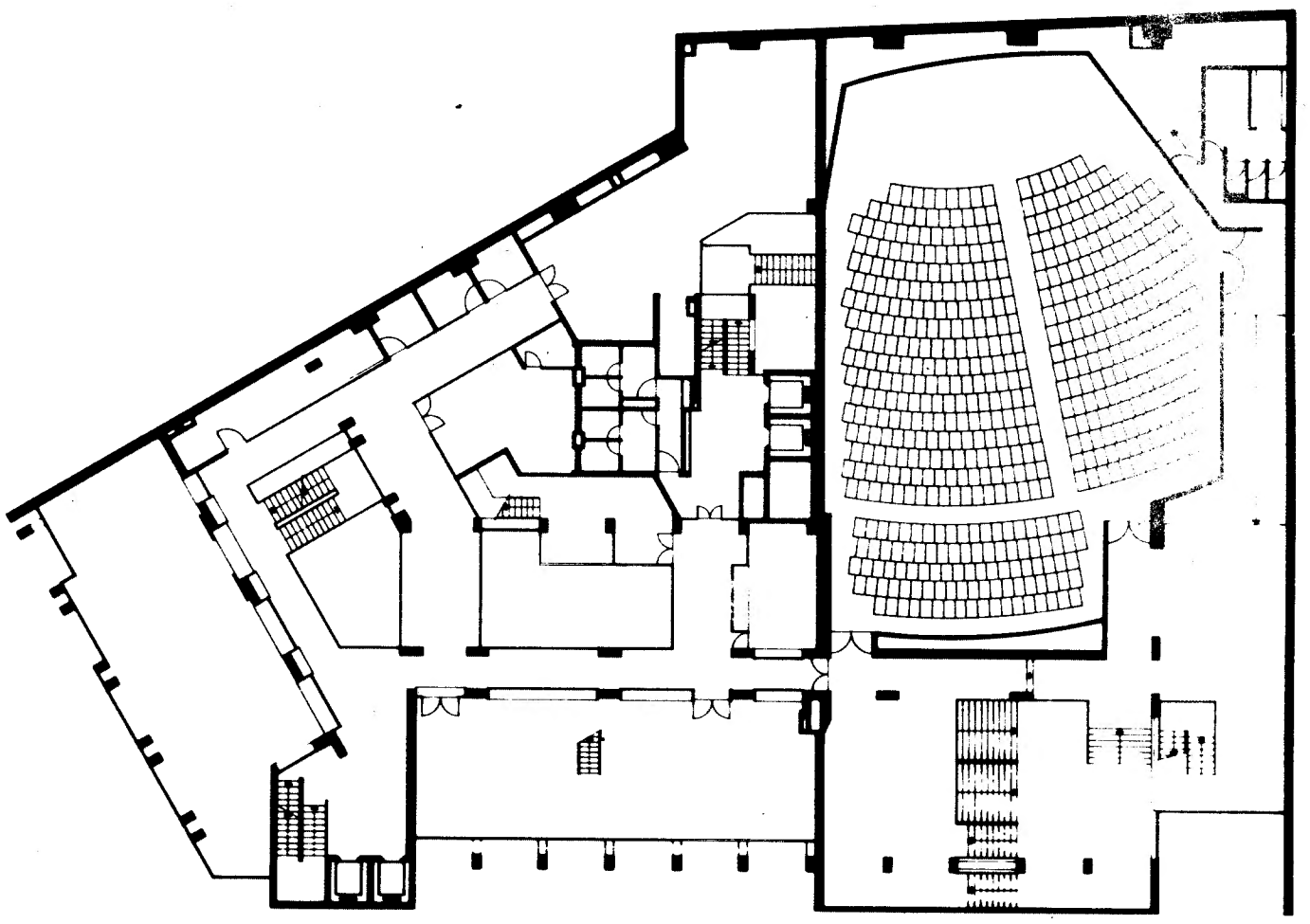
F - NÚCLEOS DE ACESSO

Existem dois, um localizado no ângulo das Ruas Braamcamp e Castilho e outro na fachada posterior. São idênticos e cada um deles é composto por escadas e dois elevadores de acesso.

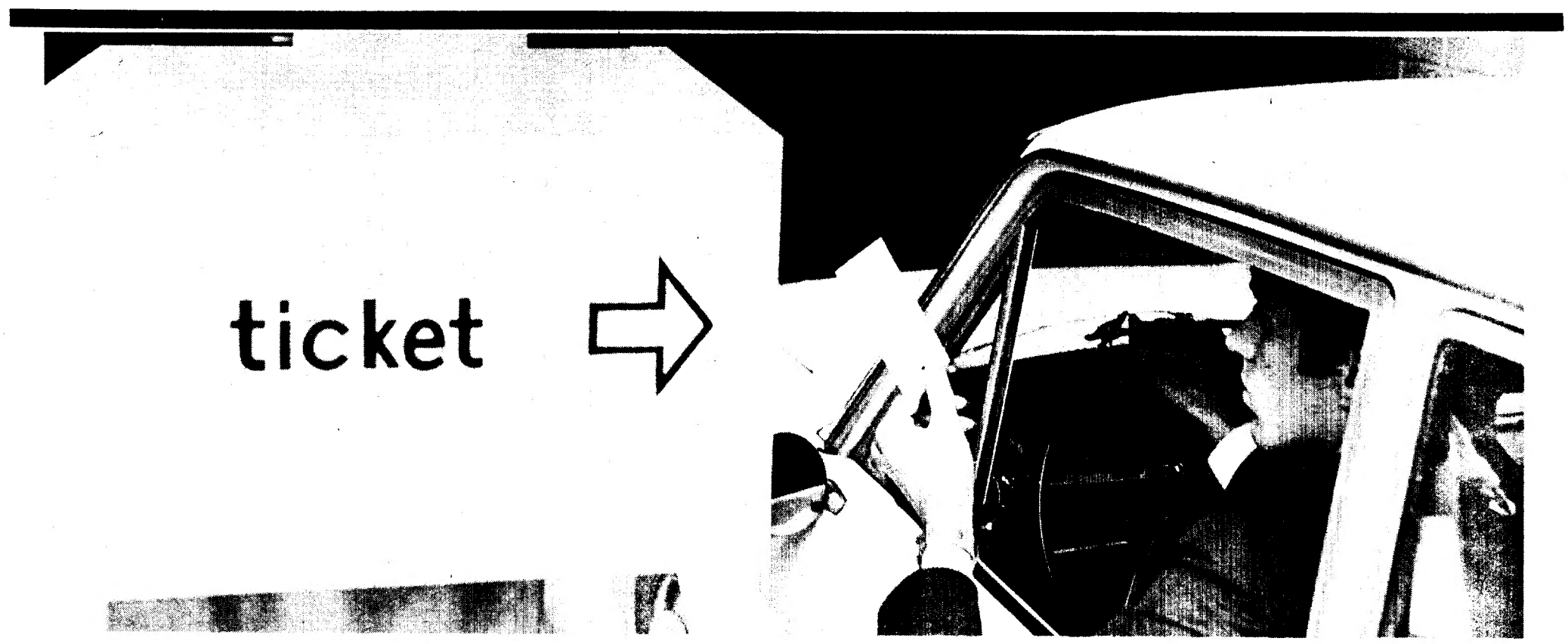
Os elevadores são da marca Schindler. Cada elevador tem capacidade para transportar 10 pessoas, com uma velocidade de 1,75 m/seg..

As portas do patamar são de aço inox, de abertura central e funcionamento automático. Possuem comando Duplex colectivo-selectivo na subida e na descida.

A cabina é revestida interiormente a termolaminado, igual ao dos corredores e está ligada com a portaria através de telefone. Em cada patamar, e junto aos elevadores, existem painéis com indicação do piso, escritórios existentes naquele andar e um relógio.



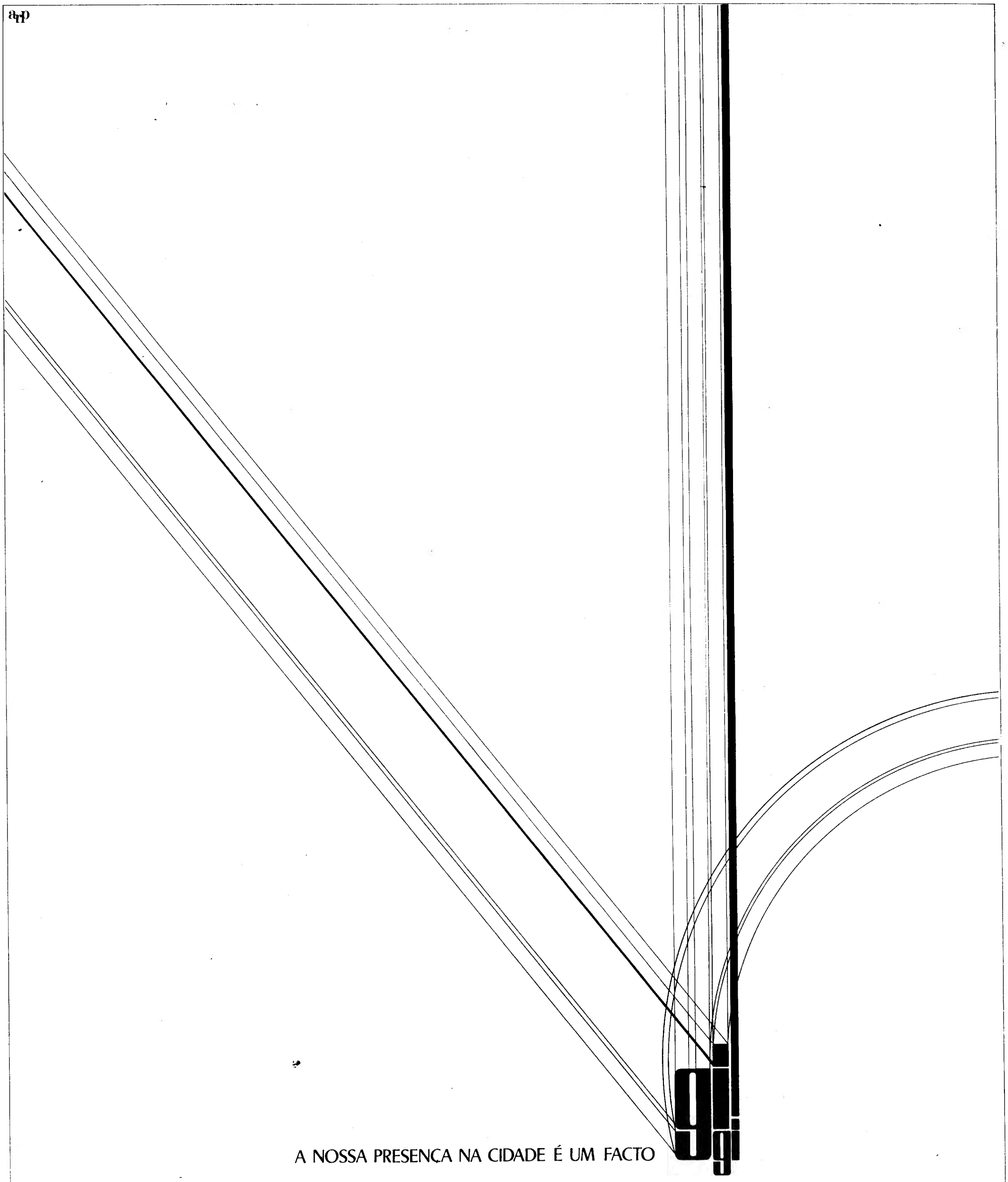
Planta de um piso de lojas onde se verifica a sua relação com o cinema, com capacidade para mais de 500 pessoas, que brevemente começará a funcionar.



AFONSO DE PAIVA E PONA
equipou:

Com sistemas automâticos de controle e sinalização, da sua representada CFEE o Parque de Estacionamento Castil.

Av. D. Rodrigo da Cunha, 5-2º Esq. - Sul - Lisboa Telefone 71 01 65



A NOSSA PRESENÇA NA CIDADE É UM FACTO

Intervimos na estrutura urbana
introduzindo novas concepções de espaço
nas malhas pré-existentes
Rua Castilho, Rua Abade Faria,
Avenida Conselheiro Fernando de Sousa
ou propondo novas dimensões de vida integrada na cidade
Urbanização do Alto do Dafundo.

SOCIEDADE DE GESTÃO IMOBILIÁRIA SARL
RUA D. PEDRO V · 2 A 6 · LISBOA
T. 32 51 27 / 32 70 12